

***COM O SOL
DO OUTONO
SOBRE OS OMBROS
outros escritos sobre pessoas
cenas cenários e silêncios
de aldeias da Galícia***



***Carlos
Rodrigues
Brandão***

*Agora recordo uma praza valeira
por onde pasan ventos de saudades
como unha man coñecida e incerta.
Lémbrome das rúas sen aristas,
das pedras marcadas con líquenes,
dos vaporíños que soan nas tardes de néboa
cando fica o peirao en sombras e silencio...*

Luiz Pozo Garza
Primeira Memória
De: Códice Calixtino



Agora, tendo eu já também chegado ao tempo em que os anos se contam por muitas décadas, posso com um sentido de fraterna irmandade dedicar este livro ás “vellas” e aos “vellos” de Santa Maria de Ons e de outra aldeias galegas por onde andei tantas vezes. Lembrança de seus rostos ao mesmo tempo sérios e sorridentes. Serenos gestos de uma gente aldeã e sábia. Lembranças das vestes escuras das mulheres, das boinas negras cobrindo cabelos brancos dos homens. Lembranças da generosa acolhida com que recebiam um brasileiro então bem mais moço, e as suas intermináveis perguntas sobre tudo.

A quem caminhe comigo este outono

Mais de duas décadas depois de haver vivido por uma primeira vez em terras de Galícia, e de haver compartilhado o que em parte resultou neste livro, decidi-me a escrevê-lo. Melhor dito: resolvi reunir escritos mais e menos antigos e colocá-los juntos, como um conjunto de relatos de pesquisas de campo em aldeias ou entre caminhos galegos. O ano foi 1992.

O livro que trás este nome *Com o sol do outono sobre os Ombros*, foi inicialmente uma espécie de “segunda parte” de um outro livro: *Crônicas de Ons*, e cuja leitura ousou sugerir a quem me leia, antes de viajar comigo entre as páginas, as imagens e as memórias deste “outono galego”. A primeira ideia foi a de escrever um só livro. Mas como em tempos em que um livro “de bom tamanho” não deve ultrapassar algo como duas centenas e meia de páginas, resolvi dividi-lo em dois volumes.

Os dois são livros de crônicas, bem mais do que de rigorosas etnografias. Isto embora tenham sido escritos por um antropólogo, e ainda que os dias que me ocuparam ao longo de vários meses e quatro estações junto a pessoas, cenas e cenários das aldeias da Paróquia de Santa Maria de Ons, devam ser considerados longos e intenso momentos de uma rigorosa e densa “pesquisa de campo”, no sentido mais etnográfico desta expressão.

Talvez então seja mais justo dizer que tanto *Crônicas de Ons* quanto *Com o sol de outono sobre os Ombros*, alternam momentos mais própria e rigorosamente etnográficos, com momentos em que tudo o que desejo é recordar com palavras uma pessoa, alguns gestos coletivos entre a casa, uma *pradera*, ou outros recantos de trabalho diário e de vida cotidiana. Cenas de um correr da vida camponesa vivida entre alguns cenários como os de uma pequenina aldeia, um caminho de terra entre duas delas, um campo onde pastam lentas vacas, um outro

onde o *millo* e o *centeno* crescem¹. Ou os adros ancestrais de pequenas *igrexas* de cinzenta pedra que reúnem pessoas ao redor de alguma celebração entre prece e festa. Ou – e foram tantas as ocasiões - o lugar na casa onde uma família aldeã me convida a compartilhar um pequeno ritual ao redor de uma mesa *con patacas, grellos, carne de ovella e o bo viño do país*.

Que o leitor saiba reconhecer a diferença entre uma escrita e a outra, em dois livros que não apenas por falarem de lugares do mundo tão distantes geograficamente do território onde vivo, devem ser considerados como escritos de e entre fronteiras. De outra parte, alguns raros escritos de *Crônicas de Ons* poderão estar presentes também em *Com o Sol de Outono sobre os Ombros*. Considerei que esta dupla presença será oportuna no caso de algumas pessoas leias este livro sem haverem antes viajado entre as páginas das *Crônicas de Ons*.

Aqui e em *Crônicas de Ons* estão alguns registros e imagens das sete aldeias da Paróquia de Santa Maria de Ons, uma das paróquias do Concello de Brión, não muito longe de Santiago de Compostela. E para que o leitor brasileiro tenha uma visão de distâncias, lembro que pelo menos por três ou quatro vezes cobri a pé o percurso - em meio a sempre encantadoras aldeias de pedra - entre Santiago e Brión. E vaguei não raro buscando de propósito desvios e caminhos mais longos para conhecer uma pequena capela de pedras – como quase tudo por ali – uma aldeia quase sem habitantes, um bosque de carvalhos ou alguma desconhecida beira do rio Tambre. E então nunca caminhei mais do que uns trinta quilômetros. Para que se tenha uma outra ideia, lembro que a Galícia comporta em seu território ao Norte da Espanha um pouco mais de 29.000 aldeias. E a Galícia inteira é um pouco maior do que a metade da Ilha do Marajó, na foz do Amazonas.

1. Algumas poucas palavras em galego serão escritas em letra itálica. Vale o mesmo para pequenas frases, que poderão vir também entre aspas. Nomes de lugares e de pessoas serão escritas com a letra normal.

Como minha pesquisa de campo envolveu meses entre um janeiro e um dezembro de 1992, é preciso dizer que boa parte do que aqui descrevo e fotografo já não mais existe. Algumas pessoas - que de desconhecidas tornaram-se amigas queridas de então para sempre - já se foram. Alguns cenários mudaram depressa demais para a Galícia, sobretudo ao redor de Pedrouzos, a sede municipal de Brión. Um recanto de beira de rodovia que em pouco tempo as pessoas de Santiago de Compostela descobriram, e que agora se povoa de condomínios, da mesma forma como outras regiões de todo o mundo.

Quando retornei à Galícia e a Santiago em 1996, agora como pesquisador-bolsista do Governo Espanhol, eram então ainda poucas as mudanças. Quando voltei em 2000 e em 2006 o que encontrei ao longo dos caminhos de Santa Maria de Ons me fez pensar que o que está escrito em meus dois livros deve ser lido como algo situado em uma outra fronteira. Aquela que ora aproxima ora separa a “antropologia de agora” de uma “história de antes”. No entanto, seja como a “história de como já não é mais”, seja como a “antropologia do como é ainda”, que a ninguém espante o tom propositadamente pessoal e até mesmo afetivo com que escrevo tudo aqui. Mais do que em outras ocasiões escrevo aqui na primeira pessoa. E de comum acordo com as *xentes* de Santa Maria de Ons, coloquei em minhas crônicas os seus nomes reais, assim como o nome de seus santos, suas aldeias e seus outros lugares de partilha da vida e do trabalho.

Nunca acreditei que um relato fiel obrigue quem o narre ou escreva a ser, mais do que “objetivo”, um alguém “neutro” ou “imparcial”. Entre a objetividade e a pessoalidade encontro mais duas faces completares de uma mesma postura, do que duas alternativas divergentes do “encontro com o outro”. Algo em que a presença de uma pessoa deva excluir a outra. De outra parte, como bem pouca coisa pretendo demonstrar aqui cientificamente - pois o que desejo é pessoalmente testemunhar, imaginar e descrever - em vários momentos não me esqueci de escrever ao mesmo tempo com a mente, a memória e o afeto.

Assim sendo, o que aqui se poderá ser lido e visto é a Galícia que eu vivi antes de estudar, e que eu comparti antes de investigar. Algumas pessoas que

aqui comparecem em pouco tempo passaram de sujeitos de uma pesquisa a amigas e amigos. Uma amizade que atravessou os anos e permanece ainda. Leitores mais acadêmicos e profissionalmente rigorosos poderão desconfiar dessas crônicas escritas por um antropólogo, e há quase cinquenta anos professor de educadoras e de cientistas sociais.

Neste livro está escrito e ilustrado, entre pequenas e precárias imagens fotográficas anteriores às câmaras eletrônicas, bem mais as aldeias antigas da “gente do campo” do que as pessoas dos novos bairros e das casas de condomínio que começam a cercar *montes, prados e aldeas*. Está presente aqui mais o caminhar de quem vai a pé ou de carro de vacas, do que de trator, e mais num velho trator do que em um automóvel novo. Há mais presença da *gadanha* do que das novas ferramentas elétricas (algumas eletrônicas). Estarão espalhadas entre as páginas mais os *vellos* de boinas pretas e as *vellas* cobertas de roupas negras - e do inseparável *sombreiro galego de pallas*, do que as *rapazas* e os *mozos* a quem cada vez mais até mesmo Santiago de Compostela começa a parecer uma “cidade pequena” e imperfeita para abrigar quem sonha saltar da aldeia para uma sala de aulas da universidade e, dela, para um trabalho tão moderno e urbano quanto possível.

Aqui estarão mais presentes as solitárias ruínas de velhas casas e moinhos esquecidos do que as casas restauradas e habitadas entre uma branca e importada alvenaria. Haverá bem mais das *corredoiras* entre *montes* e de terras de trabalho entre a agricultura e a pecuária, do que as estradas asfaltadas e as pequenas indústrias que chegam à vizinha cidade de Negreira.

Quem como eu apure o “ouvido da leitura”, sentirá que está bem mais presente aqui o sonoro silêncio das frias noites do inverno galego - assim como as conversas cúmplices e quase intermináveis ao redor de uma mesa de *grelos con patacas* (meu prato favorito) junto com o generoso *viño do país* - do que as notícias que porventura cheguem às casas pela televisão. Um aparelho indevido que eu e os homens das aldeias de Ons somente ligávamos para assistirmos jogos de futebol. Repito uma vez mais. Repito. Depois de tantos anos pode ser que este

livro seja somente uma tapeçaria de crônicas mais de estórias e histórias “de como já se foi”, do que de uma antropologia de como ainda se é.

Em *Crônicas de Ons*, o mais etnográfico dentre os dois livros, demorei-me em lembrar pessoas a quem devo bem mais do que apenas “a minha gratidão”. Quero lembrá-los aqui, no plural. Creio que é como a “Xente de Ons” provavelmente gostaria de ser lembrada. E, tal como quem está sempre chegando e partindo, mais uma vez desejo dizer às mulheres e aos homens “de lá” - e a quem aqui me leia - que tudo o que aqui está, entre imagens e palavras, é devido a eles e elas. É uma singela dádiva da acolhida galega que transformou em poucos dias um estranho antropólogo de desconfiável ar “germânico em um amigo para quem a Galícia, Santiago de Compostela, Negreira, Brión, Santa Maria de Ons e Ons de Abaixo deixaram de ser um “local de pesquisa” para se tornarem um “lugar do afeto”, durante o que houve e, depois, ao longo desses anos todos.

Roteiro do caminho

*a quem caminhe comigo este outono
 outono, folhas no chão
 rio da memória
 num prado entre montes com Carmem Benigno e Amélia
 Amélia
 Domingos Esparis foi limpar o seu moinho
 Carmem e Benigno
 o afeto em família
 ao longe, o que se vê
 o desejo de ontem
 um arco-íris
 Bretanha, Galícia
 Ferreirinho
 uma feijoada em Ons
 viver a, viver na casa
 distâncias
 lugares de ir, de perder-se, de trabalhar, de viver
 o poço negro
 no santuário dos lenços
 as chuvas de Ons
 aldeias, aldeias
 uma aldeia das almas
 no trem Talgo depois de Medina del Campo
Adendo
 Aldeas – poemas de O Caminho da Estrela*



Outono, folhas no chão

Recém-chegado de haver trilhado o *Camiño de Santiago* entre Ponferrada e a Catedral em Compostela, descanso um par de dias em casa e retorno a Brión e a Santa Maria de Ons. Luciano e Rosa me recebem com o convite para irmos todos à casa onde vive Dom Ferreirós, o *cura de Bastavales*. Iríamos colher as uvas das parreiras da grande casa paroquial. Íamos, no dizem local, "vindimiar". Fomos.

As castanhas que caíram verdes e com as cascas de espinhos ainda macios, agora espetam e há dentro delas entre dois e três frutos maduros de casca escura e polida, como se saíssem das mãos de um bom engraxate. As maçãs do *país* maduram e caem ao chão, e os frutos das figueiras também estão no ponto de serem colhidos. Já não há mais peras e nem *peros*, a não ser os que apodrecem pelo chão sobre a terra dos caminhos.

O tempo enevoa, veste cinzas e caem as primeiras *heladas*. O *millo* que restou do *encilhado* amarelou em menos de uma semana e meia. Do mesmo modo, as generosas parreiras deram aos homens e às casas os frutos que deveriam ofertar após cada setembro. Agora os parreirais amarelam também e deixam cair as folhas todas. Uma a uma as parreiras querem agora adormecer e ao deus do vinho pedem um longo sono entre o frio e o gelo.

Hoje foi e amanhã deverá ser também um dia de longas sombras: nublado, escuro e frio. Acabadas as frutas do outono *o tempo en Galícia* madura o inverno. Virá a bruma, a *Brêtema*, esta bela palavra galega que acentuo de propósito para que se pronuncie como poeticamente deve ser. No caminho de volta de não-sei-onde até a casa-escola no Promeiral, cumprimento um homem que dedica o final da manhã a vigiar treze velhas vacas. O cachorrinho late pra mim. Caminho pisando com as botas meio molhadas um chão de um tapete das folhas caídas das árvores. Não são as primeiras, e até que acabe o outono muitas outras haverão de cair ainda.



Rio da memória

Uma fonte feliz eu fui um dia. Uma fonte ligeira e de águas de origem, geladas e cristalinas. Sobre este tempo primeiro eu teria horas longas de meu curso montes abaixo em busca do mar, para narrar a quem chegue às minhas margens e me diga: *quem você foi? Quem você é?*

É que sempre se disse que os rios esquecem tudo, porque são apenas o correr de suas água,. Um grego de eras muito antigas chegou a dizer que em dois momentos - um bem perto do outro - um rio já não é o mesmo. E nunca se banha o mesmo corpo duas vezes em um mesmo rio. E dizem que os rios não lembram, como não recordam as árvores e os montes. Eles se enganam sobre nós. Dizem que corrido o primeiro centenário de metros já a água cascadeante e o seu leito ainda raso entre pedras arredondadas esquecem a pequenina fonte da origem de quem são. Ou de quem foram. Águas que de tanto errarem apressadas até chegarem aos campos planos onde retardam o seu correr e adivinham adiante o fim da viagem em um outro rio, ou nas águas salgadas de um mar, não sabem mais de onde vieram. O leito, por haver-se deixado escavar pelas mãos das águas frias e pela lixa da mão do seu passar sem fim, esse sim, guarda ainda o que não esquece.

Dizem alguns que passam ao largo dos rios, ou que nos cruzam molhando os pés em águas rasas, ou sobre barcos ou pontes, que tal como o vento esquecemos quem somos e de onde viemos. Não sei o que sobre isto o rio Sar ou o seu irmão Sarela, e mais ainda, o meu vizinho e tributário, o Barcalla, pensam sobre o que pensam os homens que passam por mim, e que sobre pontes me atravessam de um lado ao outro. Um rio chamado que eu sou por eles chamado Tambre. E dizem que uma vez deixadas atrás as primeiras terras, deixo esquecida a minha fonte de origem. E, não sabendo mais de onde vim, corro pelos campos sem saber ainda para onde vou. Uma enorme pena, pensam alguns homens; uma grande alegria, pensam outros. E eu que lembro, sei: eles nunca sabem o sente um rio. E nem sabem o que ele lembra.

Eles todos se enganam, porque eu não esqueço. Bem sei que não conheço o meu destino, pois quando cada trecho das minhas águas chega ao lugar para onde vamos, e onde nos misturamos a tantas outras águas, só então é quando começo a perder o nome e o corpo. E eu descubro no que me torno ao deixar de ser quem foi Tambre, e navegava entre terras da Amahia, na Galícia. Aquilo com que os homens sonham os rios sabem: nunca eles e nós voltamos atrás, mesmo quando eles viajam de volta à sua fonte-casa de origem. Mesmo quando na sinuosa curva de algum campo eu pareço estar voltando novo às paisagens por onde passei antes.

Nunca volto, mas nunca esqueço.

Sei de onde vim. Recordo o exato lugar de meu nascimento... as outras-mesmas águas claras. Lembro esses primeiros passos inocentes, indecisos, de um riacho que um pulo de criança salta sem perigo. Aqueles são meus pedaços mais felizes. Nunca quis olvidar os cenários que fui vendo aqui e ali, de um lado e do outro de minhas duas margens: o azul dos céus de agosto; as nuvens aguadas de janeiro, mais errantes do que eu; as estrelas luzentes do verão que as minhas águas refletem quando eles quase param no *Embalse de Baña da Masa*. E ali, lento sou quase um lago triste, aprisionado antes de saltar e prosseguir. E eu aprendo a pressentir depois do lago que já ando perto do meu fim. Mas... é mesmo o fim?

Sei compartilhar. Às águas de outros pequenos rios e riachos que vou acolhendo à direita e à esquerda de meu caminho, logo pergunto de onde vieram. E antes que elas sejam inteiramente parte de mim, digo quem eu sou e de onde vim. Vamos então juntas. Somos um. Uma. E entre eu e o Barcalla há às vezes conversas de um longo viajar. Quanto mais vejo ao descer que me afasto dos lugares de onde vim tanto mais me esforço por lembrar. Esquecer é o que mais me assusta. Sou águas de memória.

Se aquele homem grego e antigo, mas mais jovem do que eu, disse que em um mesmo rio não se molha o corpo duas vezes, não é porque as águas passam e

tudo flui. É porque os outros rios esquecem de quem foram e quem esquece não é mais o mesmo.



Uma suave curva do Tambre em terras perto de Ons

Águas de memória, eu, o Rio Tambre, eis o que sou. E fluindo sempre ao longo de uma infinda breve viagem acabada onde? Eu retenho em minha subsistência transitória todas as lembranças². Não esqueci de nada e nem de coisa alguma: uma pequenina flor amarela na beira de uma margem, bem perto de onde três carvalhos retorcidos espiam os seus e os meus outonos e primaveras há trezentos e muitos anos; o passar de um par de aves de penas brancas por sobre o leito da minha calma viagem; o balé do tombar de uma primeira folha castanha e seca em meu caminho de viagens. E ela viajará comigo por onde eu vou indo um bom pedaço do destino comum. Pois tudo o que viaja em minhas águas é parte de minha alma.

E o que dizer do reflexo laranja, vermelho escuro, lilás e roxo de um por do sol num último dia de verão? E eu que por aqui, perto de meu termo de viajar já vinha lento, acalmei ainda mais o fluir de minhas águas para refletir o sol e devolver ao céu a sua palheta de cores e de tons do crepúsculo. A mecha de

² O Tambre nasce nos montes de Bocalo, em terras da Lugo, e deságua nas rias de Noia e de Muros, mais perto de Noia do que de Muros. Outros rios de perto são o Xallas, o Sar, que vem de Santiago, e o Barcala.

cores e mesclas de semitons com que ele se acabava também aquela tarde. Não sei se cheio de lembranças como eu.

Acaso é pedir muito a um pôr-do-sol que ele não esqueça a tela que pintou nos céus da Galícia por alguns breves momentos?

Sobre Silêncios e Sons

E a velha avó e madrinha de Maruja interrompia a nossa conversa e cantava cantigas ou versejava poemas populares que agora só ela sabia lembrar. E esquecia, pois os dizia aos *xovens* (nós) que a ouvíamos entre risos e sorrisos. E ela ria e sorria de começar uma cantiga antiga e não lembrar como ela acaba. Os outros, os da família, ouviam complacentes e me olhavam como quem se desculpa. E eu, querendo que aquilo durasse para sempre.

Hoje, vivi uma dupla comilança de “encilhado”, primeiro nos Cambon e, depois, na casa de Ruso. As pessoas queriam mesmo era comer e beber o vinho, servido nesses dias, sem meias medidas. Eram dias de meia festa. Na casa dos Cambon, mais restrita, o convidado de fora da família era eu. Pouco se falou entre a lareira (grande e solene) e a cozinha, e muito se comeu.

Em Ruso, entre a casa e o bar, havia muita gente da casa e de outras e se falava alto e se ria de tudo e de nada. Poucas vezes, mesmo nas festas, eu vi tanto derrame de alegria como naquela noite. Mas, para meu pesar, não se cantava e nem se dizia coisa alguma que de gravador em punho eu pudesse “recolher” como um pedacinho da cultura galega nas aldeias. De algum lugar vinha, em favor do “xovens” um som alto de música moderna e em inglês.

Num prado entre montes com Carmem, Benigno e Amélia

Fomos os quatro de manhã cedo acompanhando o carro puxado por duas vacas, O *prado* do casal fica para os lados dos moinhos, e havia um resto de bruma pelos caminhos e entre árvores. Fomos colher a *erva do gando*.

Sempre que posso peço às pessoas de Ons que me ensinem um pouco dos segredos dos seus ofícios. Aprendi alguma coisa com enxadas, forquilhas e

gadanhas. Só nunca quis aproximar-me das máquinas mecânicas modernas. Elas são perigosas e assustam os pássaros e molestam a alma das pessoas.

Foram os Cambon os que primeiro me ensinaram a lidar com a *gadanha*, no corte ritmado da *erva do gando*. Devo dizer que em tão pouco tempo nunca consegui aprender bem o jogo dos movimentos do corpo. Aparentemente simples, eles semelham um bailado que exige de quem trabalha e dança uma grande perícia. Há gestos do trabalho que precisam ser aprendidos desde a infância.



Em casa Carmen prepara o “carro de vacas” para irmos ao monte. Ele era o último carro ainda em serviço nas aldeias de Ons.

O velho Benigno foi sempre o meu professor mais paciente. Naquela manhã ele aproveitava o tempo do trabalho das mulheres no prado, bem próximo de um monte de silvas e de árvores, para cortar e recolher o *toxos no monte* ao lado. Fui com ele. Com movimentos suaves, mas sempre muito precisos, ele arrancava os *pés dos toxos* e os dispunha arrumados pelo chão. Depois, engenhosamente os enrolava como quem guarda com um tapete grosso. E era ver a áspera planta de duros espinhos deixando-se enrolar com doçura. Depois de observar os seus

gestos com atenção tentei fazer várias vezes como ele. Não consegui nenhum resultado proveitoso. Cortar os *toxos* eu até conseguia, mas enrolá-los com a precisão de Benigno, nem de longe.

Então, entre sorrisos dos lábios e os dos pequenos olhos azuis que a catarata começava a endurecer, ele tirava baforadas do cigarro e ria alto, como um bom galego, ao mesmo tempo em que me ensinava entre palavras e gestos, fazendo, refazendo e repetindo a mesma operação, passo a passo, como um professor que ensinasse a um mau aluno um ofício que parece uma dança.



Señora dos montes e dos prados. E, no entanto, apenas uma mulher de aldeia, mãe de uma filha e dona de um carro de madeira e duas vacas.

Quando reuniu o que seria um número suficiente de *rollos de toxos*, retornamos ao *prado*. Voltei à *gadanha* que Benigno trouxera para mim, e mesmo com o corpo duro e desajeitado de um mau bailarino consegui, aí sim, algum resultado. Mas cedo deixei de lado a *gadanha*, e enquanto Carmem, Amélia e Benigno prosseguiram entregues a elas, fiz algumas fotos.

Primeiro ensaiei fotos deles no trabalho do prado. E eles lidavam com as *gadañas* como se eu não estivesse ali. Amélia enchia as cestas traçadas de uma

palha dura e grossa de com grandes porções da erva cortada.

A meu pedido ela recordava tempos passados, vividos naqueles mesmos cenários. Recordava os *tempos en que eu era rapaza*. De como nas aldeias de Ons e das redondezas *mozos e rapazas* catavam *polos montes*, nas beiras dos *prados* e das *praderas*, ao longo de *corredoiras* e nos pomares dos quintais das casas os frutos e as frutas da estação.

Lembrava como enchiam com elas até além da boca as cestas que depois, com um só movimento colocavam no alto da cabeça. E contava como caminhavam de Santa Maria de Ons a Negreira e de Negreira a Baña entre *camiños e corredoiras que no son como os de agora* para levá-las a vender nas feiras. E vendiam o que colheram a troco de algumas poucas grandes moedas bem diferentes, ela dizia, das pequeninas e leves moedinhas de *pesetas*.

Em dias de boa venda uma delas poderia voltar para casa com um corte de tecido colorido, que seria a roupa da próxima *Festa de Santa Eugenia*. E então eu parecia estar ouvindo sob a sombra de algumas árvores da orla de um prado na Galícia os mesmos comentários que muitas vezes escutei de mulheres do campo no Brasil, nem tão diferentes de Amélia e de Carmen.

Pois ela insistia, entre repetidos acenos de aprovação de Benigno e de Carmen, em dizer que a vida no campo mudara muito. E que de alguns anos para cá todo o trabalho das mulheres, da *coziña ós prados*, ficou tão mais fácil que ela simplesmente não sabia do que reclamam ainda as mulheres de agora. Aquelas últimas que ainda cortam ervas, colhem *millo* e cuidam de porcos e de vacas. E a si mesma, a mim e ao casal, Amélia perguntava como haveria de ser daqui em diante. Qual seria o trabalho entre as aldeias e os montes, agora que tudo se torna mecânico, maquinal e fácil demais para ser digno de homens e de mulheres das aldeias?

Eles teriam ido ali de qualquer maneira, comigo ou sem. Era hábito de Carmen e Benigno colherem naquele lugar entre *prado e monte* - um dos mais bonitos dos altos de Nos - a *erva* para as suas quatro vacas. De vez em quando Amélia ia ajudá-los. Mas naquela manhã eles me convidaram. E eu fui ver como

aquilo acontecia. E fui para fazer perguntas e anotar em meu caderno de campo, além de fotografar gestos.



Bengino corta a erva. Ele navega ou dança?

E penso que entre o trabalho e o pequeno teatro da convivência construímos ali algumas pequenas e preciosas cenas. Não suponho que eles terão criado para mim e entre eles alguns atos do ofício como gestos encenados que de costume não fariam. Que exagerassem os termos do balé da *sega - a sacha da erva* - para uma foto; para dar força de verdade às palavras com que me ensinavam a lidar com a *gadanha*, ou o que entre eles se dizem enquanto trabalham. As duas mulheres e o homem cumpriam com as mesmas armas de um antigo ofício os mesmos ritos que pelos séculos vinham passando de mão e mão entre gerações de camponeses *de aldeas galegas*.

Tenho na parede da sala da minha casa no Brasil uma cópia de um segador em um bem conhecido desenho de Van Gogh. Visto de costas, como no quadro, nesta manhã, sem os tamancos, os *zocos* de Galícia e com altas botas de borracha e boina preta, Benigno em quase tudo era como ele. Fossem outros os trajés e Carmen e Amélia poderiam ser como, em um outro desenho de Van Gogh, duas segadoras trabalhando entre as eiras de um país ao mais ao Norte.

Seria preciso vir um homem de longe para lamentar que eles sejam talvez os últimos? Não! Eles próprios sabem disso e lamentam. Quando o carro dos bois puxado por vacas de Benigno deixar de rodar pelas *corredeiras* e estradas de Oms, já não haverá mais qualquer outro. Os tratores ruidosos e os sucessores dos tratores terão invadido todos os *prados*. Virá o dia em que os homens e as mulheres do lugar deixarão de se ocuparem com o manejar máquinas. Empresas de Negreira ou Brión farão por eles um serviço impessoal e contratado.



Carmen afia a gadaña enquanto Amélia reúne em rollos a erva

E então possivelmente será preciso vir um antropólogo de uma outra geração, armado de uma máquina fotográfica perto da qual a minha será como o carro de bois de Carmem e Benigno, para achar que “aquilo” é um outro belo rito do trabalho, e que a cena de um homem solitário domando do alto de uma cabine protegida de vidros, ao mesmo tempo a máquina que opera e o mundo eletrônico virtual que tudo controla, é também a de um outro cerimonial camponês. E até poderia ser, tal como a dança da *sacha* que eu vi e vivi, algo entre a técnica do trabalho, o sagrado e a magia.

Voltamos até junto das mulheres e quando foi a hora em que o carro de vacas estava cheio de *toxos* enrolados e de *erva* empilhada retornamos juntos a Fonteparedes, uma das aldeias de Santa Maria de Ons. Carmen ia à frente, e nós outros três a seguíamos e ao *carro de vacas*, um após a outra, quando a

corredoira era estreita ou entrecortada de poças de águas. Falávamos ainda sobre os saberes e os mistérios do trabalho. Antes mesmo de minhas perguntas Benigno apontava árvores aos dois lados do caminho e me ensinava os seus nomes e usos. Dias antes Ruso já me havia pacientemente dado uma aula sobre o assunto. Aqui e ali Benigno nomeava um dono de *ferrados* e de árvores, e narrava algum caso de conflito antigo do tempo da repartição dos montes.

Quando chegamos à casa e todo o trabalho acabou eles me levaram até a cozinha e, como nas outras vezes, enquanto Carmem fazia o café, Benigno punha em cima da mesa duas ou três garrafas de aguardentes com ervas. Ele não tomava nunca, e nem Carmen. Mas queriam que eu provasse uma vez mais de uma ou das duas, com ou sem o café. Insistiam. Benigno fumava e apertava os olhos pequeninos e era alegre. Carmem sorria e ria mais do que falava.

Aquele sim, havia sido um grande dia!



Missão cumprida. O carro voltou carregado de capim e agora as vacas e as pessoas podem descansar.

Amélia

Nem tão velha como as *vellas* de *Ons*, nem tão moça como a nora com quem mora, e com a idade de quem pode dizer – e me diz com frequência - “naquele tempo havia...” Amélia se veste de todas as roupas pretas do costume antigo, e usa os sombreiros galegos de palha que ela mesma sabe artesanalmente

fazer. Antes de havermos ido embora ela fez um durante dias e o deu de presente para Luciana, minha filha. Quando se for, quem saberá ainda fazê-los? Quem ainda os gostará de usar.

Em uma ocasião, agachada no chão de terreiro da casa, de joelhos e com as pontas dos pés dobrados e as mãos apoiadas no pano posto sobre a terra, ela livrava ora uma das mãos, ora a outra, empurrando de tempos em tempos para trás o corpo contra os calcanhares, para catar favas brancas postas a secar no sol.

Com a sabedoria que o costume dá aos dedos, ela ensinava Luciana, minha filha, a separar os grãos de palhas e de pedras e, depois, os grãos bons dos ruins. Às vezes uma palavra: “vês?”, às vezes duas: “é assim”, ditas quase tão depressa como os gestos rápidos, ajudavam a quem aprendia a lição das mãos.

Ei-la em bom galego dizendo como se faziam e se fazem os *cestos de palla*.

Antigamente, antes de que viñera o aparato de facer os cestos, facíase um recondel na terra, espetábanse as varas de vimbios no redondel, cuidando de que houbesse a mesma distancia entre unhas e outras e asi facíanase os cestos.

Hoxe para facer un cestro hai que espetar as varas no aparato de hacer cestos, dependendo das que se lle queiran poñer, mías bastas ou mais raras, eu normalmente póñolle dezanove, colocándose nos buracos do aparato e suxéitándose arriba todas de maneira que fagan remuíño a um xeito³.

Senhora do afeto e do cuidado que tornam aqui as coisas da vida vivas e verdes, a mulher que trabalhou no campo a vida inteira, apenas se gabava de trabalhar até agora, quando os netos crescem e começam a pensar em seus ofícios e empregos longe das aldeias. Oscar, o neto, acaba de ingressar numa equipe amadora de futebol de Santiago de Compostela. Suprema glória!

³ Está na página 83 de *Os ofícios*, editado pelo IES Esparís de Viceso e CEIP Pedrouzos, ambos de Brión. É de 1999.



Fomos ao prado em busca de erva para o gando. A meu pedido Amélia fez um grande feixe e colocou sobre a cabeça e o chapéu de palhas, como faziam as mulleres de antes. Meio escondido entre o sombreiro e a erva está um cesto que ela mesma fez.

Amélia foi nos tantos dias em que estivemos juntos na casa, nos *prados*, *montes* e *corredoiras*, bem mais do que uma apenas “informante”. Com uma rara sabedoria ela compreendia a minha pergunta falada em um meio “galego-carioca” que não raro eu mesmo custava em compreender. Algumas vezes antes de responder ela perguntava o que eu perguntei, e corrigia a minha pergunta para que ela merecesse uma boa resposta.

Falava de um modo duro e mesmo quase áspero, como quase todas as mulheres *maiores o velas de Galícia*. E com os seus pequeninos olhos escuros debaixo do chapéu de palha, que ela tirava apenas quando dentro de casa, Amélia me olhava sempre de frente enquanto nos falávamos. E ria com ternura das minhas confissões de ignorância, quando eu pedia que explicasse um pouco mais isto ou aquilo. Em vários momentos, mais até do que os homens com que estive

em *estábulos, montes, prados e praderas*, ela fazia e repetia algum gesto de trabalho com um ou outro artefato de lidar com a terra, como a *gadanha*, ao cortar a *erva*. E depois ria dos meus gestos de aprendiz e tornava a ensinar duas, três vezes e mais vezes.

Amélia é uma mulher em quem uma viva inteligência a respeito de tudo o que era do alcance do seu saber, mesclava-se com uma quase infantil rara vivacidade. Assim a sua fala. Assim os seus gestos, tanto os do trabalho – e aí era muito vasto o campo de suas habilidades – quando os do lazer. E então era alegria ouvi-la contar casos de muito antes e de quase agora.

Não costumava fazer, como outras mulheres, críticas a respeito da inatividade crescente dos mais jovens. Essa filha de um *sastre* - um alfaiate – bem sabia que o destino dos mais jovens era a cidade e o emprego urbano, depois dos longos anos de estudo que ela nem alcançou e nem invejava. Era uma mulher sábia e não precisava ser sabedora.

Achava - no que concordava com a nora e com o filho, Manolo Cajuso - que eles eram as últimas gerações de aldeões galegos à moda antiga. Mesmo envolvidos entre as máquinas do dia de trabalho e os equipamentos elétricos e eletrônicos das noites dentro de casa, eles ainda lidavam com sementes, vacas e a vida segundo maneiras não muito diferentes daquelas que aprenderam com os pais e os avós. E com misteriosos os seres que habitavam e não habitam mais as *hortas, os pomares, as cortes, os estábulos, os prados, praderas, corredeiras e os montes*.

Mas ela sabia, como em quase todas as outras casas da Amahía e da Galícia, que os filhos e os netos nunca mais saberiam ajoelhar o corpo no chão de terra para separar com as mãos algumas favas brancas. Custa menos trabalho comprá-las no supermercado em Santiago ou em Negreira, e muito em breve elas poderão ser compradas pela Internet.

Domingos Esparis foi limpar o seu moinho

Domingos Esparis, pai de Mercedes, esposa de Cambon filho, e mãe de Pablo, foi limpar na manhã de *hoje* o seu moinho, chamado *O Bello*, não muito longe do moinho *Romeriz* e do moinho *do Escribano*, na linha sinuosa do mesmo riacho *Chaviello*.



O velho moinho. Nenhum deles mais mói farinha alguma. Mas as águas claras que passavam sob eles continuam passando.

Para ampliar o espaço à sua volta ele mandou derrubarem três *abeneiros*, de cuja madeira avermelhada e leve faziam-se os *zocos* que calçavam tanto os homens quanto as mulheres do passado. “Eram inúteis”, disse-me olhando de frente, talvez porque lesse no meu ar de ambientalista amador algum gesto de desagrado, e *estavam estorbando*. Cortaram a madeira para lenha e nós três: Juan, o filho, ele e eu, colocamos as achas de madeira no *remolque*.

Conversamos sobre moinhos e madeiras, porque enquanto carregávamos o *remolque* Domingos repetia lições de Ruso e Benigno, e me ensinava identidades e utilidades das árvores nativas do lugar. Os belos *carballos* - sob cuja sombra caminho por entre as *corredoiras* de Ons quase todos os dias - eram empregados para a feitura de vários utensílios da casa e do trabalho agropastoril. Eram muito usados também para a construção de móveis.

A melhor lenha era a dele, por ser a mais calorífica nos fogões e nas lareiras. Era costume apenas podar alguns dos seus galhos e era raro cortá-los por inteiro para os serviços de lenha. Hoje em dia há quem derrube carvalhos inteiros para a lenha do inverno, o que o velho Domingos considera um quase crime. Eram muitos os seus usos no passado, quando eles eram abundantes e de grande porte. Hoje o seu emprego entre marceneiros é bastante mais raro.

A mesma coisa acontecia com os *abeneiros*, já que quase não mais há quem use *zocos* entre o Xallas e o Tambre. Mas livres de servirem para os antigos tamancos galegos, eles são cortados com alguma frequência para os fogos de dezembro, janeiro e fevereiro.

A castaña é a madeira nobre de Galiza ensina Domingos Esparis. Uma praga recente de *tinta* dizimou castanhais, e as suas árvores de folhas e ouriços verde-claro, com o tamanho e com a quantidade de outros tempos nunca mais reproduziram-se entre os montes de Brión,



Num prado, sem águas e farinhas, um outro moinho.

Cada madeira teria no passado os seus lugares, os seus cuidados e os seus ritos de cultivos, derrubada e usos. Mesmo antes da implantação invasora dos pinheiros brancos e dos eucaliptos as empresas madeireiras começaram a fazer com as árvores o que a indústria do leite faz com as vacas e com o próprio leite. Fogem dos *montes* as fadas e os abandonam os artesãos. Perdi a conta das vezes em que vaguei entre trilhas de bosques, e convivi sempre com um silêncio entre o

esquecimento e o abandono. Pois os próprios donos das terras e das árvores pouco ou nada têm o que fazer ali.

Um silêncio em algumas épocas do ano quebrado hoje em dia pelos latidos ansiosos e agudos de cães de caça, ou pelo ruído súbito dos tiros de seus donos. Em alguns lugares cujos *ferrrados* aumentam a cada ano, um silêncio quebrado durante três ou quatro meses pelo o ruído das máquinas das empresas em busca de madeira derrubada por atacado para saciar a fome sem fim das fábricas de celulose.



Desde que na época certa e no lugar particular, pode-se matar animais.

Carmem e Benigno

Já falei deles algumas páginas antes. Falo uma outra vez.

Da porta do quintal sem flores e sem jardins da casa onde moram Carmem, Benigno e a filha única, Maria, pode-se ver de frente a casa de Manolo Cajuso e, ao lado, a dos Cambon. Antes de entrar ali, quem chega passa por um lugar sob um telhado velho onde sem muita ordem estão entulhadas as tralhas do trabalho, as cestas dos frutos da terra e um carro de bois puxado por duas vacas. Ele é o

único que ainda percorre estradas entre as aldeias de Ons.

Benigno e Carmen são uma gente de um outro tempo e de uma Galícia que resiste a deixar-se levar apenas em algumas casas de algumas aldeias. Não porque eles sejam dos mais *vellos*, Carmen não é tanto e Maria está na idade em que uma moça quase mulher pode sonhar ainda casar-se. É que entre os de Santa Maria de Ons eles são a memória dos aldeões mais pobres. Vivem do trabalho com quatro vacas, vivem da *jubilación* de Benigno, e vivem dos poucos ganhos de Maria, quando ela consegue algum emprego na cidade.

Estive lá outra vez ontem. Doña Carmen, esposa de Benigno e mãe de *Mariña* estava feliz, sem dúvida. Vestida com as roupas negras de sempre ela me recebeu com sorrisos de quem vai a uma festa. E tudo por causa de quatro vacas.

O trator de um *vecino* havia passado e repassado sobre o *milllo*, amassando-o bem moído no picador. Tenras folhas verdes que anteontem dançavam ao vento; espigas de grãos de ouro; talos guerreiros e guerreiras raízes deixadas sozinhas sob a terra. O *pé de milllo* é cortado rente à raiz. As espigas são separadas ou deixadas em seus caules de origem, e todo o conjunto é picado e moído no picador. Transformados em uma perfumada massa vegetal, eles hibernam agora entre camadas de sal e sob uma lona tão negra quanto o vestido de Carmen.

Que o inverno veña! Agora já está! Ela me diz, feliz e orgulhosa, enquanto cobre com um pouco de terra a lona, e vigia os cantos para que buraco algum deixe entrar luz, ar e água. Benigno com a enxada faz uma pequena vala à volta, para escorar a água quando as chuvas vierem de novo.

Os dois sozinhos cuidam das quatro vacas. Maria ajuda na casa, quando está em casa. Benigno nunca comprou trator, mesmo em sistema de partilha coletiva de maquinário agropastoril. Raramente usa equipamentos mais modernos. Para o pouco que necessita ele utiliza algum maquinário em consórcio com *vecinos*. Um sistema em que de modo geral seis casas de *vecinos* formam uma *campañã*. Um grupo consorciado e juridicamente associado que adquire e

utiliza em comum este ou aquele conjunto de artefatos e equipamentos de trabalho agropastoril.

De uma maneira semelhante no passado assim os moinhos eram construídos, mantidos e utilizados. Dessa compra e de seu uso vicinal em comum tende cada vez mais estar excluído o trator, dado que nas propriedades leiteiras o seu uso é diário e intenso. Um indicador de uma relativa pobreza e de um certo atraso pragmático é justamente uma *explotación* não possuir sequer um trator.



Até quando?

O afeto em família

Hoje, após haverem ido ao campo *pola erva* as pessoas da família dos Cambon armaram-se de antigos apetrechos, porque Carmem e Mercedes resolveram *facér filloas* sobre um pequeno e suave fogo aceso com raminhas secas de pinheiro, assentado no chão da velha lareira da casa. Sobre uma chapa quente a massa é assada lentamente e torna-se quase algo como um delicado pano redondo de farinha tostada. Comemos muito entre conversas sobre acontecimentos que, uma vez mais, iam das vacas da casa ao campeonato espanhol de futebol.



Na lareira da casa Carmem assa as filloas no fogo aceso com palhas especiais para o momento,

Comi mais do que todos, com a desculpa de que Carmen me convidar dizendo que *as filloas son para ti*.

Na casa dos Cambon, como vi acontecer em tantas outras em Ons, as mulheres mais velhas tiram da cabeça os chapéus de palha, mas não tiram dela o lenço negro. A não ser em momentos de festa ou quando por um instante ela o arrancava para recolocá-lo melhor, nunca vi Amélia sem o seu lenço negro. Aqui, como em outras regiões do mundo onde as tradições de diferentes costumes fazem fronteiras com um mesmo tempo de vida e de cultura, a idade rege as leis dos usos de lugares, roupas e gestos.

Sonia e Mercedes, filha e mãe, nunca usam as roupas negras de que Carmen, a avó de Sônia, usa no trabalho e apenas tira em casa. Ela e Maruja raramente se despojam do negro. Jovita, a velha madrinha, mãe simbólica de todas as outras - e a única mulher da casa liberada do trabalho com o gado, afóra Sônia, estudante e situada no outro extremo da escala - ajeita a reajeita o dia inteiro na cabeça o velho lenço escuríssimo. Nunca vi os seus cabelos.

Maruja, essa velha-e-menina com os olhos mais sorridentes e arteiros das aldeias de Nos - e que raramente se separa de Carmem ao longo das jornadas de trabalho - usa o chapéu de palha sobre o lenço durante o dia todo na faina do campo, ou com o gado, haja sol, sombra ou chuva. Em casa ela deixa o

sombreiro e mantém sobre os cabelos o lenço. Uma única vez eu vi de relance os seus belos cabelos longos, negros e prateados, escondidos dos olhos dos homens e de Deus.

Volto à Carmen. Em casa ela se dá o direito de deixar o traje negro do trabalho, e após o banho usa outras discretas roupas sempre de tons escuros. Afinal, é a mais moça das que são ou podem ser avós, e tem a seu lado o marido ainda vivo e saudável. Pepe Manolo, esposo de Carmem - e que para o horror dos nacionalistas galegos é torcedor semi-fanático do Barcelona - exhibe sempre, como Benigno, Aniceto e quase todos os outros *vellos*, a boina negra que os adultos-pais jamais usam, entre Manolo filho, Romariz, Ruso, Ferreirinho, Juan e Luciano. Mesmo em casa e já sem as botas do trabalho ele se veste de cores escuras como as mulheres. E mesmo durante os jogos de futebol fala muito pouco. e me diz entre sussurro que as *mulleres da casa* não o deixam falar.

É injusto ver estes laboriosos *vellos* apenas do ponto de vista de sua utilidade para a economia camponesa da casa e da aldeia. Ao conviver com eles logo se desvenda que eles se reconhecem como a última plena geração social que preserva a lógica e orquestra a gramática das trocas éticas da comunidade de familiares, parentes, *vecinos* e *fregueses*.

Não os imaginar mais como os velhos avós dos contos antigos. Eles não mais contam histórias aos filhos – mas sim talvez aos netos - a quem bastam os livros e a televisão. Não perambulam pelos bosques como bons fantasmas, mas alguns – mulheres e homens – gostam ainda de se verem como uma memória viva de outros duros tempos entre a *fame*, a guerra e o franquismo. Senhores de histórias e de estórias, que sempre me pareceram melhores do que as apresentadas nos documentários com que a Galícia e as outras Espanhas exaustivamente se dão a ver “ao vivo e a cores” na televisão.

É ainda à volta deles que a família se reúne ao redor do fogo da lareira nos dezembros de frio e chuva. E uma cozinha sem *vellos* é alegre quando há crianças, mas não é feliz. Pois a felicidade precisa de um tempo longo de almas decantadas de aldeões velhos, e de rostos enrugados e serenos. Quando a família

ainda está toda na casa, como entre os Cambon, os Esparíz e os Cajuso, Os Cantelar, os de Ruso, ela serve aos *vellos* que a servem com o trabalho que se estende até quando o corpo ainda aguenta empunhar uma *gadanha* ou carregar um balde de leite. E trazer aos outros, os *xovens* – todos os que *non son vellos* - a antiga mesma suave metáfora dos sabores e dos sentidos da vida.

Quando a família migra para a cidade é comum ficarem na velha casa de *aldea un vello, uña vella, um casal de vellos* pais e avós dos que se foram. Visitei na Galícia aldeias semi-abandonadas, algumas habitadas por um par de *vellos* e um *can*. Alguns velhos possuem vivos e longe filhos que se foram um dia. E alguns voltam sempre, como vi uma *filla* que todos os dias visita a aldeia onde ficaram o *pai e a nai, vellos*, para lhes levar um tanto de comida e outro tanto de afeto. E assim tem sido até quando uma avó ou um velho pai-de-filhos já bem maduros e vividos morrem e deixam aos jovens a casa e a vida.

E passados os ritos funerais de terna despedida, a família do que se foram rareia as voltas à aldeia. Até quando a casa deixada sem cuidados se arruína, como em Ons eu vi acontecer com algumas. Ou até quando se vende a casa e não se volta mais à aldeia de que se foi. As pessoas que porventura as compram reformam-nas quase sempre inteiramente. E a *vella casa* toda se renova e reaviva, sem que talvez sequer se pergunte quem viveu ali; que padrão de vida foi vivido; e porque os descendentes daqueles que um dia mandaram construir a casa deixaram-na para outros, comparadores conhecidos ou estranhos. E, tal como vejo acontecer nas aldeias de mais perto de Santiago de Compostela, antigas casas de pedras, lareiras e cortes serão talvez habitadas por novas famílias galegas ou forânea que, sem *vellos*, e com *nenos, nenas e cáns* virão então viver *nas* aldeias, sem jamais desejarem aprender como ser *das* aldeias.

Os mais velhos de Ons serão as últimas pessoas e memórias que passaram de uma semi-servidão social e política, associada à separação de famílias e a um primeiro tempo de esvaziamento das aldeias, através de migrações dos homens e dos jovens, à experiência de uma progressiva conquista de autonomia galega, de uma crescente liberdade pessoal, familiar e comunitária, e de uma custosa

prosperidade. Seriam também a última geração que entre *moiños, meigas e gaitas de folle*, viveu a ainda quase integridade do que hoje se cultiva como “a cultura galega tradicional”. E seriam, ao lado de seus filhos, adultos-sênior e seus netos - jovens de calças jeans e aparatos eletrônicos nas mãos, aqueles que vivem e/ou assistem o que tento descrever aqui como a vida aldeã da Galícia, entre algumas festas e os muitos dias de trabalho.



Um ano mais, já envelhecida, e ainda pronta a segar.

Justamente agora, quando a Galícia conquista dia a dia foros de autonomia, e o galeguismo deixa de ser uma frente de militância quase clandestina – entre Castela e Otero Pedrayo – para se tornar um quase programa oficial de governos autônomos no interior da Espanha, novos e talvez irreversíveis movimentos de europeização e de globalização tanto do leite e dos *cartos* (quando *pesetas* serão substituídas por *euros*), conspiram para que os “velhos costumes”, ou “os costumes dos velhos”, a transitem do *próprio* (o galego entre-e-para os galegos) para o típico (o galego entre-e-para eles e os outros). E, mais adiante, do típico ao impessoalmente teatral, como um simulacro oferecido em feiras e festas nas cidades para qualquer um que queria como um bom turista, vir, ver, assistir e pagar.

As famílias camponesas das aldeias, famílias “trinitárias” (pai-mãe-e-filhos) afortunadamente agora, ao invés de expulsarem os seus jovens em direção a um trabalho qualquer em outros países e continentes longe da Galícia, logram liberar os seus filhos para o estudo prolongado, às custas do trabalho dos adultos e dos

vellos. No limite elas preservam até aqui um modo de vida já bastante diluído e transformado, mas ainda algo camponês e aldeão em sua essência. E é este “modo galego de vida”, mais do que o sopro solitário de alguns gaiteiros na *Praza do Obradoiro*, ou os desfiles *dos trajes galegos*, bons para turistas nos dias de julho em Santiago, aquilo que estabiliza ainda no que preserva, no que transforma e no que perde, a melhor substância do que que ainda logre ser chamado de... “alma galega”.

Mansa e rotineiramente árdua, em meio ao trabalho corporado que ocupa o dia quase todo de uma unidade familiar e os breves momentos entre o banho do fim do dia e o sono, o “viver assim é bom”. Em momento algum eu ouvi pessoas adultas e idosas de uma família em Santa Maria de Ons reclamando da “vida que levam”. É claro que a experiência cotidiana do inventário das convivências em Ons pode não ser exatamente como eu a estou querendo ver nestes meses de pesquisa de campo. Entretanto, até onde convivi com as pessoas e os seus momentos, devo ser testemunha de um mesmo ar de tranquila convivência, ainda que sempre laboriosa entre um *Xaneiro* e um *Nadal*.

Uma quase rotineira reprodução de um conviver onde não se esperam grandes emoções - a menos que o Barcelona jogue esta noite e retarde o sono de Pepe Cambon, ou o Atlético de Madrid faça o mesmo com “Don Juan”, o *albanil* - e onde os conflitos mais agudos, existentes desde sempre, parecem passar ainda ao largo das estradas estreitas Das aldeias de Nos, e raramente ameaçam entrar pela porta adentro de alguma de suas casas de pedra. Aqui também - tal como em comunidades camponesas que conheci e investiguei no Brasil - há um consenso de que a “gente do campo” é a fração mais confiável e ideal da espécie humana. E a “vida no campo”, sobretudo em tempos de estabilidade e ausência de conflitos internos e externos, é a mais aproximada metáfora do Paraíso.

Será por isto que desde o passado remoto e por toda a parte – fora aquelas eras e aqueles lugares quando e onde os senhores do poder e da terra expropriam camponeses e os tornam exilados ou servos – as pinturas e outras imagens do “lugar feliz” reproduzem quase sempre cenários e cenas do mundo rural, desde

Bruegel, o Velho e de Van Gogh, até os singelos quadros-de-feira. Imagens sonhadoras em que sobre a tela está pintado entre cores um casebre de palhas ao lado de um riacho cercado por árvores floridas, e mais uma estrada de terra? Paisagens pintadas que entre vários estilos pretendem captar as imagens entre idílicas e rusticamente idealizadas do mais desejado lugar de se ser-e-viver. Algo muito diferente do bem-viver dos ricos, cujas casas suntuosas, desde Bruegel a Sebastião Salgado, passando por Van Gogh, jamais se prestaram a sugerir um quadro a óleo ou uma simples fotografia.



Viver aqui? Sim. Mas até quando?

Passam os tempos e as gerações. E como uma casa-oficina regida pela tessitura de princípios tradicionais de mútuos direitos e deveres baseados em uma afetiva e pragmática desigualdade de reciprocidades, a velha família-tronco deixará de existir. E, de agora em diante, bem depressa. E não são poucas as casas antigas ou novas das aldeias galegas em que, através de novos termos e outros processos, os quartos de filhos e de outros familiares vão ficando vazios, enquanto um par de pais-adultos ou de velhos-avós vivem sozinhos entre os pequenos afazeres dos dias de sempre, e as ternas memórias de um tempo antes de agora.

Ao longe, o que se vê

É de novo um dia em que acordo de manhã cedo e outra vez chove muito. Da minha janela no Promeiral contemplo pela janela embaçada de brumas o toldo cinza escuro, baixo e triste das nuvens vindas talvez da Escócia.



A bruma ao longe. Imagens de livros de duendes e fadas, mas em terras de mulheres e homens gastos no trabalho.

Quase escondido pelo nevoeiro avisto ao longe o muro de pinheiros e de eucaliptos que escondem a estrada por onde caminhei na manhã de ontem. Entre as manchas dos bosques vejo campos de *erva* empapadas de *purim* irrigado a poder de máquinas, e encharcados agora pelas águas da noite como tudo o mais que não dormiu sob um telhado. E entrevejo da janela a mesma mulher sempre de negro e com o *sombreiro de palla* e um saco de plástico de um inesperado tom laranja posto sobre os ombros para proteger o corpo da chuva.

Cena já vista tantas vezes em outros lugares. Com a mão direita a mulher vai colhendo de um balde pequenos punhados de sementes de capim. E com lances do braço ela atira os grãos á terra arada e gradeada à direita e á esquerda

do campo por onde caminha em linha reta, como em uma severa romaria. Ela pensará em vacas, no *caldo quente com carne, patacas e grellos no xantar*. Ela relembra alguma cena acontecida em uma novela da noite sem saber que desenha no campo os gestos de um deus criador. Sozinha e quase irreal, pois a bruma das águas aumentou agora e ela meio que desapareceu atrás de um véu líquido no campo, a mulher sabe que aproveita a chuva para tornar o seu trabalho mais econômico e produtivo. Os homens da casa por dois dias não precisarão irrigar o *prado*, mesmo que não chova mais nessa semana.

Agora, nem vinte minutos depois de haver começado, a chuva ameaça parar e o ar clareia a cor do céu. A mulher jogou as últimas sementes e volta devagar para casa, sem o caminhar com os passos pequenos e apressados das mulheres daqui, e sem repetir os que dela dava enquanto semeava.

Como estará no inverno, quando eu já tiver ido embora em Dezembro, este campo a meio caminho entre a *aldea* e os *montes* vizinhos, semeado entre os pequenos gestos de rito que esta semeadora do oitavo dia e eu vivemos, sem trocarmos uma palavra, numa manhã de chuvas de setembro? Eu com o gesto profano de quem espreita; ela com o gesto sagrado de quem semeia. Como vi acontecer outras vezes, logo depois, sobre o campo semeado e agora vazio de gentes, alguns corvos voam das árvores e vêm comer a sua parcela de sementes.

Faz alguns dias fui com Mitta a uma aldeia nos altos de Negreira. Não moravam ali mais do que dois pares de velhos. Ela me falou de Pontevedra, uma aldeia inteiramente abandonada em outros altos, sobre o Tambre. Existem algumas outras por perto e existem muitas na Galícia. Mitta me contou que algumas delas começam a ser habitadas por comparadores, às vezes vindos de longe, veranistas do Norte da Europa que adquirem entre esses belos montes uma casa de pedra aos pedaços, em uma aldeia de sonhos e de fantasmas. E pagam por uma obra de séculos um preço mais baixo do que o de meio jardim em suas terras de origem.

Quando as pessoas de Brión falam das aldeias no passado, lembram sempre lugares bastante mais habitados do que agora. Isso mesmo nos duros tempos da

fame e das duas ou três ondas de emigração para as Américas e, até hoje, para o Norte da Europa. Lugares distantes, entre a Suíça e a Alemanha que, embora em menor escala, recebem homens e mulheres, migrantes sazonais da Galícia. E mandam em troca de jovens casais de amantes veranistas em busca das praias e do pitoresco deste quase “fim do mundo”. A julgar pelos relatos escritos e pelas inúmeras fotos de livros e de álbuns que andei lendo e vendo, de fato mesmo nos tempos mais difíceis havia por toda a parte uma “vida de aldeia” que foi antes e segue sendo ainda marca da Galícia.

E que agora imagino que desapareça. Mas não tanto. Pois quando olhadas de dentro, inúmeras aldeias galegas, como quase todas as de A Baña, Santa Comba, Ames, Negreira e Brión estão ainda povoadas de vidas, de chaminés com fumaça, de fogões acesos, de mansas vacas, de turnos de trabalhos e também de crianças, mesmo quando as casas com luzes e vidas acesas da manhã à noite, alternam-se com velhas moradias com gastas portas em ruínas, trancadas e à espera de ninguém.

Pelo menos no caso das regiões próximas a Santiago é ilusório imaginar as aldeias galegas como um lugar de moradores monotonamente uniformes em quase tudo. Este poderia ser o modo de ver dos estudos sobre a antiga ou atual tradicionalidade de um modo de vida camponês nas aldeias. Hoje, no entanto, várias *aldeas* são lugares social e culturalmente bem mais diferenciados do que se pode ou deseja imaginar. Melhor será compreender que a Galícia abriga, entre os seus quase 30.000 lugares de povoação - Luciano fala em cerca de 32.000 – um leque de variedade que vai de aldeias abandonadas por completo, até aldeias envoltas em um vertiginoso processo de neo-povoamento. E vai de aldeias uniformes quanto à persistência de um modo de vida tradicional, até aldeias bastante modernizadas, fugindo do “galego” ao “espanhol” e dele a um “híbrido Europeu”, quando não a um já “americano”, um “indiano”.

Ao lado das de Santa Maria de Ons, as de Santa Maria de Viceso parecem aldeias menos “típicas”. Há menos pedras, menos *hórreos*, menos recantos em que parece que o tempo parou, como em *A Igrexa*. Nelas há várias casas novas,

brancas, como um quase cenário não-galego na Galícia. Casas assim são vistas por seus donos como um sinal de abertura e de progresso. Mas a passagem da cantaria para o bloco de cimento não é devida apenas a razões de apego à tradição.



A casa de pedras, mas antiga, e a de alvenaria, entre tijolos e tinta branca, mais nova. Mas agora algumas pessoas investem em reformar velhas e encantadas casas de antiga pedra.

É dito que em *Viceso* é mais barato construir uma casa nova do que reformar por igual uma antiga, com pedras, lareira antiga e conforto moderno, como José Anton fez com a sua, em *O Casal*, sobre uma casa “arruinada”. Com o dinheiro gasto em reproduzir uma exata casa de pedras é possível construir uma nova com blocos e alvenaria, bem maior e mais funcional. Assim, os motivos do novo se somam e as residências “modernas” branqueiam horizontes que antes eram da cor cinza das pedras.

É preciso que uma antiga aldeia de casas e de *cortes* seja ainda habitada por várias famílias do lugar, ou é necessário que famílias neo-migrantes desejem investir em preservar como foram as suas casas, tornadas um refúgio dos *vellos* ou um local de memória ou de veraneio familiar, para que residências, aldeias e paisagens mantenham por mais algum tempo a vocação e a arquitetura do que se considera em *Brión* a vocação de uma autêntica herança das tradições galegas. O lento e irreversível cerco dos condomínios e as vantagens utilitárias das casas

novas de alvenaria, com amplas garagens para dois ou mesmo três carros conspiram contra esses cenários medievais de capelas, *hórreos* e casas de cantaria.

Mas são elas e as aldeias que as reúnem aquilo que os turistas de fora procuram, e que tanto os galeguistas saudosos quanto um antropólogo encantado com o que vê a sua volta, querem fotografar e descrever.



sempre presente, o hórreo.

o desejo de ontem

Fui com Benigno ao *monte* uma vez mais. E entre eles e outras pessoas, quantas vezes terão sido? Desta vez fomos sem a companhia de Carmen e sem o “carro de vacas”. Acompanhei-o depois à casa em Fonteparedes e o ajudei a recolher a lenha para o inverno. Estou em um lugar da Europa onde homens e mulheres ainda derrubam pinheiros e eucaliptos dos *montes* para acender os fogões e os aquecedores desde o mês de outubro.

Revejo agora algumas anotações anteriores sobre o que valem afetivamente hoje os bosques, esses *montes*, para as pessoas da aldeia. E quero fazer isto a partir dos olhares de alegria e de alguns súbitos momentos de prazer rejuvenescido neste homem que sabe e me diz que está vivendo os seus últimos anos de trabalho útil.

Comparo estas paisagens com as da Serra do Mar e da Serra da Mantiqueira no Brasil. Frente à exagerada variedade vegetal e animal da Mata Atlântica quase

tudo é tão igual aqui! Tão belas, cada uma, as casas aldeãs e as aldeias antigas, erguidas em pedras e entre pedras, com suas casas, suas *lavadoiras* coletivas - há uma na saída de Ons de Abaixo – seus sonhadores *hórreos*, os seus quase sempre abandonados *palomares*, e seus *camiños* e *corredoiras*. Em algumas, uma antiga *igreja* e também de pedras, tal como em A Igrexa e em Fonte Paredes, aquela dedicada a Santa Eugênia, a padroeira das aldeias da paróquia. Tudo, entre a natureza dos montes e a cultura das aldeias se parece. E, no entanto, tudo é sempre tão diverso.

Há uma lógica de ordenação útil dos espaços e há uma uniformidade tradicional dos desejos de rústica beleza e dos objetos de adorno, que tornam as cozinhas e os quintais tão proveitosamente semelhantes. E o que falar dos *alpendres* de guarda de todas as coisas? E, mais ainda, dos *estábulos*, este lugar moderno que substituiu as *cortes* caseiras dos *labregos*, onde sob o assoalho da casa dormia em camas de *toxos* um par de vacas mansas? Igual, agora, apenas de fato que é moderno. Iguais os *estábulos* e as máquinas mecânicas de ordenha das vacas. Iguais as câmaras frigoríficas do leite. Iguais as vacas e o seu destino triste e monótono. Iguais os animais na pele e no destino.

Mas o *monte* não. O bosque é quase o único lugar ainda inteiramente natural e parcialmente social da diferença, apesar da invasão dos pinheiros e dos eucaliptos em muitas áreas da Amahía. Basta comparar a paisagem de um bosque nativo com os campos de *millo*, as *leiras do centeno* ou com a dos *prados* e *praderas* para se reconhecer nele, mesmo quando ainda à distância, o lugar único em que o mundo natural da Galícia pode fazer reverdecer e florir uma imemorial diversidade. Mesmo quando é um lugar dedicado aos olhos de seu dono, ele é sempre mais de trabalho do que de deleite ou de diversão. Útil e desejado, *monte* é uma pequena dimensão não inteiramente apropriada de natureza e entregue ao seu domínio. E mesmo sem ser um território do prazer e do lúdico – menos para os caçadores, sempre de fora – o bosque é nos momentos em que um homem ali está, uma imagem de breve e desejada vivência da liberdade. E, neste sentido, mesmo pensado pelo seu valor de uso, ele se opõe ao *prado*. Não foi por

obrigação ou utilidade alguma que Domingos Esparís foi ao bosque e *axeitou o seo moíño*.



Pelas corredoiras, ora secas, ora encharcadas, entre florestas galegas eu caminhei horas e horas ao longo das quatro estações do ano.

Sob a cobertura dos galhos e das folhas, as árvores dos *montes* preservam os seus tempos, os seus ritmos e os seus ciclos próprios e diferenciados. E até mesmo o inverno não as iguala integralmente, pois algumas perdem inteiramente as suas folhas, enquanto outras – mais raras é verdade – as preservam e reverdecem. Assim também acontece com os trabalhos realizados nos *montes*. Eles foram no passado e seguem sendo mais diversificados do que em qualquer outro local da *finca*.

Benigno colhia *toxos*, atava-os em feixes, observava cada árvore e arrancava de algumas os galhos secos. Recolhia outros, caídos, e os juntava, alguns para levar para casa, outros apenas para deixar limpos os lugares. Com cuidado andava entre as árvores e escolhia a que seria derrubada para a lenha de um outro inverno. E então me detalhava os seus motivos da escolha.

E enquanto trabalho com ele no *seo monte*, ele refaz para mim a sua versão da história próxima da repartição das terras florestadas, entre os acordos e conflitos entre *vecinos*; entre eles e as autoridades; e entre eles e os recém-chegados, alguns deles homens e famílias vindos *de América*, enriquecidos e, não raro, inovadores e prepotentes.

Os *montes* tornaram-se propriedade de unidades domésticas; a. de um

conjunto corporado de unidades domésticas; b. de um vecindário de *aldea*; c. de uma circunscrição de igreja, logo, de uma *paróquia*; d. de todo um *concello*; e. de um poder de estado maior, como no caso dos parques naturais.



Em tardes sem sol – algo tão comum na Galícia – ou no cair da noite, s montes tomam este ar sombrio que sugere os seres de quem falavam os Celtas. No entanto, tudo é um apaziguador silêncio de quietude neles.

Entretanto antes - ao tempo em quase tudo eram as grandes propriedades senhoriais - os mesmos bosques eram bastante mais povoados de pessoas e de animais. Antes da era da repartição das terras, da lenta e, depois, acelerada modernização da agricultura e, sobretudo, da pecuária leiteira, dos estábulos e das vacas holandesas, as primitivas *vacas do país* viviam mais tempos dentro dos bosques e dos prados também naturais, do que dentro de pastagens artificiais. Entre as castanhas e as nozes para a mesa dos humanos e os cochos dos animais, as *bétulas dos carvallos* eram destinadas *ós porcos*. Algumas frutas silvestres, os cogumelos e o mel eram alimentos essenciais buscados nas árvores ou sobre o chão dos *montes*, sobretudo antes da introdução e da difusão da *pataca*. Não fosse a *castaña a fame* na Galícia teria sido em tempos antigos bem maior.

Também a caça furtiva de pequenos animais era praticada bastante neles. E ela própria foi um outro motivo de conflitos e castigos, como acontecia em toda a Europa entre os reinos e lugares onde a aristocracia se reservava direitos de propriedade dos bosques e de caça aos seus animais.

Todo o *lume* necessário aos trabalhos camponeses e aos cuidados e alquimias da casa provinham do carvão – raro e caro – ou da lenha colhida nos *montes*. Mesmo com a introdução de árvores exóticas e de bem mais rápido crescimento, e após a difusão do gás como combustível de fogões e do aquecimento da água e da casa, ainda fui testemunha dos dias de trabalho a que se entregavam homens e famílias em tempos do outono Ou mesmo nos primeiros dias do inverno entre os que se atrasavam nesta tarefa antiga e essencial.

Os *muiños*, hoje abandonados inteiramente, moviam as mós ao longo de dias e noites adentro nas épocas de moagem. E vimos já como em seu tempo uma parte intensa da rotina dos dias, e mesmo da vida cultural tradicional - entre cantos do trabalho e furtivos namoros – transportava-se das aldeias para a orla dos *montes* ao longo do curso dos riachos e ao redor dos *moiños*.

Até tempos bem recentes provinham também dos bosques as madeiras utilizadas em praticamente todos os usos entre a construção da moradia, o fabrico de utensílios do trabalho, os objetos do interior da casa e mesmo os dos usos do corpo, como os *zocos*, o calçado antigo de madeira com que a Galícia se parecia com a Holanda.

Ao relacionar uma vez e outra o que havia de vida natural e social nos bosques sob a sombra mansa de *carballos*, *castiñeiros*, *faias*, *olmos*, *abeleiros*, Benigno dá à voz uma entonação ao mesmo tempo objetiva e pragmática, e também amorosamente afetiva. Afinal, era em boa medida “por ali” que se vivia a fração mais solidária e feliz de uma vida no entanto bastante mais pobre, injusta, dividida e servil.

Pois, mais pobre e mais rigorosa, a vida era ilusoriamente afortunada, na lembrança dos *vellos* de agora. Velhos que tal como os do Brasil, ao estabelecerem comparações entre “o tempo dos antigos” e os “dias de agora” sempre acabam repetindo algo como “ganhamos muito pelo tanto que também perdemos”.

Após a lei *da desarmotización das terras*, e da solução da ancestral e muito difícil questão dos *foros*, quando foram devolvidos os *montes* aos seus donos, *vecinos*, agricultores *labregos*, *gandeiros*, restou no campo galego o que se vê

acontecer nos dias de agora. A modernização recente do trabalho agropastoril ao alterar muito depressa as relações naturais de produção de vegetais e de animais, alterou também a lógica e a cotidianidade das relações sociais do trabalho e, sem dúvida, de outros círculos da própria vida rural e aldeã.



Que vidas terão habitado estas ruínas de pedra que agora a floresta ocupa?

Assim, o que se altera e transforma também são as paisagens dos lugares, os cenários da vida cotidiana, o viver pessoal, doméstico, vicinal e comunitário dos tempos. São, portanto, complexos *corpus* culturais de reciprocidades entre as pessoas, e entre elas e os mundos naturais *em* que e *de* que vivem.

As mulheres e os homens de Ons reconhecem - e repetem isto a todo o momento - que os ganhos efetivos de modernização cobram o alto preço de um quase invencível empobrecimento dos cenários próximos e mais distantes de uma vida rústica, e dos estilos e modos diversos por meio dos quais até um passado recente as pessoas viviam, no trabalho e fora dele, os seus relacionamentos com o mundo natural de seu entorno.



Ainda útil para a guarda dos grãos da safra de millo, ou já aposentados do seu trabalho de muitos anos, por toda Amahia e outras Galícias o hórreo segue sendo, ao lado dos cruzeiros, um dos seus mais comoventes e belos símbolos. Lembrança de tempos em que mesmo as coisas mais utilitárias e destinadas a usos mais corriqueiros eram também arquiteturas de pequena harmonia e beleza.

Dos rios Benigno lembra salmões de cinco, seis, oito e até dez quilos. E enquanto me fala vai de um peixe a um outro aumentando um pouco a distância entre as duas mãos espalmadas. Esses peixes e vários outros ele os viu e pescou nas águas limpas e férteis do Tambre, antes de ele ser aprisionado no *Embalse de Maza*.

Mudaram para melhor e pior também os usos e os costumes, Benigno arremata arfante ainda, enquanto descansa por um momento de rachar as achas de lenha, e depois de comentar brevemente um inesperado e triste episódio de que foi informado na noite anterior. *Disseron que no encillado do millo em Mourentans un home perdeu un brazo*. Antes de haverem sido repartidos entre propriedades familiares, no tempo em que os bosques e as margens dos rios não eram - no todo ou em parte - propriedade familiar, e eram jurídica e tradicionalmente considerados como de todos os *vecinos*, muito mais do que agora eles eram utilizados e também protegidos por todos.

Nos dias de hoje eles estão repartidos, e alguns são tão finos e pequenos que

em breves minutos podem ser contornados. Vieram as árvores exóticas e o eucalipto estende seus domínios a terras onde é plantado, e entre terras por onde ele naturalmente se expande. Veio o crescer do *lume*, os grandes fogos que incendiam as tardes e noites dos tempos mais secos da região. Sumiram os animais silvestres e abandonaram os *montes as pessoas das aldeas*.

Ao trazer uma espécie de ingênua história pessoal e popular das mudanças havidas nos últimos cinquenta anos em toda a região à volta de Brión, Benigno estabelece um quadro de oposições entre conquistas e perdas. Tal como com outros termos e com outras palavras e dados ouvi tantas vezes na fala de camponeses do Brasil, ele traça um inevitável paralelo entre as vantagens obtidas através de ganhos políticos - a *desamortización*, a extinção dos *foros* - tecnológicos - a modernização das atividades agrícolas e ganadeiras - e socioeconômicas - o enriquecimento democratizado das unidades domésticas rurais e as evidentes melhorias da qualidade de vida *versus* a degradação e o empobrecimento da natureza, assim como das relações entre a sociedade e o ambiente. E também entre as pessoas, parentes, *vecinos*, e outros. Uma *xente* que ao se tornar justamente mais livre, mais *dona do seo* e mais próspera e mesmo enriquecida, tornou-se também menos amorosa da terra e menos solidária entre os seus habitantes.

Um arco-íris

Pensei que nunca mais veria um arco-íris como o que aconteceu em uma manhã, em uma estrada de Goiás, no Brasil. Mas hoje de manhã vi um outro ainda maior e mais completo e perfeito. Dizem que os arco-íris tem seis ou sete cores. Quantas teria esse breve duplo arco-íris que por alguns minutos inesquecíveis recoloriu de cores a luz do sol?

Havia chovido longo e fino. E foi quase uma longa bruma molhada, uma seda de águas que o vento toca e que parece cair sobre a terra. Quando clareou por um instante o tempo e o ar principiou a secar, eis que o sol nascido há menos de uma hora começou a desenhar o arco-íris. Um desses raros pedaços de cores que aos poucos, como em um sonho bom, vão se unindo e transformando em um

grande semicírculo completo com um dos pés sobre um monte perto das terras da Amahia, e o outro muito longe, lá para os altos de Negreira.

Por um tempo longo demais para um milagre tão efêmero - pois ele é feito de tintas de luz sobre a tela do orvalho - meu arco-íris iluminou os céus na frente de minha janela. Um só já bastava para o meu espanto nesta manhã inesperada. Mas, então, como se fosse a cópia ainda um pouco mais perfeita do primeiro, um segundo semicírculo com as mesmas cores começou pouco-a-pouco a surgir logo abaixo do outro.

Nascendo algum tempo depois, e sendo mais frágil do que o primeiro, ele aos pedaços ia se compondo aqui e desaparecendo acolá. Ia entre orvalhos crescendo desde um pé até quase o meio do círculo, enquanto começava a se apagar da outra metade para o outro lado. Depois ele se partiu de uma vez e tudo ficou no horizonte como se houvesse restado apenas uma pequena porção de fragmentos das faixas antes completas das suas cores.

E o primeiro também foi se apagando na tela do horizonte. Foi devolvendo as suas cores aos pássaros e às flores dos montes. E em menos de três minutos só havia uma luz pálida de um sol sem força desenhando um restinho de bruma sem desejos de acabar.

Bretanha, Galícia



Ao longe, entre prados, terras de lavoura e o bosque por detrás, uma aldeia de Ons de Abaixo. Raros os jardins, raros os quintais tratados como lugares de lazer.

Conversando comigo no seu retorno da França, Mitta se empolga na sede da *Exensión Agrária*, onde nos conhecemos em Negreira, quando trago para o redor da mesa o assunto de nossa conversa a respeito dos destinos do campo e da *aldea galega*, enquanto lugares de vida.

Ela toma nas mãos um desses pequenos álbuns, onde cada foto fica guardada no invólucro de seu plástico, e me aponta cenas das fotografias que fez de casas e aldeias da Bretanha, na França. Casas de pedra e alvenaria, limpas, precedidas por ou rodeadas de jardins com amplos e coloridos canteiros de flores. E mais flores nas janelas. Casas de moradia camponesa erguidas também para o deleite da convivência e para o prazer do olhar. A imagem de uma casa nos chama mais a atenção. Ele passa os dedos pelos recantos da foto e fala. *É uña casa de gandeiros como os de aqui*. Casa bretã, perfumosa de flores de alfazema e coberta de trepadeiras. Já não é mais sequer uma casa com o seu jardim. A própria casa é um jardim, lembra Mitta.

E ela enfatiza como “lá”, em aldeias de iguais agricultores ocupados com *ervas e vacas*, os homens e as mulheres das casas e *fincas* encontram tempos para investir seus *cartos* na beleza doméstica e comunal dos cenários da vida diária. Nas casas e entre as casas ela me vai mostrando nas fotos a cores as pequenas aldeias repartidas em meio a espaços de trabalho e suaves cenários floridos e arquitetonicamente trabalhados justamente para esconder os lugares e efeitos do trabalho. Recantos de livros para crianças, entremeando pedras e jardins. Pequenos territórios de uma singela beleza cultivada para os exercícios do conviver. Por dentro - e ela me aponta com os dedos os detalhes - casas cuidadas desde as cozinhas, como se as mulheres do lugar não tivessem outra ocupação senão embelezar tudo entre a mesa e o fogão. E até cortinas de finas rendas nas janelas lavradas na madeira.

Mitta estabelece então o contraste que antes eu mesmo havia desenhado, depois de haver viajado pela Inglaterra, Itália, Áustria, Bélgica e Suíça, passando também pela França. E ela me devolve com o seu olhar asturiano mais agudo, a mesma pergunta que eu lhe havia em outra ocasião. Por que lá é assim e aqui

não é?

Por que a escuridão monótona das roupas pretas, limpas, mas mal tratadas, ostensivamente gastas pelo uso dos austeros *traxes* das mulheres das aldeias de Ons, Negreira, A Baña, Noia, e mesmo dos arredores mais próximos da tão turística Santiago de Compostela? Por que ser e viver assim, e associar a uma rusticidade que vai das botas negras das mulheres ao interior das casas-oficinas, um certo ar cultural de justificado orgulho galego? Por que na Galícia desses tempos que depressa se perdem agora, pelo menos entre os *vellos* e boa parte dos adultos se vive, cresce e envelhece com o corpo curvado sobre a terra, ao longo de dias e noites de labor e trabalho. Ofícios de ontem vivos até hoje, que mesmo quando permitem raros tempos de rústicos lazeres e festividades não autorizam a que eles sejam dedicados a roubar do corpo das pessoas e das casas o que lhes é a sua marca mais galega: o ser e existir para o trabalho?

Talvez a resposta possa ser encontrada no descobri como uma laboriosa e penitente *alma de labrego* não tivesse ainda abandonado o interior mais profundo do modo de ser e viver até mesmo entre os *gandeiros* hoje em dia mais prósperos.

Vimos já, mas quero relembrar aqui algo entre imagens dos olhares e dos olfatos. Os cheiros rudemente fortes e ruins dos estábulos e dos campos molhados de *purin*. O plantio ostensivo de *nabizas* e de *berzas*, onde floresceriam rosas e dalias na Bretanha. A rusticidade desejada e não disfarçada de raros adornos de arte popular nas paredes e em outros recantos da casa. E deles à ancestral falta intencional de lugares agradáveis para se estar e conviver nos recantos da *aldea*.

Ali, onde os muros de pedra, em si mesmos tão bonitos de se ver, separam úmidas *corredoiras* mal cuidadas de quintais cujo valor quase único está no guardarem os artefatos da vida e do trabalho. E no servirem para abrigar os trastes domésticos do labor diário, senhor dos tempos do raro lazer. Tudo ao meu redor parece querer significar - para os do lugar e para os de fora - que ali não houve e não há nem o tempo e nem o lugar para a ociosa beleza que acolha o

desejo do puro prazer do simples e ocioso... “estar aqui”.

Ou talvez, sob um olhar mais histórico, os concentrados de *aldeas de Galícia* guardem ainda na rusticidade de suas arquiteturas a memória dos tempos em que apenas as grandes *casas blazonadas* e os *pazos señorais*, onde viviam as famílias dos donos das terras e do trabalho servil dos *labregos* de outros tempos, podiam importar e acolher cenários e requintes de outras “Europas” mais ao Norte.

Quantas vezes eu vi esta cena! O momento em que após o dia de trabalho a mulher galega, no escurecer da noite tira da cabeça o chapéu de palha e o lenço negro que lhes cobriam a cabeça, para então estar dentro da casa. Pois fora dela ela os preserva mesmo nos labores diários do *alpendre* e do quintal. E à margem dos serviços, labores e trabalhos de todos os dias, de um domingo ao outro, não há o que fazer fora de casa, a não ser nos raros momentos de visitas e de festas, em que as vimos vestidas sem os chapéus dos momentos do trabalho, mas, pelo menos entre as mais velhas, com o mesmo negro escuro em traje de missa e de festa.



Não o descuido ou o relaxo, mas toda a casa compreendida como uma múltipla oficina de trabalho.

E não que ao longo dos tempos, entre as *mulleres marisqueiras das rias baixas* e as *mulleres labregas* das terras do interior, as culturas dos galegos, mesmo nas eras de *fame* e de pobreza, não tenham sabido possuir e partilhar um

visível e denso bom gosto para criar com arte os adereços do rosto, do corpo e da casa. Dos *sombrieros* aos *traxes galegos* de antanho e deles aos brincos e colares, sapatos, roupas, adornos de mulheres e de homens, assim com os utensílios das cozinhas e os recantos da vida lavrados em pedra nas casas das aldeias, tudo revela com sobra a vocação de criar arte e beleza do passado e do presente da Galícia.

Do que vi e vivi, posso testemunhar que tudo sugere na Galícia uma densa, profunda, misteriosa e multicolorida vocação para a beleza. E ela transita da *gaita de fole* aos *zocos* de madeira lavrada e que eram calçados por homens e mulheres - e que nada devem aos tamancos holandeses - e pelas lareiras das casas e, mais ainda, os *cruzeiros* das estradas e dos cantos e recantos das *aldeas*. E, nelas, a delicada e encantadora construção de milhares de capelas rurais. E mais a fina arte de *santoria* e a fabricação ancestral dos inigualáveis instrumentos musicais. E deles às músicas e aos bailes; e à beleza radiosa *de mozos* e de *rapazas* - como as vi, trajadas e veludos e de várias cores - bailando com a graça perdida em outras regiões rurais das mesmas “europas” floridas e perfumadas.

Mitta lembra que os longos anos de servidão aos senhores da terra, e de um excesso de trabalho de homens e mulheres das mais várias idades, pago a preço de *fame*, e mais os longos anos de ausência de homens – migrantes precoces, retornados tardios - tudo isto contribuiu nas casas, aldeias e paróquias para um esvaziamento do gosto do gratuito e do ocioso. E também da memória do cultivo de uma rica arte própria, presente ainda entre os últimos artesãos galegos. E mais o prazer do compartilhar comunal a fruição coletiva de uma beleza rústica e sensível como poucas vezes a reconheci em outros cantos do mundo.

Algo semelhante ouvi também sobre a Inglaterra. Relatos de como a opressão do camponês, seguida da servidão de homens e mulheres sob o jugo impiedoso dos horários e calendários das fábricas, após a revolução industrial inglesa, ao roubar do tempo da casa e da unidade doméstica as moças e as mulheres mães, uniu-se a uma ideologia fervorosamente pietista e vigente como uma outra servidão entre os pobres, para varrer de suas memórias tanto os cantos

e danças que há tempos não existem mais, quanto até mesmo uma culinária que não fora antes tão monótona e sem-gosto como acabou se tornando depois.

Nos dias de agora há excedentes de toda a ordem para serem investidos em diferentes domínios e dimensões da arte e de outros campos da cultura. Das culturas galegas e daquelas com que, desde a Espanha ao mundo, ela haverá de fecundamente interagir. Não duvido que com o advento da Comunidade Europeia e de uma inevitável vocação da Galícia como polo natural e cerimonial de turismo, a partir do *Camino de Santiago*, o próprio interesse de políticas culturais (ou econômicas, bem disfarçadas) retomará as *tradicions galegas* como um tesouro a ser reencontrado. Um tesouro de maior valor do que o que talvez abrigue – como um fato real, ou um bom mito - um galeão espanhol carregado de ouro das Américas, fantasiosa ou historicamente afundado pelos ingleses em uma *ria* diante da cidade de Vigo.

Mas de tudo o que houve e há ainda, alguma coisa talvez seja irrecuperável. Pois a memória dos velhos parece estar depressa esquecendo boa parte do que não são os ritos do trabalho, as tradições da cozinha e alguns rituais das festas de igreja. E o que ajuda a apressar tal esquecimento é também o compreensível fato de que em poucos anos, dos mais velhos às crianças, bem depressa se entende nas *aldeas a evidência* de que, mais do que uma quase inútil e atravancadora *lareira* do tempo dos avós, o que estabelece agora os termos de uma ilusória e desejada qualidade de vida é o conseguir equipar as *fincas* com os caros e distantes instrumentos modernos do trabalho agropastoril. É lograr afinal colocar na garagem que ocupa lugares do que foi *alpendre* e agora poderia ser um jardim, um ou dois carros novos. E é substituir o que era de lenha pelo que é de gás e o que é de gás pelo que é elétrico. Poderia ser *de un outro xeito*?

Enquanto isto, pelas ruas de Santiago, turistas de outras Espanhas e do mundo inteiro percorrem as muitas lojas de “arte e artesanía galega” em busca de adereços de suposta origem celta, de imitações de chapéus camponeses, de *zocos*, de miniaturas em pedra de *hórreos*, de bastões de peregrinos com sua concha de vieira, tal como teria um dia usado o próprio apóstolo Tiago e outras “lembranças

da Galícia” que apenas raramente encontrei em alguma casa de aldeia em Ons.



Luciana, minha filha, diante de uma fecunda prole de coelhos guardados sob um hórreo em Ons de Abaixo.

Quase toda a Galícia rural de hoje é pobre de um genuíno artesanato em qualquer campo, tanto o que se emprega nas casas e aldeias, quanto o que se utiliza para vender, em uma região onde o fluxo de turistas, espanhóis e estrangeiros não é pequeno, e tende a se multiplicar. Quem queira pagar caro por algo “autêntico” em termos de “cultura galega”, deverá buscar não as aldeias e as vilas, mas as algumas raras e pouco visitadas lojas de arte e artesanato de Santiago de Compostela. A começar pela de Sargadelos.

Pelos quintais e *corredoiras* as maçãs e as peras apodrecem e nunca as vi transformadas em geleias ou em compotas. Os figos verdes amadurecem sem serem colhidos para doces. E, quando maduros, fazem a delícias mais dos passarinhos do que das crianças. As *castañas* são comidas cozidas ou assadas em seu tempo. E algumas pessoas de Ons espantaram-se quando lhes contei que, tal como fizera conservas de milho cozido para poder comê-los ao longo de todo o ano, eu estava tentando fabricar artesanalmente pastas e geleias de castanhas. Os resultados não foram alentadores.



Uma casa grande, quase um solar. Uña casa señorial. Das varandas o que se vê são lugares vazios antes destinados aos trabalhos com as plantas e os animais. Mesmo os señores não cultivavam jardins

Lembro que quando Carmen, numa hora de nossa despedida quis me presentear como a lembrança com alguma coisa bem típica do lugar, acabou escolhendo um velho e gasto fuso de fiar o linho, muitos anos mais velho do que ela. Um belo artefato de criação de leves roupas de linho de outros tempos. Eu o guardo comigo até hoje.

Ao depender de um trabalho agropastoril cada vez mais carente de jovens liberados para o estudo que gera uma carreira, para um ofício ou para um emprego, os últimos velhos camponeses das aldeias de Ons parecem dizer a eles mesmos e aos outros que não há ali lugar para um retorno ocioso ao que já se viu e viveu no passado de quando eram eles os *xovens*. Mesmo porque os próprios *vellos* estão mudando também depressa. E já não lhes interessa tanto as longas conversas sobre vacas e meigas com os *vecinos*.

Melhor que cada um fique em sua casa diante do novo mundo mágico da televisão. E quando se reúnem ainda no bar, nenhum momento ali é mais solene e esperado do que o do começo de um jogo de futebol. Sobretudo quando o *Deportivo*, o *Celta* ou alguma outra equipe galega entram em campo. E não há tema mais sagrado do que os comentários a respeito do que o que acontece “ali”, diante de seus olhos, durante noventa minutos de uma nova e arrebatadora

cerimônia, esta sim, verdadeiramente mágica e quase religiosa.



Outro vello moño. E eram muitos em Santa Maria de Ons. E estão todos agora silenciosos e abandonados.

Os velhos *gandeiros* da comarca, que Mitta acompanhou na viagem à Bretanha também voltaram impressionados com os arranjos ultramodernos da pequena empresa agropecuária francesa. “Como competir com eles?” Diziam alguns entre eles e Mitta. Passados alguns dias eu conversei com alguns. Eles repetiram a seu modo as palavras de Mitta. Um deles disse em Negreira, e com muito acerto, a meu ver, que a arte da *canteria* na Galícia era bastante mais apurada. Que o que se fez “por aqui no passado” - *horreos, casas de pedra, cruceiros, igrexas* - supera de longe em sua beleza rústica tudo o que eles viram por “lá”, na Bretanha. Mas o mesmo homem lembrou que as pessoas de hoje e de “lá” rearranjam os tempos e os espaços do afazeres domésticos e comunais da vida cotidiana com uma preservada graça, e com um grande gosto no cultivo da gratuidade da beleza e da convivência. “Lá se faz daquilo um jardim só, enquanto isso aqui parece um imenso estábulo”, ele completou.

Entretanto, não é preciso sair de Brión e nem mesmo das terras altas de Ons para encontrar na diferença entre as casas de aldeia o espelho do que agora, com diferentes velocidades acontece em toda a Europa.

A casa de Manolo, Amélia e Angelita (não *gandeiros*), a de Ferreirinho e a dos Cambon (*gandeiros*) são ainda quase-plenas-casas-oficinas, pelo menos nos seus espaços exteriores. Um lance de escadas separa na casa de Amélia um “mundo” de um outro, e um tempo galego de um outro. A estética dos entornos e dos espaços reservados ao cultivo da beleza gratuita e da convivência entre pessoas subordina-se aos espaços do cotidiano trabalho familiar e também à convivência entre pessoas e animais.

A casa de Luciano e Rosa (nem *gandeiros* e nem camponeses agrícolas e criadores de pequenos animais) divide o grande quintal de trás em lugares-jardim e em lugares-oficina. Livres de vacas e de porcos, eles criam galinhas e plantam para a consumo familiar. Mas nos intervalos do que é funcional e útil, algumas leiras de flores fazem do quintal um também jardim.

Mas será preciso ir até as casas dos neo-moradores - os que antecipam os condomínios de casas modernas que chegam agora a Negreira, a Ames e a Brión - para encontrar piscina em lugar de estábulos, cimentados práticos e jardins onde nas outras existiriam ainda galinheiros, hortas e pomares. Pequenos cachorros e gatos de estimação expulsam dali até mesmo as últimas galinhas.



Ferreirinho

Venho de uma matança de porco na casa de Antônio Ferreirinho. Ele abre os olhos alegres na hora festiva da oferta da comida ritual daquele dia aos convidados. Sou um deles. Olha para mim diante dos outros ao redor da mesa e arregala o olhar ao estilo galego, como se já antes das palavras eles fizessem a pergunta que veio logo a seguir: por que motivos, entre tantos lugares tão mais conhecidos da Galícia, eu escolhi Brión e as aldeias da Paróquia de Santa Maria de Ons para vir fazer o que todos me têm acompanhado fazendo: perguntas sobre tudo, gravações de entrevistas, de falas coletivas, dos vários sons das festas, entre os seus cantos e toques de bandas de músicas; e mais as fotos entre aceitáveis e indiscretas.

Ele pergunta para mim e para todos, E eu respondo. E não será nem a primeira nem a quinta vez. Mas a seguir ele retoma a fala e insiste querendo que eu saiba que ele e sua família consideram uma honra estarem os dois entre outros “pesquisados”.



Ferreirinho voltando da lida no prado para casa. Mais de uma vez nos encontramos na estrada e ali mesmo conversamos alguns minutos.

“escolhidos”. E ele e outros se espantam com a minha resposta. Ela parece franca, mas é pobre, entre ser prática e afetiva. E então usa de novo esta palavra: “escolhidos”, de um sabor quase evangélico, ainda mais quando dita ao redor de uma mesa, após a morte de um porco cujas partes não salgadas e guardadas para o inverno vão sendo cerimonialmente devoradas junto com o *viño do país* logo a seguir. Explico de novo. Reconto os encontros com Mitta, com Xosé Amâncio em Negreira e, depois, com Luciano e Xosé “Moncho” Ramón, até resolver estabelecer “aqui” o meu lugar de trabalho. Ele gargalha e responde ainda: *Mas se en Galicia hai sítios tan espetaculares e aqui non tem nada!?*

Então Ferreirinho inverte o sentido das minhas razões. Deixa na sombra as razões práticas e acentua as outras, mais afetivas, mais pessoais. Se, entre tantos lugares possíveis e mesmo próximos de Santiago de Compostela eu escolhi Brión e Oms e vim para aqui a fim de conviver com eles e, depois, escrever sobre eles, será porque há de haver algo para além de uma simples conveniência. Nada sobrenatural, ele lembra, sorrindo, mas também nada tão prosaicamente prático e simples. Se a escolha veio pelo caminho do sentimento; se foi por me sentir aceito e acolhido desde os primeiros contatos, então, ele conclui em voz bem alta, é porque deve ter havido uma escolha mútua.

Quando eu vim e resolvi “ficar aqui” esta foi uma escolha vinda, e eles foram os escolhidos. Em contrapartida, quando ao me reconhecerem, primeiro alguns poucos e, depois os outros todos devolveram a um estrangeiro chegante gestos rústicos de afeto e de acolhida. E assinalaram assim para que eu ficasse entre eles. Agora eu estava sendo recebido, e foram eles os que, ao me acolherem, me escolheram.

E veio a comida. E comendo continuamos a conversar sobre esse tema. Pois até em uma situação assim, aparentemente tão “profissional”, ao ver de todas e todos ao redor da mesa. A adoção e a acolhida fazem parte de uma escolha deliberada. Um acerto comunitariamente controlado e de maneiras diversas reconhecido e acatado entre *vecinos*, antes mesmo de ser estendido a mim. E com as palavras que Ferreirinho proferia e os outros repetiam, concordava-se ali,

diante de mim, como uma revelação tardia, mas em seu tempo certo, a minha “carta de acolhida”. Para que o *home de fora*, o *estranxeiro* possa estar *aqui nas aldeas* e possa conviver entre *sua xente* e compartilhar - entre desajeitadamente prestativo e curioso - partes dos seus dias de vida com eles, e até mesmo um pouco como um deles, sem ser um deles, é necessário que entre eles tenha sido estabelecido um prévio mútuo acordo de acolhida. Fui criteriosamente investigado antes de ser “inclusivamente” acolhido e aceito.

Todos reconhecem que Luciano foi sem dúvida o fiador desse ‘acerto’. Mas a partir dele, para fazer parte do correr da vida em Santa Maria de Ons os outros todos acordaram em me ofertar sinais de acolhida, como os de agora, ao redor da mesa. Sinais de que afinal eu posso “aqui” estar, e para “aqui” voltar. Posso, com os devidos cuidados rituais, “invadir” as pequenas intimidades das unidades domésticas, como nesta manhã festiva e vicinalmente cerimonial da morte, da salga e da comida de partes de carne de um porco.

Assim, entre um bocado de carne e outro, Ferreirinho conclui que eles, “os de aqui” também me escolheram. Por isso estou “aqui” e posso, bem mais do que fazer perguntas e tomar fotos, comer com e como eles *os riñones do porco*. E eu que evito a carne de porco e, muito mais, as partes com que os baianos de minha terra fazem o sarapatel comi nesta tarde bem mais carnes íntimas de porco do que antes, creio, em toda a minha vida.

Sem teorias e grandes falas, mas com toda a mais evidente clareza dos gestos, entre copos de *viño* e garfadas de *patacas e carnes de porco*, Ferreirinho devolve a mim e aos outros um gesto ancestral de acolhida e de reciprocidade. Afinal, para além das razões práticas que deixo por conta de Marvin Harris, um porco foi morto em Salaño Pequeno numa manhã fria de novembro, para que à volta de suas entranhas fritas e cozidas alguns homens e mulheres se reúnam. E assim, comendo juntas e juntas bebendo *viño*, *orujo* e palavra, mutuamente se reconheçam e reciprocamente se celebrem.



O porão da casa de Manolo Cajuso um outro porco de outubro é ritualmente queimado entre palhas secas.

Uma feijoada em Ons de Abaixo

Os últimos dias aqui em Santa Maria de Nos criaram ritos: os deles e os nossos. Resolvemos, entre Maria Alice, Marina uma brasileira na Galícia, eu, Rosa e Luciano, reunir os amigos e oferecer a eles uma *Feijoada*. Maria Alice e Marina fizeram milagres para conseguir - sem precisar ir a Portugal - quase tudo o que seria necessário para se fazer uma comida digna de um novo artigo de Peter Fry.

É justo que, como ele, eu escreva algo sobre algumas similitudes e certas informações a cerca de pequenos assombros vividos ao redor de *feijoada de Ons*, comida cerimonialmente debaixo de um generoso céu sem chuvas nos começos do frio e chuvoso novembro.

Como um novo-anfitrião na “casa dos outros”, convidei algumas e recebemos outras pessoas das aldeias de Ons e de outras, vizinhas. Ora, preparar uma feijoada e convidar pessoas para um raro, senão único acontecimento no ramo cria um dilema não muito diferente daquele que vivem com mais frequência os *vecinos* ainda residentes nas aldeias, ou os já mudados, por exemplo, para Negreira.

Ele é o seguinte: “a quem chamar, convocar ou convidar para isto ou aquilo”? “Isto e aquilo” que pode ser: um jantar ampliado de um domingo

qualquer; o *xantar* (almoço) de um dia de festa familiar ou patronal; uma *cena* de um dia especial, como aquela a que os amigos de grupos de afeto ou de interesse, mas não os parentes, são convidados; uma festa de batizado ou de primeira comunhão – ainda muito solenemente festejada na Espanha, e até mesmo por jovens casais ateus; uma pequena e caseira *festa dos riñones* no dia de um porco morto; um *encilhado do milho* e seus posteriores rituais de comestibilidade; um acompanhar a agonia de um moribundo querido; um velório de um morto.

Claro, para *os das aldeas* afinal tudo parece ser mais fácil, pois eles existem e compartilham suas vidas dentro de um universo de interações cujos mapas que desenham sujeitos sociais, entre pessoas, famílias, redes, teias e agremiações, são ou devem ser costumeiramente conhecidos. E cujas gramáticas de intercâmbios de serviços, de bens - produzidos, comprados, vendidos, emprestados, doados, presenteados - e também de sentidos, devem por igual serem ancestralmente codificados e universalmente conhecidos e praticados.

Há festas, celebrações e momentos corporados de trabalho para os quais pessoas, entre parentes, *vecinos*, amigos, conhecidos ou “autoridades”, são convocados, são convidados, são acolhidos sem sequer a necessidade de um convite. Ou, em outra direção, sempre há os que são gramaticalmente excluídos. Nos dias de Ons observei que existem visíveis as seguintes situações: a) convites preferenciais a parentes, *vecinos* ou não, ao lado de convites secundários a *vecinos*; b) convites preferenciais a *vecinos* e secundários a parentes; c) convites preferenciais a parentes e amigos, com *vecinos* excluídos, ou muito secundários - uma tendência crescente na direção de uma modernização individualizada; d) convites preferenciais ou exclusivos a amigos, com parentes e *vecinos* excluídos, ou como convidados secundários; e) convites especiais e específicos a apenas “este amigo”, a “este casal de parentes”, a “esta família de *vecinos*”; f) convites em aberto, do tipo “vem-quem-quer”.

Por razões derivadas da equação entre as regras locais e a qualidade de meus motivos e os de Maria Alice, fizemos a opção inevitável. Convidamos pessoalmente aquelas pessoas, pares, ou famílias de pessoas com quem

estabelecemos uma relação de amizade derivada da pesquisa e de nossas consequentes convivências. Uma relação onde o conhecimento prévio decorrente de motivos fecundados por um tipo especial de trabalho, condutor de um modelo padrão - o do antropólogo-no-campo – associado a uma vivência interativa e de conduta ética, estendeu-se a relacionamentos diferenciados de familiaridade pessoal ou do casal.

Isto é, convidamos aquelas pessoas e aqueles casais que no correr dos dias passaram da condição de auxiliares voluntários de meu trabalho de campo, como Mitta, Xosé Amâncio, Luciano, ou de “sujeitos de pesquisa”, a pessoas conhecidas e tornadas amigas em Ons, em Brión, em Negreira e em Santiago.

Vieram à nossa inesperada *feixoada* as pessoas que antes, depois ou antes-e-depois nos convidaram ou me convidaram a *ir comer na casa*. E não foram poucas. Vieram também pessoas com quem às vezes andei vagando e viajando por perto; pessoas com quem repartí momentos rituais, como uma missa, ou momentos de festa familiar, parental, vicinal ou comunitária, assim como de pequenos lazeres extra-trabalho. Não por acaso, convidei pessoas a quem escrevi cartas pessoais ou coletivas do Brasil, depois de meu retorno.



No quintal da casa de Luciano, em Ons de abaixo, nós, galegos e brasileiros, reunidos ao redor da mesa e de uma feijoada regada a vinho e orujo. Quem está de costas é Luciano. Manolo Cajuso olha para o fotógrafo. De outro lado da mesa eu, Romariz e Xosé Amancio, Marina, Carmen e Xosé Cambon.

Algumas pessoas mais *xovens* conhecidas à volta do Concello de Brión, em Pedrouzos, não vieram. Outras tinham motivos que nos foram antecipados. Outras traduziram, na singeleza do não-*vir*, a razão pessoal de uma delicada recusa. Não vieram alguns dos mais *vellos*: Juan, o *albanil* e a esposa; as *mullerers* mais velhas da casa dos Cambon, Amélia, Ruso, Ferreirinho, que eu me lembre.

Sendo *vecinos* de um mesmo mundo de vida e cultura, elas se reconheceram atores de um outro tempo cultural. Laura, objetiva e realista como sempre, deu-nos a melhor ideia de tudo, quando conversamos depois sobre o assunto. A seu criterioso compreender, deveriam haver sido oferecidas duas feijoadas: uma na casa do Luciano, para os *xovens e os amigos de Ons* e também de fora de Ons; outra na casa de Manolo Cajuso ou na de Pepe Cambon, para as famílias mais tradicionais e os *vellos* de Santa Maria de Ons.

Mais livre de todos esses antigos preceitos, Romariz, “Roma”, da aldeia de Trece, em Liñaio, quando faz em sua casa a sua *cea de San Martiñ*, esqueceu parentes e *vecinos*, deixou os *vellos* de lado, e entre as aldeias, Negreira e Santiago convidou os amigos que bem desejava reunir por uma longa noite.

Na *feixoada*, talvez porque estivéssemos afinal reunidos tantos, inesperadamente, conversou-se sobre como “isso é bom”. E, por outro lado, sobre como “quase não existe mais isto que é tão bom”. Rosa, Mitta e eu, entre a sobremesa e o café com *orujo*, conversamos alguns minutos sobre um crescente e ameaçador individualismo que parece em tudo suceder e perverter uma tão ancestral convivência partilhada em um desumano “cada um na sua”.

Não pretendíamos fazer uma sociologia quase econômica de uma passagem de gestos e de hábitos realizada sob os nossos olhos - para o espanto dos *vellos* e diante da indiferença dos *nenos* - “daquilo que é”, e do como se vive e troca tão em comum quanto viável, em direção “àquilo que se possui e se usa” individualmente. Queríamos apenas comentar algo sobre o que se esvaia de uma vida recíproca, afetuosa, ao se passar de uma condição para a outra.

É evidente que vai se tornando difícil conviver para além do grupo

doméstico, quando nas casas as cozinhas vão ficando cada vez menores e mais funcionalmente modernas, enquanto os banheiros vão se tornando cada vez privados, reuintados e maiores. A banheira de hidromassagem seria o oposto perverso da velha lareira?

Os *muiños* cobertos de silvas e rodeados de *toxos* e corujas hoje foram objetos e lugares de uma vida obrigatoriamente comunal. Vimos páginas atrás que eles guardavam os nomes de que somente os mais velhos ainda se recordam. Eles foram no mínimo uma posse de uma “casa”. Foram na medida média algo de uso coletivo de algumas casas. Foram no plano máximo equipamentos postos a serviço de toda uma *pequena aldea*. As famílias de quem eram em parte uma posse possuíam *pezas de hora*, como direitos diários ou sazonais de uso e proveito. E a mó movida a água moía o grão familiar dos frutos da partilha.

Montes e árvores, pedaços de terras onde pastava o *gando do país* eram possuídos em comum. E eles recebiam muitas vezes o nome do lugar que de uma maneira costumeira queria traduzir uma comunidade de uso. Pois não recebendo o nome de ninguém e nem o de uma família, negavam na maneira como eram chamados um direito individual de posse e de uso privado.

Hoje aqueles antigos nomes já não querem dizer muita coisa, e quando os velhos morrerem já não se saberá mais o que queriam significar. Do mesmo modo, apenas nos lugares mais tradicionais da Galícia rural as *Casas das aldeas* ainda são chamadas por um antigo nome de pessoa ou de família, mesmo que os que vivam ali agora sejam outros, compradores do lugar (raro) ou vindos de fora (frequente e crescente).

Assim se diz nas aldeias que “isto” se passa com quase tudo o que existe ao redor. A cada dia diminui o que se comparte comunitariamente. Pois tal como ocorre com os *montes*, uma versão moderna do direito e do desejo em nome da propriedade individual abandona ao tempo a poeira sem uso dos moinhos, e coloca no seguro as casas, os carros e os tratores.

Uma transformação não apenas técnica e de valor econômico e, claro, vivenciada também como um valor metafórico do desejo, torna intra-familiar o

que fora antes comunitariamente inter-familiar. E no caso extremo, ela sugere ser melhor ainda possuir bens cada vez mais individuais no interior do grupo doméstico de uma Casa, entre quase tudo aquilo que antes se viveu e partilhou como uma posse familiar ou comunal.

Assim, o desaparecimento jurídico de um sentido comunitário de meios de produção, individualiza na família e no interior da família o processo de trabalho produtivo. O que provoca, na direção da produção camponesa uma concentração do trabalho entre as mãos de apenas poucas pessoas do grupo doméstico. E libera ou obriga as outras pessoas a saírem em busca de outras ocupações: ofícios de um passado próximo, carreiras e empregos no presente.

Do ponto de vista de circulação de bens há uma concentração primeiro no grupo familiar e, depois, na pessoa de cada um de seus membros. As pessoas, emancipadas e individualizadas tanto circulam em âmbitos diferenciados de trabalho doméstico e/ou produtivo, quanto alargam os círculos de trânsito, consumo e uso de bens e de serviços. Os pais que antes trabalharam com os seus pais no trato da propriedade familiar, entre *prados e praderas*, agora investem em preparar filhos para estudarem, primeiro em Brión e, depois fora, para buscarem mais tarde uma ocupação profissional fora da casa, da aldeia e de Brión.



Em momentos especiais ao longo do ano, o trabalho a muitas mãos. Será esta a última geração ocupada nele?

As pessoas, os *vellos* como Ruso (nem tanto!), os bem mais jovens, como Rosa e Mitta, reconhecem à volta da mesa que os ganhos tecnológicos e económicos dos últimos anos quebrantam aos poucos um sistema de vida e de trabalho de uma maneira inevitável e irreversível. E apenas sobre-existe nas *xentes das aldeas* um ainda forte e sempre presente desejo de sair-de-si, de deixar a casa e compartilhar algo com os outros uma pequena “festa” doméstica como a *feixoadada* em casa do Luciano, ou como o *dia de San Martiño na aldea de Treze*, acabam configurando uma espécie de celebração da nostalgia. E chama a atenção como o próprio poder público toma a seu cargo uma resposta, também moderna e importada, ao patrocinar celebrações em que em nome de *vellos* ou mesmo de *cabalos* as pessoas se reúnem para comemorar “un día”, uma categoria de pessoa local, de animal simbólico – *hay todavia caballos selvajes em Galícia* - ou um produto da terra.

E no que ainda resta de vicinalmente comunal, ou no que já é uma iniciativa do *Concello de Brión*, nem que seja cada vez mais à custa do que se compra-e-vende - como no que sobra das regras do dom, da dádiva “maussiniana” em um mesmo e em um outro circuito de dar-receber-retribuir - por um momento as pessoas se veem convocadas a saírem *do seu*, e *de si-mesma e se obrigam cerimonialmente* a dar e dar-se. E esta é a vida que se sonha não perder.

Não quero crer que subsistam apenas algumas regras efêmeras das últimas gramáticas dos direitos e deveres sociais de partilha entre festas como a de Santa Eugenia e a de Santa Minia, assim como a *Romaxe dos Crentes*, as comilanças *San Martino* e a inesperada *feixoadada dos brasileiros*, e ainda as tessituras cotidianas em meio às pequenas trocas de ofertas, ajudas e presentes entre familiares, *vecinos* e outros. Onde então caberiam as metáforas do afeto? Seria acaso como se tudo estivesse preso a regras, a preceitos e, no fim das contas, a imposições económicas, políticas, éticas ou mesmo pedagógicas?



Cada Paróquia possui o seu santo padroeiro. Mas cada aldeia pode ter também o seu. Assim, entre aldeias de uma mesma paróquia, e de paróquias, as festas se multiplicam de tal sorte que é difícil um mês em que “por perto” não haja alguma.

Haveria tudo de ser como se todas as trocas dentro e fora dos momentos do trabalho produtivo fossem também gestos e atos a serem ensinados e aprendidos, para que as *nenas* e os *xovens* apreendam tanto o que é operacionalmente útil e funcional, quanto aquilo que, na verdade dos dias, entre trocas e partilhas acaba sendo a própria substância de gestos de acolhida do Outro? Outros quem? Atores-autores pautados pelo também e essencialmente pelo desejo da convivência, por uma gratuita e generosa cumplicidade entre parceiros. E também pelas diferentes gradações de reconhecimento e ternura entre as pessoas. Não enxergar “tudo isto” e reduzir tudo o que se vive dentro e fora do trabalho-dos-dias a um conjunto de obrigações de reciprocidade regidas por gramáticas socialmente impositivas de prestações e contraprestações, é mais ou menos como pensar sempre que o desconhecido que convida você para um *trago de viño* em uma cantina, está interessado em que você, no fim das contas e dos tragos... “pague a conta”.

Há em quase tudo o que vejo e comparto a persistente presença de um múltiplo feixe de sentimentos. De desejos de oferecer hoje e algum dia receber amanhã. Mas sem que isto seja a razão principal pela qual Ferreirinho convidou um chegante brasileiro a vir comer com a sua gente pedaços de um porco morto na véspera. As pessoas nas aldeias - bem mais do que nos condomínios de Brión, imagino - convivem enredadas em uma teia que aspira resistir aos tempos. Investida de afetos, como nos bons tapetes antigos, ela não apenas entretece os fios e faz o rude “lado de baixo” sobreposto ao solo das coisas práticas, mas cria na face oposta a tessitura de uma motivada beleza de cores e formas. Algo que entre a lareira e a mesa da cozinha ou da sala tanto serve para esquentar o chão da casa e ser pisada, quanto serve para aquecer os olhos e ser lembrada com ternura e deleite.

Se as pessoas saem-de-si e dão, e se dão, para cumprirem regras impostas por um direito costumeiro regido por intertrocas de tempos, de bens e de labores e trabalhos para os outros, elas também fazem e vivem “tudo isso” porque, a mais de ser um momento de sentido de vida, o viver “isto” é prazerosamente belo e é virtuosamente bom. É bom “estar ali” e, em partilha, viver “aquilo”. O sentimento de realização de si-mesmo no ver-se do lado de fora, para além de si-mesmo e, por um momento sentir-se interposto e co-possuído dentro de um círculo afetivo da pessoa do Outro. Dos Outros.

Entre a nossa pequena “festa da feijoada” e os abraços dos dias de ir embora de Ons, eu pude sentir e avaliar, em e por mim mesmo, uma variação de gestos e de significados afetivos e eficazes entre as variantes do compartilhar, desde os momentos de minha chegada a Negreira, a Brión e às aldeias de Santa Maria de Ons, e até os momentos de minha despedida.

Nos primeiros dias e através dos primeiros contatos tratava-se de estabelecer pessoalmente um conhecimento, como um indispensável jogo de identidades e de referências mútuas; Depois, nesses momentos que são um agora, enquanto escrevo a mão estas palavras, trata-se de estabelecer mutuamente um reconhecimento. Quando eu cheguei aqui estive percorrendo uma espécie de

trilha social entre espaços, lugares, instituições locais e pessoas. Através delas - Xosé Amâncio em Negreira; Mitta e outras e outros *en Extensión Agrária*, também em Negreira, Luciano, na sede administrativa do *Concello de Brión*, Luciano e Rosa, na casa deles, em Ons de Abaixo; Xosé Ramon, professor; Carmela, a professora dos *nenos menores* da escola do Promeiral; Romariz, de Treze, em Liñaio; Manolo Cajuso, Pepe Cambon, Ruso, Domingos Esparís, Carmen e Benigno, e tantas e tantos outros - comecei a entrecortar lugares e entreviver o cotidiano que de maneira propositalmente desordenada e “cronical” descrevo aqui, agora.

Entre eles-e-eu urdimos uma primeira quase frágil mutualidade. Para eles o problema mais difícil: como recusar de cara e fechar as portas a um intruso inoportuno? Ou como abri-las, primeiro poucas e devagar e, depois, quase todas, sucessivas e entre insistentes gestos de carinhosa hospitalidade. E então permitir que o intruso, já reconhecido e precariamente nominado, entre-em e ingresse-na, para vir conhecer, para dar-se a conhecer, para conviver *com a xente* entre os círculos e momentos em que isto é culturalmente possível, identitariamente legítimo e afetivamente desejável, para compartilhar momentos da vida galega e aldeã “portas adentro”.

Foi quando eu apresentei Xosé Amâncio com um livro de minhas pesquisas em mundos rurais no Brasil. E ele retribuiu - “maussianamente” - com um livro recente de suas pesquisas sobre o Val do Barcala. E também foi quando narrei a Mita algo sobre o momento político do mundo rural do Brasil. E ela devolveu o informe com um ainda mais completo relato sobre os acontecimentos do passado recente e do presente da Galícia e da “comarca”. Foi quando entre Luciano e eu em menos de uma tarde estabeleceu-se uma troca de confianças no outro e de primeiros sentidos de vida. Pois bastaram algumas palavras menos formais e mais confessantes para descobrir que tínhamos em comum uma semelhante origem cristã empapada de uma versão latino-americana e, a seu modo, também europeia, da Teologia da Libertação. E esse *orixen comun* seria o que mais de perto nos irmanaria até hoje.

Dois dias depois de nos havermos conhecido, Luciano, como quem faz isto com um velho conhecido, me ofereceu a chave de sua casa anunciando que eu poderia viver ali enquanto ele e a família iriam de férias em Portugal. E ele me abriu a intimidade de seu lar, tornando um quase-estranho em um confiável quase-cúmplice de imaginários, sentimentos e até pequenos e grandes sonhos e projetos de vida.

Durante os dias de Brión e Negreira eu oscilei o tempo todo entre as pessoas em nome de quem vinha realizar a minha pesquisa: os homens e as mulheres das aldeias, mergulhadas em maioria num ainda vivo, ativo e pleno trabalho agropastoril. *Mulleres e homes* descendentes de *labregos*, e produtores locais da economia de base e da cultura mais própria ou apropriada *do Pais*. E mais as mulheres e os homens já retirados de uma produtiva vida rústica, mesmo quando vivida entre tratores e ceifadeiras elétricas, mas de algum modo ainda ao redor volta de uma antiga vida rural fundadora do lugar. Ninguém melhor para fazer a ponte entre os dois lados do que Romariz, Carmen, Benigno, Ferreiriño e Ruso em uma margem, e Mitta, Luciano, Xosé Ramón e Amâncio, na outra.

Na hora das despedidas e do reconhecimento do afeto, a troca recíproca de pequenos dons não fez nada mais do que atestar tudo o que acontecera ao longo de dez meses. Pois se a Carmen e Benigno dei pequenos objetos de artesanaria e algumas fotos que fiz deles *en casa e nos montes*, ganhei de volta um precioso velho fuso de lidar com lãs e linhos, provavelmente um guardado antigo dos seus ancestrais. E de Amélia, a quem presenteei uma pequena cerâmica Sargadelos que havia ganhado de alguém em Santiago, recebi em troca, como um presente para Luciana, o *vello sombreiro* com as duras palhas das mulheres galegas. E não foram apenas essas as trocas de bens simbólicos com que nos procuramos dizer que entre nós havia já mais laços de afeto do que dados da pesquisa.

Falei de casas. Voltemos a elas.



O marido e a esposa juntos vivendo e por igual o mesmo trabalho. Uma das cenas mais comuns na Galícia.

viver a, viver na casa

Algumas vezes as pessoas vêm ao campo de futebol ou à quadra de vôlei do Promeiral. São lugares dos jovens, *rapazas e mozos*, e é preciso uma tarde de sábado ou de domingo sem chuvas para que os adultos venham até aqui e formem pequenas equipes por um momento rivais que se enfrentem. Eu os vejo de minha janela. Nós nos saudamos e alguns convidam “o brasileiro” a que venha demonstrar os seus talentos com a bola.

Volto ao tema dos espaços da vida cotidiana. Lembro-me de haver dito páginas atrás que fora alguns fortuitos caçadores - e alguns caminhantes *senderistas*, como eu mesmo, mais fortuitos ainda - encontrei muito pouca gente aproveitando um *bô dia* de folga do trabalho para estar entre trilhas, caminhando por *corredoiras* em um *monte*.



Pensativamente desertas assim eu encontrava as ruas de aldeias e as estradas entre aldeias, sobretudo nas horas depois do almoço, quando galegos e outros espanhóis estão em suas casas.

Devo ter escrito alhures que os cenários do entorno da casa são funcionais espaços úteis para bichos e homens, repartidos entre as divisões múltiplas de uma rústica oficina de trabalho. De uma maneira semelhante também os espaços entre as casas das aldeias de pedras, e entre as aldeias de uma paróquia raramente possuem locais para o lazer, tais como jardins de flores para serem vistos e convvidos em momentos de lazer.

E se as casas antigas e as velhas aldeias são tão belas, tão cenarizadas, tão comoventes mesmo, é porque entre seus muros, as *lavadoiras*, os *hórreos*, os *camiños de pedras* e entre pedras, os *palomares* e outras construções domésticas ou comunais constituem todo um conjunto de locais e artefatos para o trabalho, o transporte dos frutos do trabalho ou a sua guarda, guardando em silêncio, ao mesmo tempo, quase perenes arquiteturas de uma rara rústica e pétrea beleza.

Talvez porque a bruma, o vento e a chuva sejam tão constantes neste clima “atlântico super-úmido”, os lugares sociais de convivência são quase sempre

interiores: a *igreja*, o bar e o dentro-de-casa. Quantas vezes encontrei pessoas e conversei longos momentos no bar de Ruso, Pepita e Manolo, onde outros homens - mas nunca mulheres - se reúnem para beber café, vinho ou cerveja. E para beliscar alguma *tapa* e trocar confidências sobre os assuntos que vão do *gando às berzas, ao millo, à política local...* e ao sempre presente futebol. Assuntos vividos entre a *aldea, a paróquia e o Concello*, sabidos por ouvir dizer. Ou mais distantes temas situados entre fronteiras mais amplas do município ou da comarca, conhecidos através dos jornais galegos - raramente os jornais nacionais escritos em *Castelán*, como “El País”- que se lê como frequência na *barra* do bar, que se escuta no rádio e se vê na televisão, como a do bar de Ruso, quase sempre ligada e visível de quase todos os lugares.

Fora as minhas caminhadas solitárias, para onde iria eu em *Ons*, se não fosse a casa de uma família acolhedora ou o Bar do Ruso? Os espaços de fora da casa e fora da aldeia, e os cenários do entorno de ambas são funcionais locais do trabalho. E é quase sempre dentro do bar e no interior da casa que as pessoas se separam dos animais e das plantas, e vivem uma fação de convivência em um mundo de trocas entre seres humanos. Um encontro entre familiares, parentes e *vecinos* de momentos breves, a não ser à noite e em dias de folga, situados antes e depois dos momentos diários do trabalho.

Escrevi páginas atrás sobre como mesmo nas casas modernizadas, reformadas ou reconstruídas, como as de Luciano, Manolo, Cambon e do velho pai de Mercedes, fazem conviver um pequenino meio-jardim com os locais funcionais, regidos nas *fincas gandeiras* pelo estábulo, onde se vive do criar gado leiteiro.

Em paisagens sociais de outras Europas, uma sala, uma varanda, um conjunto de sala-e-varanda separa a parte mais íntima e feminina da casa de seus lugares mais públicos e masculinos. De maneira obrigatória o estranho ou o visitante entram por uma varanda, um amplo hall, uma saleta, uma dupla sala de estar e de comer. Lugares resguardados, como a copa e a cozinha, os quartos e os banheiros constituem uma espécie de recinto protegido. Lugares privados onde

apenas uma intimidade reconhecida permite o ingresso de pessoas “de fora”.



A casa onde morei quando estava em Ons. No andar de baixo funcionava uma pequena escola para crianças com menos de cinco anos. Num dos lados vivia uma família chegada de Cuba. No outro lado (as janelas próximas das árvores), vivíamos o professor Xosé “Moncho” Ramón, professor de escola e muito mais jovem do que eu... e eu.

Na casa galega entra-se direto dentro dela, e nem todas possuem um hall interno ou externo. Em várias casas mais antigas a sala acaba sendo apenas um lugar de passagem, um quase corredor de acesso direto à cozinha, quando já não se entra de imediato da porta da rua na cozinha, o coração aquecido da casa.

Claro, algumas interpretações de ordem funcional poderiam fazer sentido aqui. Sobretudo se nos lembrarmos que em muitas outras casas camponesas do mundo todo, tanto em climas frios quanto em climas quentes e áridos, as pequenas e rústicas choupanas, os ranchos, as casas pobres - mesmo quando de pedra - não possuíam salas. E elas mal separavam os espaços da convivência dos dedicados ao trabalho. Ainda mais que muitas vezes eram aqueles os exíguos locais da sequência dos trabalhos, quando mulheres sempre ativas, lidavam sem cessar com algo a fazer no entorno ou dentro da casa, à volta do fogão ou da

lareira. Boa parte do conviver na casa então era através do trabalho. Apenas na Galícia senhorial do passado e na Galícia urbana de agora houve e sobrevive o hábito do uso ocioso das salas de comer e de “estar”. E devo lembrar uma vez mais que mesmo em casas reconstruídas ou construídas fora dos padrões tradicionais, como a de Luciano ou de Xosé Ramón, é quase sempre na cozinha que se convive com e entre as pessoas das aldeias.

Esta visível inversão do valor dos espaços caseiros pode estar associado, também, ao lugar social da mulher. Ao seu lugar de parceira por igual do/no trabalho produtivo da unidade agropastoril doméstica. Apenas algumas mulheres de famílias novas - e já inteira ou parcialmente separadas do trabalho - são *amas de casa*, como se diz na Espanha. Apenas poucas mulheres, esposas jovens ou jovens soleiras vivem tão somente uma jornada única de trabalho: a dos cuidados de casa nos seus espaços familiares “da porta para dentro”, com incursões complementares ao quintal e ao jardim, quando ele existe. Mas o seu número aumenta depressa. E, como uma longa e calorosa fração do trabalho das mulheres é na cozinha e à sua volta, para ali vão também os outros. Ou seja, os homens.

Várias vezes observei que na cozinha as mulheres – ajudadas ou não por alguns homens da casa – preparam os alimentos, servem a mesa e reordenam o local após a “comida”. Por outro lado, não devemos esquecer que entre os espanhóis e entre os galegos o reunir-se para comer sempre o ritual doméstico mais desejado e persistente. E o mais ancestralmente celebrativo. E mesmo em tempos de vida apressada e submetida, também na Galícia, aos lastimáveis horários ingleses ou norte-americanos, as longas horas de partilha de uma conversa sem-fim e de uma sesta permanecem vigentes. Em Santiago de Compostela entre 13.30 e 16.30 h. quase todas as lojas da cidade fecham as suas portas, assim como várias repartições públicas. Pessoas, plantas e animais separam-se por pelo menos um par de horas. Isolam-se do mundo do rumor (menos o da televisão) e do trabalho por momentos, e dentro de/da casa convivem no intervalo entre a manhã e a tarde. Algo que na Espanha inteira termina *después de las ocho horas de la tarde*. E também vale o mesmo para o

demorado intervalo entre o fim de um dia de trabalho e a hora de dormir. Tempos de entre a tarde e a noite que espanhóis e galesgos estendem quando podem. Não poucas vezes estive na mesa de uma ceia noturna quando entre comendo, convivendo e conversando sentamos às nove horas da noite e saímos da cozinha às duas da madrugada. A Espanha é um dos países onde o “*fast-food*” não vingou. Os garçons dos restaurantes de Santiago de Compostela, entre a Rua do Franco e as outras do entorno da Catedral começam a arrumar as mesas e abrem as portas um pouco antes de elas começarem a ser fechadas nos pubs de Londres.

As mulheres camponesas não são separadas dos homens na exterioridade, ao mesmo tempo familiar e pública da ordem cotidiana do trabalho. Em posições iguais ou quase iguais elas compartilham com eles as atividades produtivas da propriedade rural. Assim, não há porque separá-las na casa e dentro da casa. E de forma hierárquica criar espaços separados e ações preferenciais ao mesmo tempo de proteção, de desigualdade ou mesmo de exclusão. *Mulleres só no van os bares*, um derradeiro reduto entre masculino e machista. Isso nas *aldeas e villas*, mas não em Santiago, Lugo, Vigo, Ourense, A Coruña, e outras cidades menores e vilas.



Minha janela e parte de meu instrumental de pesquisa: o fiel chapéu, o bastão (por causa dos cãos) e as botas trazidas do Brasil.

Ao se conviver na cozinha e ao se trazer com facilidade o “de fora” para um âmbito doméstico jurídico e afetivamente simbólico e socialmente feminino, o que se está fazendo é marcar como lugar familiar e, no limite, comunal e público de convivência, os espaços de vida e de casa. Territórios domésticos onde não apenas as mulheres de casa trabalham, mas onde comandam o trabalho complementar dos homens. Maridos pensam que reinam. Mas suas mulheres governam.

O sentido da casa

Retomo a casa, um assunto sem fim.

Quando falávamos de heranças deixadas pelos antepassados, Amélia lembrou de um par de velhos que não tendo filhos e nem sobrinhos, foi buscar a Nicanor, um parente rico e distante, para ser o herdeiro dos dois. Foi quando ela usou claramente a palavra “casa” ou “Casa”, em sentido mais social, ou mais socialmente parental. Se há uma casa a deixar como herança, que seja para alguém que, mesmo retirado da *aldea* de origem e morando longe, tenha o sangue da família. E, assim, perpetue e represente a *Casa...* na casa.

Aqui na Galícia, onde *casas, castros, cortes, castelos, cementérios, igrejas, palomares, hórreos e muros* são construídos secular e tradicionalmente com pedras, a casa onde se mora, e em que gerações de familiares e parentes transmitiram a casa e o seu lugar em uma *aldea* a outras gerações de pessoas da *Casa*, há um sentido ao mesmo tempo solidamente concreto e metaforicamente ancestral ao lugar da moradia. Feita de pedras, como eram praticamente todas, no passado recente e como deveria seguir sendo, segundo os mais velhos, a casa é um lugar emblemático. E, como aconteceu com uma delas, abandonada aos pombos e ao ruir do tempo a um lado da saída de Ons de Abaixo, as casas antigas mais nobres possuíam mesmo gravados em pedra, em uma esquina das paredes, os seus emblemas: brasões da Casa inscritos na pedra da casa. *casas blazonadas*.



A entrada de uma das raras casas com brasão de pedra na parede. Que senhor viveu aqui? Quem o recorda hoje?

Mais de uma vez escrevi aqui sobre como espantariam a um inglês essas pequenas fortalezas quase encostadas umas às outras, em e entre aldeias que procuram também roubar das terras de lavoura e de prados um mínimo espaço, e que mesmo quando conseguem um, não possuem sequer um pequeno jardim. E como a um brasileiro espantaria o não tenham varandas e grandes janelas abertas ao cenário verde e encantador da Galícia. Mas é que a casa de aldeia é para ser uma brusca, mas indestrutível ruptura com o mundo natural situado “do lado de fora”. A casa de pedras parece defender-se não apenas de meigas e de trasgos, mas também de tudo aquilo que não havendo sido de algum modo trabalho pelas mãos de mulheres e de homens, resta como algo que deve ficar do lado de fora. o território da natureza ainda não ou precariamente socializada. De fato, em muitas poucas casas das aldeias de Santa Maria de Ons eu encontrei *can ou gatos* da porta para dentro. Até quando?

Uma *casa* (o lugar onde concretamente vive uma família reduzida, nuclear ou extensa) é a materialização de uma Casa (o lugar de moradia e memória que recebe um nome e atribui um nome a uma família, e a uma parentela). Assim, ela não é apenas o lugar mini geográfico que abriga e reúne uma sucessão de pessoas ligadas por laços de sangue ou de afinidade parental, ao longo do seu tempo moradores “ali”. Ela é, aquém e além de suas paredes, o lugar nominador de uma genealogia de atores sociais que nela possuem um sinal de identidade, que de geração a geração estende a cada pessoa de uma família e a cada família de uma Casa, o serem de uma *Aldea*. E através de serem *vecinos de puerta*, ou outros *vecinos*, os habitantes de *casas* e *Casas* são também moradores *de feito e de dereito* uma mesma *Aldea*. E pessoas sociais de uma *Paróquia*, de um *Concello* (cujo valor identitário tradicional é bem menor), de um lugar social *en Galícia*. De toda uma Galícia... ou *Galiza*, enfim. Gerações de pessoas, casais, filhos e famílias que por herdarem, possuírem, preservarem e honrarem um mesmo *nome da família*, acabam por consagrar ao longo dos anos aquele local físico como o lugar de um nome patrimonial e um modo de ser na aldeia. E elas se reproduzem através de seu próprio nome, ou o nome genérico de um ancestral notável da *orixen da Casa* onde mais do que apenas mora, uma pessoa é. Uma *Casa de*.

Engana-se quem pensa que o menor lugar de identidade social na Galícia é a *aldea*, fração de uma paróquia, lugar ao mesmo tempo social e simbolicamente sagrado, onde em uma Galícia anterior interagem pessoas e símbolos suficientes para toda uma vida. E temo eu mesmo haver dado esta falsa impressão entre os meus escritos. O lugar primeiro a que pertence *un neno o un vello é a sua Casa*. E uma aldeia, sendo o local da convergência-diferença das e entre as pessoas, é, antes de mais nada, o lugar que se constitui de algumas Casas e casas, cujos *vecinos*, parentes ou não, ao mesmo tempo se ajudam e competem.

Ons de Abaixo tem vinte e sete casas e nove famílias atualmente residentes. Em ruínas, vazia há anos e habitada por pássaros, uma casa era e continua sendo o lugar de uma Casa. E mesmo depois de vendida para “estranhos” – todos os que nunca pertenceram a famílias, Casas e aldeias “do lugar”, pelo menos para os

mais velhos, guardiões dos costumes, dos nomes e da memória, ela seguirá sendo nominada como a *Casa de*. E o nome se completa com a assinatura da pessoa que, havendo sido dela, deu a ela o seu nome.



Não tão longe uma da outra, dois destinos de casas de aldeia.

O progressivo êxodo das aldeias para as vilas e delas para as cidades, tem deixado além de visível ruína de algumas casas abandonadas quando a família migrante não quer ou não pode recuperá-la, um sentimento de arruinamento, menos visível nos dias de hoje, mas ainda doloroso na alma antiga dos *vecinos* que ali ficam e envelhecem. Pois em uma casa sem mais o movimento dos vivos é como se deixasse viver por ali ainda apenas a alma da Casa.

Mas o inverso de um aparente abandono é o de fato acontece. Pelo menos no caso das aldeias próximas às cidades ou a vilas prósperas, como Santiago de Compostela ou Negreira, ao lado da continuidade de um novo êxodo, sobretudo de jovens ou de famílias com filhos em idade escolar, em direção à cidade, acontece uma reocupação de espaços vicinais, primeiro ao redor das sedes dos *concellos* menores, como Brión e, depois, entre as próprias áreas rurais das aldeias nas terras altas. Uma nova ocupação de famílias jovens que fazem a viagem contrária da que realizam as que saem das aldeias em busca da cidade. Em um ritmo antes lento (que eu acompanhei), e agora cada vez mais apressado, casas são compradas, são reformadas e são ocupadas por famílias de neo-habitantes. Casas ancestrais de pedras e madeiras de outros tempos são reformadas e repaginadas como um lugar de encontros de férias e fins de semana de familiares próximos, ou mesmo parentes remotos dos seus moradores antigos.

Mas, se isto salva a casa da ruína e às vezes até a renova por dentro, deixando em alguma medida preservados alguns traços de seu retrato anterior e exterior, esta nova ocupação não salva a *Casa* e a *Aldea* de um arruinamento social e simbólico. Pois vão-se os *vecinos* e chegam os vizinhos. E mesmo quando reocupada por parentes, filhos, irmãos, sobrinhos de uma família ancestralmente moradora da casa, a Casa já não está mais presente como uma unidade cultural de vida e identidade aldeã. Como os que chegam ou os que voltam já não são mais os agricultores-camponeses que ainda vejo e com quem convivo, até mesmo a casa física deixa de ser, como o foi desde há tanto tempo antes, um lugar de vida familiar cujo sentido para si e para a aldeia era dado pela reiteração social da gramática do trabalho doméstico de tradição labrega e das relações de reciprocidade entre alianças solidárias e alguns inevitáveis conflitos. Atritos sempre iguais e rotineiros, que as tradições do lugar tratavam de resolver a seu modo.

Imagino que a aproximação geográfica de *concellos* como Ames/Bertamirans e Brión, do *Concello de Santiago*, e a expansão imobiliária crescente e muito rápida na direção das terras da Amahia, em pouco tempo

tornará muito valorizadas as terras e casas de toda a região. Casas hoje abandonadas deverão ser vendidas por um alto preço e sem dificuldades. Assisti o começo disto acontecer e imagino que de agora em diante este processo de reurbanização moderna da Amahía em pouco tempo mudará bastante os cenários e costumes de paróquias como Santa Maria de Ons e de aldeias como Ons de Abaixo. Não custa crer que em terrenos onde vejo agora de minha janela pastando algumas vacas e voando alguns corvos, em breve tempo poderão estar se erguendo as primeiras casas de novos, protegidos e modernos condomínios.

Os vivos: elas e eles

Lembro-me dos indígenas Ianomâmi. Depois de anos e anos de lutas jurídicas, alguns recentes decretos presidenciais no Brasil outorgam a uns 15.000 índios que alguns consideram “os últimos povos caçadores em estado puro” – um exagero, sem dúvidas – um território amazônico e, em boa medida, fronteiro, com um tamanho três vezes maior do que a Galícia. Um território belo e selvagem, com as quase dimensões de Portugal, onde se descobriu ou se descobrirá ouro, como em outras reservas indígenas no Brasil. E esta será, uma vez mais, uma história triste entre índios e mortos.

Mas de longe, por enquanto, eu me atenho a nomes e penso outras tribos. Lá e aqui aos lugares onde um punhado de pessoas se ajustam em famílias, constroem casas próximas, em círculos ou não, e resolvem vir morar e trabalhar juntas, dá-se o nome de: aldeias, “aldeas”. No México, onde vivi também, o que aqui é uma “aldea”, lá é um “pueblo”. E quando é uma “aldeia de brancos” no Brasil o que aqui seria uma aldeia recebe inúmeros outros nomes: “povoado”, “arraial”, “lugarejo”, “freguesia”, “currutela”, “vila”, “patrimônio”, etc.

Nada de estranho no fato de que do passado para o presente e das aldeias mais isoladas e mais tradicionais para as mais integradas e mais modernizadas possa persistir ainda um predomínio de uma certa endogamia relativa. Unidades intra ou inter-paroquiais de identidade estabelecida sobre ancestrais comuns, com alguma longínqua preferência a casamentos dentro da parentela, no interior de

uma aldeia ou da rede de aldeias de uma paróquia ou de um *concello*. Assim, a um olhar ligeiro e sem teorias de suporte, vejo abertas seguintes possíveis alternativas.

- a) Endogamia de aldeia/paróquia e endogamia de redes de parentes.
- b) Endogamia de aldeia/paróquia e exogamia de redes de parentes.
- c) Exogamia de aldeia/paróquia e endogamia de redes de parentes.
- d) Exogamia de aldeia/paróquia e exogamia de redes de parentes.

De acordo com os meus dados e algumas observações algo difusas afora a situação “c”, todas as outras seriam possíveis ou prováveis. E a tendência à individualização de escolhas apontaria para um crescente predomínio da situação “d”.

Para o correr dos anos sessenta algumas pesquisas locais sugerem uma média geral de cerca de 60% de preferências de escolhas de cônjuges dentro da aldeia ou entre aldeias de uma mesma paróquia. Mas bem sabemos que dos anos sessenta para cá também no que toca esferas de política, de ética e da própria estética das escolhas matrimoniais, muita coisa mudou na Galícia. E segue percebendo a respeito das tendências de neo-ordenações dos sistemas de vida e de trabalho nas casas e nas aldeias, a uma visível abertura de alternativas preferenciais das escolhas de destino e, entre elas, a de escolhas de realização pessoal do afeto e de opções de vida-em-comum, dentro e fora do casamento, terei que aceitar que a opção “d” é a mais realisticamente viável.

A começar pelo fato de que, sobretudo para o número crescente de jovens que deixam as aldeias – semanalmente, sazonalmente ou “para sempre”- em busca de estudo, trabalho ou emprego, o desejo ou o dever de casar na aldeia ou entre aldeias, tornam-se cada vez mais frágeis e menos impositivos.

Antes moças e rapazes casavam-se na aldeia, entre aldeias da paróquia ou entre paróquias próximas ou vizinhas. E tais preferências – entre ainda familiares e já pessoais – dependiam tanto de interesses domésticos pela terra e pelos cuidados da terra e casa – algo de resto universal em comunidades camponesas - quanto dependia da disponibilidade de encontros entre *mozos e rapazas*. Não são

poucas as músicas tradicionais galegas que versem sobre encontros públicos ou fortuitos entre festas e trabalhos nos moinhos. E a fortuita ou consagrada liberdade da mulher galega, desde a mocidade, é também ancestral e notória.

Mas, mesmo em uma região tradicional como *Os Ancares*, bastante diversa de Santa Maria de Ons e das aldeias entre o rio Xallas e o Tambre, uma estrita endogamia de aldeias-e-paróquias foi, no limite, uma relativa preferência do direito costumeiros e aldeão. Mas penso que nunca foi a regra. E devemos pensar que as uniões preferenciais cruzavam, com outras possíveis escolhas, como as de casamentos no interior da rede de parentes, mesmo quando residentes em aldeias e em paróquias muito distantes. Mesmo com homens já migrados para fora da Galícia e da Europa, no passado.

Um acontecimento recente contribui agora de uma maneira decisiva para afastar os jovens da aldeia e da convivência afetiva e motivada entre eles, na aldeia e entre aldeias. Por toda a Galícia as pequenas escolas situadas no interior de aldeias estão sendo desativadas. As crianças de hoje são reunidas em escolas situadas em uma aldeia da paróquia, e ela recebe também estudantes de paróquias circunvizinhas, e eventualmente até mesmo de outros *Concellos*.

No estágio seguinte, adolescentes e jovens pré-universitários deslocam-se para as escolas de BOU em alguma vila ou cidade das redondezas. Os de Brión vão para A Baña, Negreira ou mesmo Santiago. Até os anos da infância e da adolescência das mães das crianças de agora - muitos jovens, desde cedo alocados no trabalho agropastoril junto com os pais - não prosseguiram estudos para além do que recebiam em casa e na pequena escola aldeã ou paroquial.

Hoje praticamente todos os rapazes e quase todas as moças vão para a escola e nela demoram longo tempo. Assim, muito cedo e justamente na aurora de hora de interesse afetivo *polo mozo* ou *pola rapaza*, *xovens* vivem já longe da casa paterna. Isto mesmo quando seguem residindo nela, pois ainda assim eles passam boa parte dos dias convivendo, entre estudos, trabalhos urbanos precoces e as relações intergênero mais marcantes, já fora da aldeia e do domínio próximo dos cuidados dos seus *maiores*. A escola os sequestra e o trabalho completa o

roubo. Cada vez mais os *mozos* e as *rapazas* completam estudos em alguma universidade galega, ou em alguma escola de formação técnico-profissional.

E é evidente que cada vez mais cedo e com maior intensidade os locais públicos das vilas e das cidades tomam o lugar dos raros, precários e poéticos lugares de encontro-e-convivência nas aldeias e nas paróquias. Pátios de escolas, praças de desportos, agremiações culturais, lanchonetes e discotecas são os novos espaços sociais de uma cultura de jovens *das e nas aldeas*.

Tornados cada vez mais precocemente livres dos trabalhos da casa ou da *explotación*; tornados cada vez mais impositivamente destinados a um emprego ou um trabalho profissional “fora”, o que os obriga a uma carreira aberta de estudos também “fora”, *xovens* conquistam também a liberdade de suas escolhas de vida. Assim, o “restar soltera”, uma pequena condenação do passado na vida de uma *rapaza* destinada a conviver com os da casa e a cuidar de sobrinhos ou de *pai e nai vellos*, torna-se agora uma desejada e crescente escolha pessoal.

Tanto as jovens quanto os jovens podem associar seus diplomas de cursos técnicos ou superiores, e a sua relativa ou absoluta independência econômica a uma vida costumeira de casais com filhos (poucos, quando mais de um), a uma vida de solteiros e buscadores de um novo sistema de sentido que não o tradicional catolicismo aldeão de seus pais, tanto quanto de uma forma de viver a afetiva livre sexualidade de suas vidas. Vidas abertas a serem inclusive hetero, homo ou bissexual. Afeto-sexualidade vivida agora com uma progressiva liberdade que suas *nais* apenas julgavam realizável entre artistas de cinema pouco recomendáveis e de preferência não-galegas e não-espanholas.

distâncias

As pessoas daqui se espantam porque me vêm caminhado a esmo, mesmo nos dias mais frios, e às vezes em plena noite. Vou quase sempre a pé para Negreira e, de vez em quando, de Pedrouzos a Fonte Paredes.

Nos últimos dez e, mais ainda, nos últimos cinco anos, os carros invadiram as aldeias daqui e de toda a Galícia. Afora a família de Carmen e

Benigno, creio que todos por aqui possuem pelo menos um automóvel pessoal ou familiar . E até mesmo Mariiña, a filha única e adulta do casal, jura que no próximo ano terá o seu “auto”.

Todos vão de carro, a menos que a distância a percorrer seja pequena. Há nenhum cavalo e são muito raras as motocicletas. Bicicletas também não são usadas nas *Terras Altas da Amahia*. Algumas pessoas, quando se deslocam da casa ao trabalho em suas terras usam um trator.

Alguns dentre os *vellos* fazem troças comigo, dizendo que eu sou o único a andar por caminhar, com um rumo ou sem ele, pelas estradas e entre as *corredoiras*. E alguns entre eles chegam a se perguntar se “aquele vulto na noite” seria um extravagante ser humano, um dos últimos galegos ainda caminhantes noturnos, ou até mesmo um lobisomem.

Lembro-me de Xesus, o *crego de Rao*, entre as montanhas dos *Ancares*. Quando na *Romaxe dos Crentes de Irímia*, ele me falava de longas horas de caminhadas noturnas. De uma manhã inteira de andar entre uma aldeia e outra para celebrar missas ou para visitar um paroquiano distante. Poderíamos haver sido bons companheiros de estradas.

Toda a mudança que vejo à minha volta, em um mundo onde por alguns hábitos exóticos (no duplo sentido da palavra), como o meu inveterado costume de caminhar sozinho, e pela minha mais do eu compreensível falta de um carro, pareço ser eu o “mais antigo” habitante efêmero da Amahia.

Falando de seus alunos em A Baña e falando dos mais velhos nas aldeias, Manolo Cajuso contava que até poucos anos atrás vários adolescentes nunca haviam ido à beira do mar, cujas *rias baixas* e praias estão a menos de meia hora de Santa Maria de Ons. Algumas pessoas mais velhas mal conheciam Santiago, e muitos nunca saíram da Galícia. A vários *vellos* uma *boa feria de gando* em Santa Comba interessa bem mais do que a *Festa do Apostol* em Compostela.



*Meus lugares dos momentos livres da pesquisa.
Uma corredeira entre montes e, ao longe, uma
outra aldeia entre as tantas.*

Nota: Talvez incentivados pelo meu exemplo, depois que eu fui embora de Ons e da Galícia, em 1992, um grupo de adultos capitaneados por Luciano e por Manolo resolveu fazer a pé o “tramo galego” do Camiño de Santiago. Como era impossível para eles tomar toda uma semana, como aconteceu comigo, em outubro eles resolveram fazer o *camiño* em três jornadas de fim-de-semana, com ou sem uma noite de dormida pelo trajeto. Os peregrinos foram os mesmos que cumpriram junto comigo a Peregrinação de Oms ao Cabo Fisterra. Caminhamos durante três dias. Meses depois duas longas cartas escritas pelos de Ons deram-se conta da aventura piedosa. Eu me revi caminhando com eles.

lugares de ir, de perder-se, de trabalhar, de viver

Errei sem rumo entre caminhos e *corredoiras* até chegar a umas *leiras* onde algumas mulheres de Ons foram arrancar *patacas*. Rosa, a mulher de Luciano, traçou com as mãos no ar as direções dos lugares conhecidos e disse que “aquele” era mais ou menos o rumo do *Pozo Negro*. Tomei aquela direção, caminhei um pouco mais de meia hora. E, como em tantas outras ocasiões, eu me

perdi. Caminhei entre outras três *corredoiras* e não cheguei nem às *leiras* das batatas, nem ao *Pozo* e nem ainda a Ons de Abaixo, de onde havia saído, depois de uma meia manhã de anotações de campo e de estudos, em busca de uma misteriosa cascata ao final de um *monte* na beira do Tambre.

A variante por onde vaguei semiperdido fica não muito longe da aldeia. Ela se encontra com uma outra e as duas, próximas, acabam por chegar a um largo de pedras e de terras de *labradio* não muito longe da ponte sobre o Tambre que leva a Negreira.

Voltei. Tomei acima um caminho que vai a A Igreja e retomei a suposta direção do *Pozo Negro*. Estava eu longe do campo das batatas? Andava por bosques e havia aqui e ali sinais de árvores derrubadas, galhos finos e folhas secas deixadas pelo chão. De novo passei perto do pequeno *regueiro* que corre suas águas ao lado da antiga usina abandonada e despenca morro abaixo até o Tambre, raso, seco e triste sob o sol de outubro. Um manso rio com as pedras do leito à mostra e cercado nas duas margens pela vegetação rasteira que vive do seu húmus.

Tudo era ermo ali, e quando encontrei um velho de roupas e boina pretas, com um rosto fino e a barba de três dias, e lhe disse de onde eu vinha e o que procurava, ele se espantou, entre expressões tradicionais cheias de “coños” e de “hóstias”. E então ele me disse que aqueles eram lugares para não se ir. Um *matorral* sujo e difícil de andar, por onde vagam alguns últimos animais selvagens, os donos do *monte* e algum caçador furtivo de temporada, cercado de seus cães e de suspeitas.

As pessoas de Ons não veem razões para um interesse em trabalhar demais os seus bosques. Assim, deixados ao léu os *montes* naturais cobrem-se de sub-bosques e de relvas. Mesmo os bosques plantados são depois deixados a seu cuidado natural. Muitas vezes um mesmo *monte* envolve terra de dois, três e mais donos, e cada um sabe exatamente quais são as suas árvores. Os homens e, mais raramente as mulheres vão até ali em busca de madeiras ou para trazer *feixes de toxos* para as *camas* das vacas.

Entre *carreiros* e *corredoiras* voltei a Fonteparedes e ao Promeiral, onde fica a minha casinha, sem conseguir chegar ao lugar aonde projetei ir naquela manhã de raro e demorado sol. Eu iria experimentar outras vezes o perder-me entre pequenos caminhos de *montes* e de pedras, tão conhecidos de seus únicos usuários, os moradores das *aldeas*, que não há indicação alguma de lugares, e nem qualquer sinal de direção, como nas estradas asfaltadas de Brión. Ainda que não juridicamente, alguns pequenos caminhos do trabalho são socialmente particulares, e servem apenas para unir terras de um mesmo dono, e para levar um único casal de velhos criadores de vacas, a pé ou de trator, aos seus *prados* e *pradeiras*.

Ser de lugares na Galícia, e pertencer ao Val do Barcala, a Brión, a Santa Maria de Ons ou a Salaño Grande, significa também haver incorporado à geografia cultural da família e à geografia interior e individual os diferentes e complexos mapas de uma natureza de terra, água e pedra, transformada em casas, aldeias e *camiños*.

Até mesmo as pessoas cujo circuito cotidiano de vida e trabalho é bastante exíguo, guardam com fidelidade a trama de nomes, rumos, cenários e locais no mapa mental que mulheres (com mais detalhes do próximo do que do distante) e homens (com proporções mais iguais entre o próximo e o distante) aprendem a desenhar no imaginário da memória e preservam ao longo da vida. Alguns *vellos* com que conversei sobre geografias do passado e do presente retinham uma impressionante polissemia de nome e rumos

Mesmo depois de meses de intensa vivência e de inúmeras perguntas sobre tudo e todos às pessoas de Ons, eu conhecia ainda muito pouco de todo um emaranhado quase indecifrável a quem vem de fora, de espaços da natureza, de lugares de trabalho e de cenários e paisagens de solidão e de convivência.



Uma corredoiira dos meus andares. Um pouco adiante ela encontra o riacho Chavielo.

Seres do trabalho, pessoas dedicadas entre a manhã cedo e o escuro do começo da noite às diferentes e sucessivas tarefas dos ofícios com a terra e com as vacas, as mulheres e os homens de Santa Maria de Ons estão de modo contínuo e rotineiro circulando entre os lugares interiores da casa entre momentos menos dedicados ao trabalho – a não ser o das mulheres na alquimia das cozinhas – e dedicados à convivência entre familiares, inclusive e sobretudo nos momentos de “comida”. Estão circulando com bastante mais intensidade e demora entre os lugares exteriores da casa. Locais que, repito, na verdade são cenários de trabalho e apenas raramente de algum lazer. Recantos que cercam a casa onde as mulheres e os homens da família se reúnem para darem conta, juntos, de uma exaustiva rotina cotidiana e quase ritual de ofícios com as plantas e os animais. Com os grãos, as folhas e as carnes.

Da manhã à noite a mulher de aldeia arruma a casa, prepara as refeições “dos homens”, alimenta e envia os filhos à escola e cuida dos que ainda ficam em casa. Ao sair do interior da casa ela se move - ora a sós, ora com outras mulheres do grupo doméstico, ora acompanhada do marido ou de filhos adultos - entre

inúmeros lugares de trabalho no entorno da moradia. Ela trata dos animais de pena, dos porcos e das vacas. E esse doce e prestativo último ser-da-casa e da *finca*, que em algumas delas habita ainda *as cortes* e, na maioria, vive, come e se deixa ordenhar em estábulos situados quase sempre ainda no terreno do quintal doméstico, ocupa longos momentos das manhãs e das tardes de homens e de mulheres.



Sob o olhar da dona, três vacas pastam amarradas e cordas para não irem comer erva em pasto alheio.

Uma mulher ou mesmo um jovem filho do casal podem levar algumas vacas a pastarem em *pradeiras* da família. E do modo como os *ferrados* de suas terras são repartidos e recortadas entre vários proprietários familiares, pode bem ser que ela deva manter um par ou uma trinca de vacas enlaçadas, para que não invadam os espaços sem cercas das *pradeiras* de vizinhos.

O trabalho dos cuidados dos *prados* e das *leiras* das terras de lavoura deslocam todos os dias as pessoas produtivas da casa até outros espaços próximos ou distantes. Aos homens competem mais trabalhos nos *montes*. Mesmo contando com um aparato mecanizado que de quarenta anos para cá reduziu bastante o trabalho braçal de homens e de mulheres, quase todo o dia é tomado entre atividades que na maior parte das casas culmina na ordenha diária do leite.

Em cada dia da semana, com exceção relativa do domingo, as pessoas produtivas da unidade familiar deslocam-se do interior da casa ao seu entorno

exterior, e daí a todos ou quase todos os espaços de vida e de trabalho já nossos conhecidos: *prados*, *pradeiras*, e *leiras de labradores*. A cada dia, entre o sair da cama no quarto e o voltar a ela, manhãs e tardes são dedicados a uma sequência de deslocamentos e de trabalhos, que partem do interior da casa ao seu entorno e, dele, aos locais mais distantes de trabalho, para dali retornarem ao entorno da casa e, de novo, ao seu interior, tendo nos cuidados matinais do *gando* no estábulo e a ordenha das vacas no final do dia, os seus momentos produtivos e rituais mais marcados. E a vida é “isso”.

o Poço Negro

Luciano desenhou no guardanapo sobre a mesa do almoço o mapa de umas trilhas escondidas entre *montes* que levam a uma pequena cascata e a um poço de águas escuras e límpidas, quase na margem do rio Tambre. Ali mesmo decidimos ir lá juntos: Luciano, Manolo, Sabela e eu. Eram menos de quatro horas da tarde e havia no céu um sol insuspeito. Ele nos esperaria entre as sombras espessas do poço.

A saída de Ons de Abaixo é por uma dessas infinitas *corredoiras* que entre campos e matas de *montes* se encontram e entrecruzam em todas as direções. E elas são como uma teia de rumos que apenas depois de muito tempo de viver lá é possível decifrar. Sob a capa das árvores o lugar do caminho é sombreado e lembra um cenário misterioso e quase triste, como em alguns contos de fadas. Porque no silêncio do dia se descobre que cada vez mais os *montes* estão vazios de vida animal. Onde estão os bichos das lendas e da vida?

Dobramos adiante à direita e começamos a descer uma pendente íngreme em direção ao Rio Tambre. Erramos em pouco tempo o caminho, pois menos de 300 metros abaixo uma barreira de *toxos* e de *silvas* com agudos espinhos impedia a passagem. Tentamos uma outra vez, seguindo um rumo próximo e um tanto mais abaixo.



Águas da pequena cascata do regato Chaviello quando ele despenca sobre o Pozo Negro.

E, então sim, chegamos por entre árvores e declives ao lugar. Mas não encontramos logo o pequeno rego d'água que no desenho de Luciano seria a melhor referência para se chegar ao Poço Negro. Subimos de novo por um trecho difícil do declive até uma *carballeira* que, uma vez atravessada, deu-nos finalmente o som e a visão do rego d'água e do caminho a uma velha pequena usina abandonada. E, depois dela, o poço.

A vertente muito inclinada de terras entre a trilha e a margem do Tambre terá desestimulado o plantio de eucaliptos e de pinheiros, de sorte que caminhávamos ali por entre um longo resto de bosque autóctone. Árvores finas - uma que outra maior, de mais poder e idade - atadas à terra fértil e sempre úmida da Galícia. Árvores esguias e altas em busca de luz do sol raro.

Encontradas as ruínas da usina, descemos a custo e com cuidados redobrados até à beira do regato. Ninguém em Ons sabia o seu nome, e imagino que este seria um segredo de faunos e de geógrafos. Mas desconfio com sérios motivos que somente pode ser o *Chaviello*. O regato descia com um feixe fino de águas geladas e claras até a cascata. Águas que no poço logo abaixo revestem-se

do mesmo tom triste das sombras do bosque e do *Pozo Negro*. Este é o seu nome? Ele terá sido inventado por Luciano? Ou eu o criei quando escrevia? - O riacho, quando já avistando a cor azul escura do Tambre, forma ainda um outro pequeno poço, mais raso e menor, antes de se acabar. Águas assim tão próximas das aldeias de Santa Maria de Ons e, no entanto, tão esquecidas, a ponto de não haver uma trilha aberta entre a estrada e a cascata. Águas bem frias como todas as da Galícia, mas não o bastante para que deixássemos de tomar um rápido banho no Poço Negro e também no pequeno poço sem-nome mais abaixo.

Sob a sombra das árvores, as águas límpidas do riacho eram um escuro e difícil espelho, e elas nos devolviam imagens misteriosas de nós mesmos, enquanto secávamos os corpos, quase como se quase fosse noite. Eram águas profundas e tristes, apesar da cantiga em fá e em dó menor da cascata. Águas da nostalgia, do mistério e de uma escondida beleza, talvez porque ali um riacho de entre montes, nascido não se sabe aonde, irá enfim entregar as suas poucas águas a um rio maior, e de corpo e nome bem conhecidos.

Recordei Gaston Bachelard quando ele lembra as misteriosas águas profundas e morrentes em Edgar Allan Poe. No entanto, as alegres águas corredeiras de nosso riacho e de sua cascata lembram antes o passar de tudo em Heráclito, e sugerem a quase alegria fugaz de um movimento inocente e pouco perigoso. Elas cantam, generosas águas sonoras de um cenário sombrio sob as árvores. Mas porque se movem não espelham nada, a não ser, como num sonho triste, os seus dois pequenos poços. Ali, na quase margem do rio Tambre as águas afinal calmas do são como um espelho noturno. E imagino que sobretudo em fins de tarde elas apontam ao mesmo tempo para o fundo da terra e o fundo da alma. Pois quando ali e, depois, nas imagens da memória eu me detinha a contemplá-las e a me olhar nelas, era um sentimento de dura e estranha profundidade de tudo o que me vinha.

Em quantas ocasiões, em minhas muitas andanças, na beira de um poço assim eu por vezes sentia que estava absolutamente só, e também com um outro. Pois o espelho claro ou escuro da água me devolvia um outro eu. E como as

águas dobram e multiplicam o rosto de tudo o que se debruça sobre elas, eis ali o momento em que a imaginação sonha seres e suspeita, entre o medo e o desejo, a presença de outros, vivos ou mortos, humanos ou nem tanto... ou não mais.

E então basta mover um tanto o rosto para que a imagem refletida seja um pouco também uma outra. E assim, o espelho das águas profundas devolve ao olhar de quem se vê, e vê refletida a cena de que é parte, um curioso poder de escolha. Com alguns pequenos movimentos é possível fazer e desfazer uma sequência de quadros parecidos, mas nunca iguais. E por isso há duendes e fantasmas. Pois em águas escuras como as da Galícia, sempre é possível olhar o próprio rosto e ver a imagem de um outro. Como será terrível o temor de quem tem medo de olhar no lago e ver um rosto que não o seu! Como é o rosto das coisas em que imaginamos ver refletida a imagem de nosso rosto? O que veem as águas quando as olhamos e pensamos ver nelas o espelho invertido de nosso corpo?

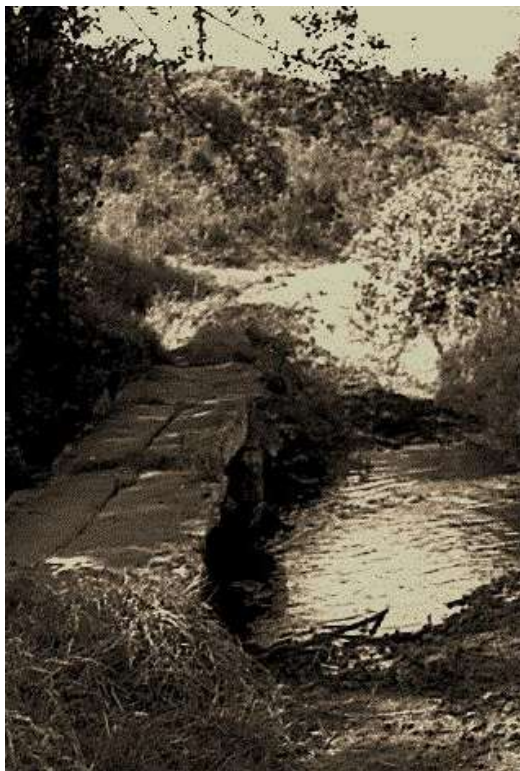
Há um mito de Narciso narrado assim, segundo a versão que aprendi um dia, há muito tempo. Quando Narciso morreu algumas ninfas do bosque que não o haviam conhecido perguntaram às ninfas que conviveram com ele como Narciso era. Como teria sido a sua inigualável beleza. Por zelo ou ciúme elas responderam com imagens precárias e incompletas. Insatisfeitas, as ninfas novas resolveram perguntar às próprias águas do lago que refletiram vezes sem fim o seu rosto de sua tanta formosura. E que acabaram por abrigar o seu corpo em sua morte. Foram então e perguntaram. Como ele era? Como seria o seu rosto?

E as águas do lago responderam: “Narciso? Um jovem belo? Nós nunca vimos! Se vimos, esquecemos. Não sabemos dizer como ele era”.

“Mas como?” replicaram as ninfas, “se tantas vezes ele veio aqui para se ver refletido no espelho de vocês?” E as águas disseram de novo: “Um rosto? Um jovem? Esse alguém nós nunca vimos tal como ele era. Pois tudo o que víamos quando ele vinha e se debruçava sobre nós era o corpo de nós mesmas, águas do lago, refletido num espelho de dois olhos”.

Voltamos antes da tarde escurecer. A noite chegou cedo e choveu muito

em boa parte dela.



Como aqui tudo é de pedras, uma ponte de pedras sobre o regato Chaviello.

no santuário dos lenços

Hoje de manhã Mitta passou por Ons de Abaixo e me levou com ela em seu carro. Ia fazer trabalhos locais nas fronteiras de Negreira e convidou-me a conhecer lugares ainda desconhecidos. Quando a viagem de trabalho acabou, depois de visitas a famílias em *fincas* em três ou quatro aldeias, ele me levou a um lugar no alto de um monte (agora com o sentido de “monte” em Português).

Um lugar de uma rara e misteriosa beleza. Se eu quisesse imaginar um cenário para antigos e secretos rituais de outros tempos, mil ou mais de mil anos atrás, não sei se saberia criar imagens de um outro sítio mais propício. *Carballos* velhos, solenes e grandes espalhados aqui e ali. Outras árvores, menores e em menor número. Algumas pedras soltas ou empilhadas por perto; uma fonte de águas geladas, meio natural, meio trabalhada por mãos humanas. Algumas pedras

maiores e quase imponentes, um pouco mais ao longe. E um enorme silêncio, pois nem mesmo o vento fazia então ruído algum. E árvores com lenços em seus galhos.



Que promessas pagarão estes lenços deixados em um lugar ermo, mas que reúne uma pequena multidão no dia de sua festa anual?

Aquele era um lugar de ritos cristãos. Nos galhos e nos ramos das árvores mais próximas à pequenina fonte inúmeros lenços brancos balançavam amarrados por uma ou duas pontas. Alguns muito velhos esvoaçavam já aos farrapos. Mas outros poderiam ter sido colocados ali a menos de quatro chuvas. Como flores ou gestos de adeus eles acenavam ao vento, a nós e a ninguém. Alguns dias mais tarde eu veria a mesma cena, mas agora ao vivo, entre toques de gaitas galegas e uma pequena procissão, numa festa votiva em de Villamayor, aldeia de Santa Comba.

Como em tantos outros recantos do Brasil e de outros povos do mundo, aqui também as pessoas não creem apenas em um Deus. Não lhes basta acreditar nos efeitos de seu poder como uma resposta ao fiel; ou no poder derivado e entregue aos santos, seres mais humanos e afetivamente próximos dos melhores intermediários entre a divindade e nós, porque antes de serem o que são agora, foram um pouco como nós. A começar por Maria, mãe judia do deus-homem que com os mais diversos nomes é cultuada - talvez como em nenhum outro lugar qualquer da Europa - de uma ponta à outra da Espanha. Uma mulher de um único

e múltiplo nome, e dona um repertório quase incontável de rostos e de trajes. Na rua onde moro em Santiago de Compostela existe uma Capela de *Nossa Senhora da Quinta Angústia*.

As mulheres e os homens que em dias de festas ou em outros dias comuns vieram até aqui dependurar lenços e preces ao vento, acreditam que para mover um deus através de seres, que quando entre os vivos dedicaram a ele as suas vidas, bastam algumas preces contritas enquanto entre os dedos desfilam as contas de um rosário. A muitas pessoas basta ao sagrado um gesto interior de fé pronunciado sem palavras no silêncio de um lugar qualquer. Às vezes até menos, e uma mãe em desespero pode mover com um olhar aflito aos favores e poderes da *Señora dos Céus* diante de cuja imagem caiu de joelhos por um instante. Gestos pequenos de um grande ardor que se crê que trazem à Terra um milagre, que mesmo quando não reconhecido canonicamente pela Igreja pode tornar-se um sinal pessoal, familiar, ou mesmo público de que de fato “a fé move montanhas”.



Quando faltam os galhos das árvores, é também pelo chão que os lenços da fé se espalham

Mas neste País que resiste até hoje aos protestantes e à sua fé em um deus trino, mas sem quaisquer mediadores, acredita-se com piedade exemplar que os favores dos céus se alcançam à custa de uma fé que poderia ser até um tanto precária e duvidosa, desde que venha armada com alguns artifícios que a cultura dos tempos e do lugar tornaram ancestralmente poderosos. Assim, acender grandes velas, algumas do tamanho de quem as carrega; lavar os olhos na água

de uma única fonte milagrosa em toda a região; tocar com as mãos e os joelhos a terra de um lugar da natureza; colocar a mão direita nos buracos que séculos de peregrinos acabaram escavando na imagem de Santiago, em Compostela; dependurar lenços brancos comprados por duzentas pesetas em alguma loja de Negreira, entre os galhos de algumas árvores no alto de um monte, ao redor de uma fonte.

Ao lembrar as festas vividas em Ons e Viceso, e também de festas regionais até onde vão as mulheres e os homens das aldeias de Brión e outros *concellos* próximos, lembro que em tudo há uma ancestral sequência de pequenos gestos devotos e, portanto, sagrados depois de ao longo dos tempos haverem sido consagrados. Em comemorações patronais de *aldeas*, de paróquias ou mesmo de uma cidade maior, como em *San Lázaro*, em Santiago de Compostela; em *Santa Eugénia*, em Fonteparedes; em *Santa Mínia*, em Pedrouzos; em *San Xurxo*, em Gonte, Negreira, ou na *Romaxe dos Crentes Cristiáns*, observei com carinho e cuidado os rostos. Estive atento a gestos e tomei nota de pequenas cenas corriqueiras ou pouco usuais. Descobri pequenos segredos, quando o *cura* em *San Xurxo* contou-me, confidente, que aquele passar com o corpo curvado por baixo do altar de São Jorge, que eu acabara de presenciar, quando o santo a cavalo é levado na pequena procissão de após a missa da festa, era algo que ele próprio havia inventado há um ano. Muito mais ancestral era o costume de em todas as festas as mulheres e os homens trazerem de casa longas varas com que tocam porcos, para com elas tocar na imagem do andor o dragão, o cavalo ou, entre as mais afortunadas, o corpo do santo.

Não me ocupei em viver e observar na festa ou na romaria aquilo que poderia haver nela de uma já tão descrita e comentada tradicionalidade ilusória, como a que se vê descrita em manuais para turistas, onde o sagrado e o devoto valem pelo típico e o pitoresco. Pretendi apenas e o tempo todo sentir o saber do que presenciava ou partilhava. E traduzir “tudo isto” - o que já me parece bastante - em escritos que desejem serem somente pequenas crônicas de antropologia. E com um pouco mais de compreensão busquei entrever

semelhanças e diferenças entre maneiras como as pessoas que nos outros dias eu encontrava da manhã cedo à quase noite às voltas com as rotineiras sequências do trabalho camponês, viviam a seu modo a experiência da fé através de pequenas festas patronais e suas celebrações e cerimônias⁴.



*Que San Xurxo abençoe os animais da casa e da finca.
A benção das pessoas fica para outro santo e outra
festa patronal*

Eventos de momentos, de noites, de datas e épocas especiais em que se misturam o comer, o beber, o bailar, o orar, o pagar promessas e, quando possível, o estar em paz com um deus ou um santo. E também o alegre e desmedido comprar objetos que vão de uma vela a uma cartela de bingo. E a alegria também sagrada do reencontrar parentes, *vecinos* e amigos. E o trocar, entre um gole de vinho e um bocado de *pulpo*, alguns informes e comentários

⁴ O que investiguei e escrevi sobre festas e rituais de devoção católica na Galícia, está em dois outros livros: *O corpo coberto de cores* e *O Caminho do fim do Mundo*.

sobre a regularidade das chuvas, o preço do leite ou a colheita próxima do trigo com um parceiro de ofícios. Sempre se espera - lá no Brasil como aqui na Galícia - que cumpridas as “obrigações para com o santo de devoção” tudo o mais possa ser o que permite e convida sem pecado uma festa a um padroeiro. Afinal, o próprio Cristo Jesus não andava em festas e não multiplicava toneis de bom vinho?

Assim, no dia em que viemos á solidão dos lenços brancos, para depois retornarmos no grande dia da festa de romaria, deixamos para trás lenços que nos acenavam e sonhavam dizer alguma coisa a um Deus silencioso, a um santo, a uma fonte de água, ou simplesmente às pessoas que viriam ali, e ali se reuniram para partilhar o prenderem o poder dos céus na ponta de um lenço branco, molhado antes, quem sabe? De algumas lágrimas entre uma prece e alguns soluços.



Vestida do branco dos lenços da romaria.

as chuvas de Ons

Para quem sempre pensa sair todos os dias em busca de gestos e palavras para uma pesquisa de campo, e conviver com as pessoas em seus locais de trabalho; e ainda fazer perguntas e gravar respostas, e ver e fotografar, esta chuva inesperada de um agosto de verão molhado me obriga a uma espécie de outro aprendizado. Aprendo a dividir os momentos do dia entre o que faço em casa

quando chove muito, e o que posso fazer quando a chuva abre uma trégua. E descubro que esta é uma maneira excelente de conhecer os próprios ritmos das vidas da natureza e da cultura por aqui.

Aprendo a desligar a *Rádio II-Clássica* para ouvir no meio da tarde o cantarolar da chuva sobre o telhado da escolinha das crianças de Ons no Promeiral. Na sua suave música entrecortada de intervalos, reconheço a diferença entre essas chuvas da Galícia e as de Goiás. Pois aqui quase nunca chove pesado. São mais raras - mas existem e algumas são terríveis! - as tempestades sonoras com chuvas de tambores graves, entrecortadas de raios e trovões.

De um céu que passa em dez minutos do azul ao branco, do branco ao cinza claro e dele ao mais escuro, o tempo trás entre pausas pequenas uma nova onda de chuvas. Ora quase uma garoa lenta, como se tudo fosse apenas o próprio vento sem pressa e molhado, ora uma chuva de gotas densas e de uma queda forte por apenas alguns momentos. E ao ruído sinuoso do vento por um instante vem se somar o som de um bando de cinco ou seis corvos que passam voando sobre pinheiros e eucaliptos em busca de algum prado, como o que se molha em frente à minha casa, onde uma mulher de mãos generosas espalhava sementes nos sulcos da terra arada.

Em poucos dias aprendi e desaprendi os caminhos de estradas e *corredoiras* em todas as direções. Entre os trabalhos de campo e as longas horas de estar em casa, lendo livros e artigos, relendo minhas notas e reescrevendo as minhas anotações, acostumei-me a sair para andar sozinho e vagar pelos montes de Ons, Viceso. Liñaió e Mourentans e, de vez em quando, entre *aldeas de paróquias* mais distantes. Adotei um bastão peregrino que me protege de algum cão solto e afoito, e ajuda no caminho a afastar as *silvas* e os *toxos* ao vagar pelos bosques. Mas até onde posso, recuso o guarda-chuva, pois este semi-símbolo de Santiago de Compostela não combina com andanças rurais entre aldeias e pradós. Quantas vezes saí e vaguei debaixo de um bom sol ou de nuvens nada suspeitas, e voltei ao *Promeiral* encharcado, depois de duas ou três chuvas sucessivas. Imagino quando vier novembro.

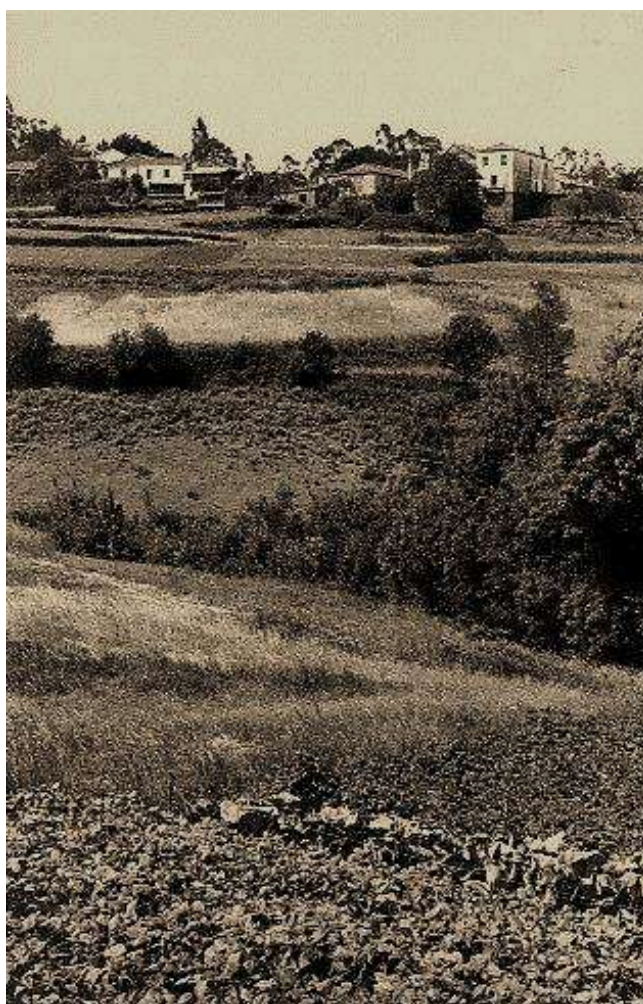


Esquecido ou à espera?

Luciano contou que há belos caminhos ao longo das margens do Tambre, depois dos bosques que descem de Ons até a ponte de Negreira. Para lá irei quando as chuvas deixarem. Percorro estes *sendeiros* de bosques e pastos verdes com uma alegria e um deslumbramento de uma sempre primeira vez. Coleciono a imagem de alguns *carvallos* solitários que começo a tratar como velhos amigos, e me apaixono por algumas cenas rurais de Ons que me obrigam a voltar outras vezes a um mesmo lugar de uma estrada percorrida já seis ou sete vezes, antes de me decidir a ir conhecer outras paisagens.

De uma maneira especial eu me enamoro pelas *corredoiras sob carvallos e castiñeiros*, entre muros de pedras e com a cobertura de limo das chuvas e dos anos. Aqui e ali, como uma surpresa para quem vem de fora, há sempre um súbito pequeno caminho entre *montes* que deságua em um *prado* cuja cor verde claro brilha de luz ante olhos saídos dos tons escuros e sombrios dos bosques. Algumas vezes o caminho entre *montes* termina em uma clareira que deixa ver ao longe o arvoredo de pedras de uma aldeia no meio de uma colina.

Lembro-me do que aconteceu há uns seis dias atrás. Depois de andar meio perdido dentro de uma pequenina estrada sinuosa, vim a dar em uma súbita curva alta do caminho. Um lugar esquecido onde o bosque abriu um claro e me deixou ver desde do alto, ao longe, as torres de uma capela de pedras, como todas por aqui, e mais seis ou sete casas na direção de Negreira, bem abaixo. Tomei algumas fotos e fiquei de perguntar o nome do lugar.



Esta imagem é uma boa síntese de todos os cenários de Santa Maria de Ons. Aqui há prados, praderas, labratorios um pouco de monte e, ao longe, a sempre presente aldea

Todos os mínimos recantos da Galícia são conhecidos, reconhecidos e nominados pelos seus habitantes. alguns vem de séculos e atravessam gerações. Creio que não há um *monte*, uma beira de *prado*, uma pedra um pouco maior do que as outras, uma curva de estrada, que não tenham um nome conhecido.

Esses são os cenários entre os quais acontece quase tudo o que vim ver, descrever e compreender aqui. Então, porque não deixar que os olhos e o coração amorosamente estrangeiros descubram alguns sentidos do afeto sobre os quais Haverá depois o que escrever? Cenários tão comuns e, entanto, paisagens de uma tão suave e fabulosa maravilha, que são agora o que eu vivo, e serão depois, entre os guardados da memória, tudo aquilo de que não terei de querer esquecer.



Por entre as árvores do monte, ao longe uma aldea.

De novo as chuvas

É de novo um dia em que acordo de manhã cedo e outra vez chove muito. Da minha janela no Promeiral eu contemplo o toldo cinza escuro, baixo e triste das nuvens vindas talvez da Escócia. Quase escondido pelo nevoeiro ao longe vejo o muro de pinheiros e de eucaliptos que escondem a estrada por onde caminhei na manhã de ontem. Entre as manchas dos bosques entrevejo campos de erva empapadas de *purim* irrigado a poder de máquinas e encharcados pelas águas da noite, como tudo o mais que não dormiu sob um telhado. E vejo da janela a mesma mulher sempre de negro, com o chapéu camponês de palha, e com um saco de plástico de um inesperado tom laranja posto sobre os ombros para proteger o corpo da chuva.

Cena humana já vista tantas vezes em outros lugares. Lembrei-me de “O semeador” de Van Gogh. Com a mão direita a mulher vai colhendo de um balde pequenos punhados de sementes de capim. E com lances do braço atira os grãos á terra arada e gradeada à direita e á esquerda do campo por onde caminha em linha reta. Ela pensa em vacas, no caldo quente com carne e batatas no “xantar”. Ela relembra alguma cena anoitecida em uma novela de ontem, sem saber que faz os gestos de um Deus criador.

Sozinha e quase irreal, pois a bruma das águas aumentou agora e ela quase desapareceu atrás de um véu líquido no campo, a mulher sabe que aproveita a chuva para tornar o seu trabalho mais econômico e mais produtivo. Os homens da casa por dois dias, mesmo que não chova mais nesta semana, não precisarão irrigar o *prado*.

Agora, nem vinte minutos depois de haver começado a chuva ameaça parar e o ar clareia a cor do céu. A mulher jogou as últimas sementes e vai bem devagar para casa, sem os passos pequenos e apressados das mulheres daqui. Como estará no inverno, quando eu já tiver ido embora em Dezembro, este campo a meio caminho entre a aldeia e os *montes* vizinhos, semeado entre os pequenos gestos de rito que esta semeadora do oitavo dia e eu vivemos, sem trocarmos uma palavra, numa manhã de chuvas de setembro? Como vi acontecer outras vezes, alguns corvos voam das árvores e vêm comer a sua parcela de sementes.

aldeias, aldeas

Faz alguns dias fui com Mitta a uma aldeia nos altos de *Negreira*. Não moravam ali mais do que dois pares de velhos. Um deles me falou de *Pontevedra*, *uña aldea* inteiramente abandonada em outros altos, sobre o Tambre. Existem algumas outras por perto e existem muitas na Galícia. E Mitta me contou que algumas delas começam a ser habitadas por compradores, às vezes vindos de longe, veranistas do Norte da Europa que adquirem entre estes belos montes uma casa de pedra aos pedaços, em uma aldeia de sonhos e de fantasmas, por um preço mais baixo do que o de meio jardim em suas terras.

Quando as pessoas de *Brión* falam das aldeias no passado, lembram sempre lugares bastante mais habitados do que agora, mesmo nos duros tempos da *fame* e das duas ou três ondas de emigração para as Américas e, depois, para o Norte da Europa. Para países como a Suíça, que até hoje em dia, embora em muito menor escala recebem homens e mulheres migrantes sazonais em troca de enviarem jovens veranistas em busca das praias e do pitoresco deste quase “fim do mundo”.



Encantado pelo mistério que atrás de cada velha aldeia se esconde, eu errava por elas entre Santa Maria de Ons e outras paróquias. Muitas vezes caminhava um dia inteiro atravessando aldeias da Amahia e gostando de encontrar sobretudo as quase ou inteiramente desabitadas.

A julgar pelos relatos escritos e pelas inúmeras fotos de livros e de álbuns que andei lendo e vendo, de fato mesmo nos tempos mais difíceis havia uma “vida de aldeia” que foi a segue sendo a marca da Galícia, e que agora se perde depressa. Mas não tanto. Pois quando olhadas de dentro inúmeras aldeias galegas, como quase todas as de A Baña, Santa Comba, Ames, Negreira e Brión estão ainda povoadas de vida, de chaminés com fumaça, de vacas, de trabalhos e também de crianças, mesmo quando as casas com fogões acesas da manhã à noite alternam-se com velhas moradias com portas trancadas à espera de ninguém, e com telhados ruídos há anos.

Pelo menos no caso das regiões próximas a Santiago é ilusório imaginar as aldeias galegas como um lugar de moradores monotonamente uniformes em quase tudo. Claro, este é o modo de ver dos estudos sobre a antiga ou atual tradicionalidade de um modo de vida camponês nas aldeias galegas. Hoje, no entanto, várias *aldeas* são lugares social e culturalmente bem mais diferenciados do que se possa ou deseje imaginar. Melhor será compreender que a Galícia abriga, entre os seus mais de trinta mil lugares de povoação, um leque de variedade geopolítica que vai de aldeias abandonadas por completo até aldeias

em vertiginoso processo de neo-povoamento. Que vai de aldeias uniformes quanto à persistência de um modo de vida tradicional, até aldeias bastante modificadas em tudo.



A aldeia de Mourentans, já fora da Paróquia de Santa Maria de Ons.

Agora é tempo de lembrar que as *aldeas* de toda a Amahia combinam a ruína com a reforma, o abandono com o uso pleno, o apego à tradicionalidade camponesa com o desejo “americano” de “trazer o futuro para aqui”. Toda a região reúne pessoas *do* campo que ficaram, com pessoas *no* campo, que vieram. Homens e mulheres que vivem nas aldeias uma vida quase urbana e semi-urbanamente moderna, e que na aldeia preservam apenas uma ora próxima ora distante relação com os costumes do lugar.

Assim, a quem não busque em Brión apenas a presença ou o resíduo do passado, as aldeias de Santa Maria de Ons revelam um campo social e simbólico de intercâmbios entre mulheres e homens - aparentemente quase iguais em suas partilhas - de um ilusório mesmo modo de vida no interior de grupos domésticos que aos poucos e de forma irreversível se diferenciam. No entanto, homens, mulheres, famílias, redes de parentes e de *vecinos* que em suas diferenças lutam como podem para se manterem tão iguais quanto possível.



Deixados juntos no chão por um momento o guarda-chuvas e os apetrechos do trabalho com a terra.

Imagine, amigo leitor, a Família de Amélia, a mãe de Manolo Cajuso, marido de Angelita, pais de Ana e de Oscar, em Fonteparedes. Falei de Amélia páginas atrás. Ei-la, velha e séria mulher camponesa, guardiã de uma galeguicidade antiga e em mudança, vestida de negro e saudosa dos tempos da *gaita de folles e dos muiños*. Manolo, o filho, a quem os resultados do Campeonato Espanhol de Futebol interessam agora mais do que o destino das vestes e danças galegas locais, sabe ainda exercer com maestria vários labores e trabalhos agropastoris. E de fato a sua ajuda é esperada, constante e indispensável, quando ele está na casa. Este homem nascido-em-aldeia, hoje professor em Boiro e agricultor de horas vagas, casado com Angelita, que comparte com Amélia os trabalhos devidos a uma mulher galega entre a cozinha e o quintal, mas a quem não atraem mais as roupas pretas da sogra. Manolo e Angelita são a melhor imagem do sujeito cultural galego em plena transição entre um modo de vida e outro.

E o que dizer da Ana e Oscar, os filhos com os olhos do desejo e do destino voltados para Santiago de Compostela e o que existe para além de Santiago? Jovens nascidos e criados na aldeia, a quem uma música de rock ou o jogo do Celta com o Barcelona motivam muito mais do que as grandes festas patronais de todo setembro dedicadas a Santa Mínia. Assim, uma mesma entre tantas outras

casas de uma aldeia galega concentra não apenas três ou quatro gerações de familiares integrantes de um mesmo grupo doméstico. Ela faz conviverem tempos reais e simbólicos de vidas e escolhas culturais, que tendo Angelita no exato meio-termo, colocam Amélia em dos extremos e Ana no outro.

Várias vezes em conversas com os *vellos*, eles, e as mulheres mais do que os homens, exaltavam a evidente melhora das condições de trabalho agropastoril e da qualidade da vida caseira e comunal após a introdução algo recente e agora crescente de saberes e instrumentos modernos de saber, sabor e labor. E faziam tais juízos na mesma medida em que lamentavam o serem possivelmente a última geração em que uma antiga e desejada Galícia ainda poderia se reconhecer, como diante de um espelho fiel.

Antes foi o tempo da *broa de centeno* e dos *carros de vacas*. Carmem e Benigno também de Fonteparedes trabalham com o último par de vacas atreladas a um antigo e pesado carro de madeira. Apenas em 1950 a luz elétrica chegou a Nos, e as feiticeiras, aqui chamadas *meigas* - donde “meiguice”, não em Galego, mas em Português - de uma vez para sempre tiveram que fugir para os altos de algum monte onde vivem ainda, não muito longe da *Amahía*, os últimos cavalos selvagens da região. Nesta mesma década aprisionaram no *Embalse de Maza* as águas antes livres e encachoeiradas do Tambre. Há menos de 50 anos atravessava-se o rio de Ons para Negreira em uma balsa, uma *dorna*, no pequeno lugar que leva até hoje este mesmo nome.

Os primeiros sinais de uma sociedade pouco a pouco tornada mecânica e, depois, eletricamente moderna, coincidirem em toda a região com um último fluxo de migrantes para a Europa do Norte, para outras regiões mais prósperas da Espanha, e para as cidades-polo da Galícia. De fora para dentro e de longe para perto é que chegam, tanto antes quanto agora a paróquias como Santa Maria de Ons, o carro moderno e a arquitetura modernizante das casas. Das novas residências de toda a região e de quase tudo o que nelas há, dentro e fora.

Em qualquer uma das aldeias de Ons, mas com ritmos e esferas diferentes, em um percorrido de uma hora o caminhante pode encontrar casas tradicionais de

pedra conservadas e utilizadas plenamente; casas tradicionais reformadas segundo padrões da arquitetura tradicional; casas modernas - quase sempre não mais de pedras, em geral construídas por “americanos” ou neo-residentes.

Ao lado das de Santa Maria de Oms, as de Santa Maria de Viceso parecem aldeias menos “típicas”. Há menos pedras, menos *hórreos*, menos recantos em que parece que o tempo parou, como em A Igreja. Nelas há várias casas novas, brancas, como um quase cenário não-galego na Galícia. Casas assim são vistas por seus donos como um sinal de rompimento com uma tradição sem ligar agora, e de progresso. Mas a passagem da cantaria para o bloco de cimento não é devida apenas a razões de apego à tradição. É dito que em Viceso é mais barato construir uma casa nova do que reformar por igual uma antiga, com pedras, lareira antiga e conforto moderno, como José Anton fez com a sua, em O Casal, sobre uma casa “arruinada”. Com o dinheiro gasto em reproduzir uma exata casa de pedras, é possível construir uma nova, de blocos e alvenaria, bem maior e mais funcional. Assim, os motivos do novo se somam e as residências “modernas” branqueiam horizontes que antes eram da cor cinza das pedras.

É preciso que uma antiga aldeia de casas e de *cortes* seja ainda habitada por várias famílias do lugar, ou é necessário que famílias neo-migrantes desejem investir em preservar como foram antes as suas casas, tornadas um refúgio dos *vellos* ou um local de memória ou de veraneio familiar, para que residências, aldeias e paisagens mantenham por mais algum tempo a vocação e a arquitetura do que se considera em Brión a vocação de uma autêntica herança das tradições galegas.

O lento e irreversível cerco dos condomínios e as vantagens utilitárias das casas novas de alvenaria, com amplas garagens para dois ou mesmo três carros, conspiram contra esses cenários medievais de *capelas*, *hórreos* e *casas de cantaria*. Mas são elas e as aldeias que as reúnem aquilo que os turistas de fora procuram. E aquilo que tanto os galeguistas saudosos quanto um antropólogo encantado com o que vê a sua volta querem fotografar e descrever.



Vista dos montes que cercam algumas delas, as aldeias da Amahia e de Ons assim parecem a quem chega “pelo lado de trás”.

Afinal, não é preciso ler *A Câmara Clara* de Roland Barthes para se saber o que escrevi antes e repito agora. Compreender as razões humanas pelas quais tanto aqui quando em qualquer lugar do mundo, são os ranchos de palha em beira de poéticos rios, assim como as velhas casas aldeãs de madeira ou pedra aquilo que pintava Van Gogh e retratavam quase todos os seus antecessores e herdeiros. O mesmo que com diferenças de olhar e de estilo hoje fotografa Sebastião Salgado, alheio ao lugar suntuoso das casas ricas e modernas, que talvez aqui e ali preservem em alguma parede a imagem da velha casa dos avós em alguma *aldea* entre as montanhas.



Por quantas gerações essa mó moeu o trigo, o centeio, os anseios, as esperas e as memórias?

falar galego

Em que língua falar com as pessoas de Santa Maria de Ons?

Em dois dias eu descobri que entre professores da Universidade de Santiago alguns preferiam falar *en castelán* e, outros, *en galego*. Com alguns, portanto, eu falava *castelán* e, com outros, um português que pouco a pouco, aos troços procurava um soar as suas palavras *en Galego*.

Nas aldeias não. Ferreirinho, Ruso, Benigno, Domingos, Xosé Ramón, os Cantellar, os Cambon, os Cajuso, Maruja, Sabela, Romariz, Xosé Amâncio, Luciano e Rosa, Amélia, Carmen, Carmela (a professora da escolinha de Fonte Paredes), os primeiros que conheci e com quem conversei em Negreira e em Brión, são, desde ênfases diversas, galeguistas, entre singelos, moderados, ferrenhos e radicais. E em uma primeira conversa em um bar de Negreira quase em frente à *Extension Agrária*, ao redor da mesa me fizeram ver que preferiam que eu falasse em português e, com o tempo, tentasse o galego, ao invés de falar em *castelán*. Que alguns sem pudor algum tratam como “uma língua invasora”.

Luciano e Rosa e, depois, todos os de Brión, só fizeram confirmar isto nos muitos dias em que convivemos. Assim, falei português ou galego, mas nunca o *castelán*, com as pessoas moradoras nas aldeias, ou em Negreira, divididas entre professoras e profissionais de outros ofícios em vilas ou em Santiago, como Ana e Isabel, as irmãs da aldeia de Torres de Altamira, e os últimos jovens, adultos e velhos agricultores e *gandeiros* das *fincas* de Ons. Nas aldeias de Ons e, posso crer, em todas as *aldeas* das comarcas banhadas pelo *Tambre*, o *Xallas*, o *Sar*, o *Sarela* e o *Barcala*, fala-se sempre o galego dentro e fora de casa. Ou porque é a única língua que se conhece, ou porque é a única que se deseja falar.

Vejamos. Os mais idosos, os que eram crianças antes da difusão do rádio, da escola pública primária, e da “tele”, falam apenas o galego, e algumas pessoas de aldeias mais isoladas não sabem falar o espanhol. Vale o mesmo para aquelas pessoas que viveram a infância, a juventude e a maturidade durante o governo repressivo de Francisco Franco, quando em toda a Espanha foram impostas severas restrições ao uso e ao ensino de quaisquer outras língua que não o

espanhol, inclusive nas atuais “autonomias”, como a Catalunha, o País Basco e a Galícia.

Dentre todas as modalidades reconhecidas, *vellos* e *vellas* aldeãs falam o rústico e musical galego dos antigos *labregos*. Foi com pares de *vellos* assim, várias vezes acompanhando-os a *praderas* ou a *montes* em uma manhã de trabalho, que eu aprendi algumas primeiras palavras sobre a vida e os labores rurais da Galícia.

Para os outros, pessoas ou casais escolarizados e letrados, falantes do galego e também do *castelán*, falar em galego e ensiná-lo aos filhos, antes mesmo de que o aprendam nas escolas onde o seu ensino é agora obrigatório, é uma escolha sobre a qual há visíveis e crescentes divisões, bem maiores nas vilas e, mais ainda, nas cidades, do que nas aldeias. Para alguns a língua a ser aprendida e falada com prioridade é o espanhol. Para isto alguns oferecerão motivos ora étnicos - “somos espanhóis antes de sermos galegos”; ora práticos: “com o espanhol fala-se em toda a Espanha e, hoje em dia, em quase todo o mundo; com o galego fala-se apenas na Galícia”.

Alguns pais consideram mesmo mais importante o aprendizado do inglês entre os seus filhos, do que o do galego. Não os encontrei nas aldeias. Outros – e esta deverá ser em pouco tempo a tendência dominante, sobretudo após a criação da Comunidade Europeia – acham tão necessário o aprendizado de uma língua quanto as outras, e consideram o equilíbrio do bilinguismo uma situação ideal. Outros ainda preferem o galego como língua identitária e de primeira escolha. O *castelán* é o seu complemento inevitável. Alguns galeguistas mais fervorosos, sobretudo os integrantes ou votantes do *Bloque Unido Galego*, optam mesmo por uma efetiva secundarização do espanhol. O atual *alcalde de Brión*, em seu segundo mandato, pertence ao *Bloque*, e é um dos raros prefeitos pertencentes a este partido fervorosamente militante e minoritário.



Angelina e Amélia descascam milho em silêncio. Mas quando se falam é em galego. Filhas e netos daqui há alguns anos, em que língua falarão?

Nas escolas públicas e particulares crianças e jovens aprendem as duas línguas, e a ênfase maior ou menor a favor do Galego é não raro uma opção do corpo docente. Nas casas e ruelas das aldeias convivi sempre como *nenos* e *nenas* falantes do galego, e com *rapazas* e *mozos* oscilando entre uma língua e a outra. Nas igrejas das paróquias, dentro e fora dos dias de festas patronais, a língua dos ofícios era sempre o Galego. Nas aldeias criticavam-se os padres de Santiago de Compostela, porque apenas cerca de 30% dos ofícios religiosos, são oficiados na língua da Galícia principalmente os da Catedral de Santiago. Todas as reuniões e documentos do *Concello* são falados e escritos em Galego, e assim também se espera que aconteça nos grêmios culturais das vilas da região.

Assim, desde a democratização do país o Galego em suas diversas variantes é, ao mesmo tempo: a) a língua única e/ou preferencial dos *más vellos*, mormente os das *aldeas*; b) a língua oficial do Governo da Autonomia, obrigado inclusive a incentivar o seu uso público, o seu ensino e a ou sua difusão através dos meios de comunicação em sua esfera; c) a língua de uma diferenciada identidade étnica e cultural entre jovens e adultos, homens e mulheres. Diferenças identitárias hoje bastante marcadas e crescentes entre adultos-júnior, jovens e mesmo crianças, sobre as quais pesam critérios de imposições e/ou escolhas como: o lugar social de vida e de trabalho; a adesão a projetos de presente e de futuro, sobretudo associados ao estudo e ao horizonte de empregos;

a escolha por este ou aquele cenário de domínio cultural no que se refere às artes, aos costumes de vida cotidiana, com forte ênfase sobre o lazer, e até mesmo na opção por estilos de vestuário ou de culinária.

Mesmo nas aldeias encontro pelo menos três cenários que, sobretudo entre os jovens, conduzem a escolhas mais ou menos estáveis, isoladas ou interativas: a) um cenário cultural fortemente galego; b) um cenário predominantemente espanhol; c) um cenário de forte influência norte-americana. Não é estranha a combinação do primeiro com o terceiro. “Barbie” e “Mc Donald” devem chegar a Santiago, Vigo, Ourense e A Coruña em muito pouco tempo.

Cartazes criados e divulgados pela *Xunta da Galícia*, por outros órgãos da Autonomia, de comarcas ou de municípios, por instituições culturais e até mesmo pelo comércio local e regional podem ser vistos espalhados junto à Catedral de Santiago, tanto quanto em algum muro de pedras de uma pequena aldeia. Eles convocam os da Galícia - nativos ou moradores forâneos - a que escolham o Galego como língua de preferência. Pequenos plásticos em carros, “botons” e escritos de camiseta multiplicam o apelo. *En Galícia falamos en Galego!*

Temem os defensores do galego que, menos nas aldeias do que nas vilas, e menos nelas do que nas cidades maiores, ele possa estar perdendo terreno para o *castelan*, como acontece - mais aqui, menos ali - com outras línguas de autonomias na Espanha.

Um recente estudo feito na Universidade de Santiago e difundido em um grande painel com gráficos e considerações chamava a atenção para o fato de que o galego é menos falado do que o espanhol na televisão, nas emissoras de rádio galegas, nas igrejas e mesmo na universidade. O gráfico mostrava que dos velhos aos adultos e destes aos jovens e crianças decrescia de maneira visível a opção pelo galego como a língua preferencial. O estudo não sugere se há mais homens do que mulheres, ou vice-versa, na opção preferencial ou exclusiva do galego. Mas pelo que observei em Santiago e Vigo, em algumas vilas e nas aldeias de Brión, e Negreira, as diferenças de escolhas seguem as gerações e os grupos de idade, mas não os gêneros.

Ora, como as línguas, o vestuário é uma fala, e bem sabemos que as roupas servem para cobrir e proteger, mas também para mostrar e dizer. Como as linguagens eles geram sistemas gramaticais. São entes culturais com vida própria e participam das estranhas e quase nunca bem compreendidas tessituras de símbolos e de significados que, à falta de uma palavra mais adequada, prosseguimos chamando de “identidade”, ente as suas nem sempre felizes variantes: pessoais, grupais, institucionais, étnicas, religiosas, culturais, sexuais, linguísticas, e assim por diante.

Estou consciente de que tudo a respeito do que escrevo aqui tudo em todos os planos existe e interagem entre feixes e eixos da tessitura de um mesmo entrelaçado e intercomunicante modo de ser, quando falo sobre os ritos do trabalho nas *fincas*, sobre os rituais das festas e celebrações, sobre a gramática social através da qual, prática e socialmente mata-se um porco e se comparte a sua carne, sobre o modo como as *fillas xovens* fogem dos *traxes* das mães, e as mães das roupas negras das avós, e sobre o “falar como se fala”, entre os *zocos* e os “tênis Nike”. E noto que em tudo e entre tudo há bem mais do que um simples “espaço de fronteira” entre as gerações. Há, do que se calça à língua em que se deseja falar, e da fala aos saberes dos *vellos gandeiros* aos *xovens da universidade* como que dois mundos cujas raízes estão em um mesmo eixo, e desde o qual tudo o mais aos poucos e depois alargadamente toma rumos diversos, como acontece na natureza com a ampla copa de um mesmo ancestral *carballo*.

Como acontece em outras esferas do viver e conviver humano, também (ou principalmente) nas línguas e falas há tecidos, tons, cores, escolhas, ênfases, tipos de contagens e de vocações, estilos de combinações e opções, direitos e deveres de usos sociais em e entre diferentes tipos de atores, cenários e momentos culturais. Com mais sutileza do que as roupas que vestimos ou as comidas que celebramos e comemos, sabemos que modos de pensar, de dizer e de agir sempre observam diferentes gramáticas linguísticas, tanto quanto submetem-se também a gramáticas sociais através das quais ao falarem o que

dizem e no como dizem o que falam, os atores sociais de uma língua de algum modo “dizem” também quem são e como querem ser *auto* e, se possível, *alter* reconhecidos e identificados.



*Os rostos, os gestos, o olhar, a vestes.
O rosto sério da velha que come. O gesto zombeteiro da
rapaza da orquestra na mesma festa. O cruzar dos tempos
em uma mesma festa a um santo padroeiro.*

Penso que exagerei detalhes ao comentar aqui a delicada urdidura de escolhas, em um lugar do Mundo ao mesmo tempo tão rusticamente simples e tão refinadamente complexo - como é a aldeia galega - ao falar páginas e linhas atrás a respeito de tipos e estilos de casas *das* e *nas* aldeias de Santa Maria de Ons, entre a preservação in totum pelo menos da face exterior da velha casa de pedras, e a construção de deslocadas casas “americanas”. talvez tenha feito o mesmo ao descrever agora não o modo típico e gramatical do “falar galego” nas aldeias, tal como um linguista o faria. No entanto, creio que sito se deve a que penso que o que importa aqui é compreender não tanto como “as coisas foram ou tendem culturalmente a ser”, mas como no cotidiano de seus diferentes atores elas podem diversamente serem e interagirem. e, assim, dentro de uma em entre as gerações, elas podem oscilar, em meio a apelos e pequenos conflitos, entre a tradicionalidade galega de Amélia e a modernidade aberta de seu neto Oscar.

Voltemos alguns passos atrás. O que terá levado Xosé “Moncho” Ramon, um professor de *A Baña* a decidir não viver o começo de sua vida de casado em um apartamento funcional e novo em *Negreira*, como o fez Xosé Amâncio, bem mais perto da escola onde ensina, e cuja compra seria mais em conta do que o que gastou para reformar por dentro e preservar por fora uma casa de pedras em *O Casal*? E o que leva um “americano” retornado à Galícia, e também à vida de um professor, a construir bem na entrada de outra antiga aldeia uma casa ao gosto da classe média de Caracas?

Quando se trata de opções de vestuário as escolhas podem ser bastante mais pessoais. E é claro que os gostos-de-moda das gerações possuem sobre elas um poder menor de controle do que outros domínios culturais de estilos, gostos e escolhas. Lembro que poucas, muito poucas vezes vi uma única mulher velha nas aldeias de *Ons* sem a cobertura negra da cabeça ao pescoço. O uso no trabalho dos *sombrios labregos de palla* é bem mais livre, e ele defende uma mesma pessoa tanto do sol ou da chuva quanto da perda de um sinal visível de quem ela é.

Na direção oposta, é quase impensável que uma moça da aldeia não se traje “universalmente” como as jovens escolares ou já universitárias, de Santiago, Madrid, ou Rio de Janeiro. Embora o negro seja uma das cores de gosto das vestimentas da mulher na Espanha, vê-se que de modo geral os rapazes e as moças de cidades, vilas e mesmo das aldeias consolidaram nos últimos anos a lenta conquista cultural do uso de roupas jovens, “roqueiras”, multicoloridas e identificadas com um padrão quase único da “tribo” universal dos jovens pelo mundo quase inteiro.



Fiéis participantes de uma pequena procissão rural já vista em uma imagem anterior. Cantou-se em galego o tempo todo, e em galego foram as orações da missa.

Vi no México - mais ao Norte do que em outras regiões - homens e mulheres de associações tradicionalistas que em dias de reuniões festivas trajam-se de “charros” e dançam aos pares, ou exigem proezas *rancheras* com laços e bois, montados a cavalo. No sul do Brasil – e aonde quer que haja uma qualquer pequena comunidade de gaúchos espalhados pelo país - existem por toda a parte os Centros de Tradições Gaúchas. Rara, muito rara a cidade de Rio Grande do Sul que não tenha pelo menos um CTG. E quando a cidade é maior eles podem ser dois, três ou vários. Nos dias de reuniões, comuns ou festivos, as mulheres e os homens são obrigados a comparecerem ao CTG rigorosamente “pilchados”, isto é, vestidos com os trajes tradicionais da cultura gauchesca.



Os olhares, os trajes, os cabelos, o uniforme dos escoteiros, nada mais sugere o como são e se trajam as suas avós. Fora alguma ocasião festiva com exibição do Traxe Galego, rapaza alguma vestirá veludos e cores negras.

Em outras regiões do mundo exemplos assim se multiplicam, e aqui e ali eles são bastante eloquentes. Há um culto do traje típico, mesmo, ou principalmente quando já não mais vestido pelas pessoas nos dias da vida cotidiana, e são guardados em baús para momentos festivos e de evocação de identidade. É quando eles quase valem como bandeiras e ressoam como hinos.

Na Galícia o uso cerimonial de trajes tradicionais ficou - como vi acontecer também em Portugal, e bem menos, na Itália e na França - mais restrito aos corpos das crianças e dos jovens, mulheres e homens em idade escolar. Nas grandes festas públicas de Santiago de Compostela veem-se homens e mulheres, e até mesmo alguns nobres e austeros *vellos* envergando os coloridos trajes galegos do passado. Mas eles saem assim às ruas em ocasiões raras. E não me parece que nas aldeias e nem nas sedes de *concellos* e nas vilas e cidades haja um número importante de agremiações de “culto cultural” aos *traxes e costumes da vella Galícia*. Talvez porque seja recente uma aberta liberdade para pessoas, famílias e comunidades voltarem a ser e a se dar a ver e a ouvir como desejam ser de fato. Esta ainda recente reconquista de autonomia cultural e identitária explica o afã de galeguistas em retornar a atores, a falas, aos gestos, a cenários, a cenas e a objetos que entre o cotidiano, o festivo e o cerimonial, representem uma afirmação restrita ou francamente pública de um “antigo modo cultural” de ser e reconhecer-se sendo - ou voltando a ser - um galego na Espanha.

Talvez o melhor oposto do que acontece nas pequenas festas patronais de fim de semana em paróquias e aldeias de Ons, ou durante a semana inteira de grandes festas de potente apelo e afirmação - entre um religioso universal e um sabor patrimonial galego - nas comemorações anuais do *Dia do Apostol*, sejam os três dias do Carnaval - o *Antróido* - comemorados na Galícia ainda em tempos de inverno e frio. Durante aqueles dias que não são feriados, mas tempos normais de trabalhos, algumas pessoas em Santiago e de outras cidades maiores da Galícia – mais raramente em vilas e, mais ainda, nas aldeias – vestem-se de fantasias. E elas são francamente universais. Nada há de solene nelas, e mesmo o que é típico deve ser grotesco, como as fantasias de *meigas*, as bruxas galegas.

Há pessoas que a sós ou ao pares caminham fantasiadas pelas calçadas das ruas. Há pequenos grupos que podem desfilam na carroceria de um caminhão. Há alguns desfiles aos quais poucos prestam atenção. Tal como no Brasil e nas Ilhas Canárias, aqui todo o solene se transforma em mascarada, e há muito mais de um alegre e debochado sentido universal nas fantasias e nos gestos do que de galego ou mesmo espanhol.



Mascaradas do Antróido. Poderia ser nas Ilhas Canárias ou no Rio de Janeiro.

Lembro os carnavais de minha infância no Rio de Janeiro, quando as raras e complicadas fantasias de baianas competiam, entre crianças e jovens, com fantasias de índios (norte-americanos, sempre) de piratas, de legionários, de

pierrôs, de colombinas e de arlequins, entre os mais velhos. Um mesmo apelo a um universal de circo, falsamente solenizado ou alegremente debochado, dominava as roupagens de crianças, jovens e adultos, tanto no Carnaval de minha infância carioca quanto o *Antróido* galego de agora.

Mas a grande diferença é que no Carnaval do Brasil e de outras poucas regiões do Mundo, uma parte de festiva – e “sambante” – solenidade nas roupas e nos enredos ficava reservada (mais antes do que agora) aos desfiles de Escolas de Samba. Ali sim, como na Festa do Apóstolo Santiago, entre corpos seminus e corpos cobertos de muitas roupas, os passos de samba eram dados por guerreiros, seres míticos, orixás, estranhos seres mitológicos ou etnicamente típicos do País. e mesmo antigos e recentes heróis pátrios, populares, ou não.

Podemos agora pensar aqui em um quase-quadro com diferenças. Coloquemos num quadrante acima as pessoas de Ons mais próximas do que seria aceito considerar um “modo de vida galega e aldeã tradicional”. Coloquemos no outro quadrante as pessoas mais abertas à inserção de si mesmas, de suas famílias e casas em um modo de vida mais próximo - em termos galegos e espanhóis - de uma globalização uniformizadora de modos de vida e de estilos de cultura. Trabalhemos aqui com exemplos reais de pessoas - e eu guardo e relembro os seus rostos diante de mim enquanto escrevo isto - tomando-as como padrões típicos de ser e viver, de tal maneira que o está relacionado abaixo vaha como uma simples primeira aproximação.

+ ***tradicional***

- * falar exclusivamente o galego
- * usar apenas roupas tradicionais
- * ter preferência pela casa galega tradicional como uma oficina de trabalho
- * ter preferência pelas comidas e bebidas típicas da Galícia e da região
- * assumir um interesse acentuado por assuntos locais no âmbito da aldeia, paróquia e, no limite, do Concello
- * demonstrar uma adesão cultural e/ou política a uma identidade galega, oposta, no limite, à espanhola.

- *tradicional*

- * falar o espanhol e, secundariamente, o galego
- * usar apenas roupas ocidentais modernas
- * dar preferência à casa galega modernizada ou a casas de estilo moderno
- * dar preferência a uma alimentação mista entre a culinária galega e alimentos de uso “global”
- * não demonstrar nenhuma ou uma fraca adesão cultural, e sobretudo política de teor galeguisante.

O ser e sentir-se galego do *vello* Romariz, pai de Romariz-*fillo*, não deve de maneira alguma ser percebido como um aldeão bronco, distante do mundo e indiferente ao que se passa além do lugar onde cresce o seu milho e pastam as suas vacas. Ele é apenas uma trama de focos de atenção e interesse sobre algo diverso do campo de desejos e vocações de seu filho. Para os dois uma vitória do Real Madrid sobre alguma equipe galega é um acontecimento igualmente desastroso, embora esquecível uma semana depois. Apenas o filho estará bastante mais ligado do que o pai em acontecimentos políticos que ameaçam algum dos valores de galeguicidade que os dois cultuam e querem preservar, cada um a sua maneira.

Nisto estará o pai mais próximo de Juan, o *albanil*, provavelmente o mais atento torcedor de futebol de Santa Maria de Ons, assim como dos filhos de Luciano, de Mariano, de Manolo Cajuso ou de Xosé Amâncio, para quem os resultados semanais do futebol importam em graus que vão do relativo interesse a uma tranquila indiferença, mas a quem chama a atenção um seminário regional sobre o presente e o futuro da “Cultura Galega”.

E tanto os velhos lamentarão o fato de que aos jovens de agora importam mais as vitórias dos grandes times de futebol de outras autonomias ou regiões (Real Madrid, Barcelona, Sevilha) carregados de “craques estrangeiros”, quanto lamentarão os dois Xosés e mais Luciano e Mariano, que entre os mais *xovens* haja cada vez mais interesse pelas bandas de rock que os fazem sentirem-se parte de uma “tribo” situada em todo o mundo, do que pelas bandas de instrumentos típicos, que fazem os seus pais recordarem sempre que serão sempre galegos.



A mulher encostada na parede já não veste mais a roupa das mulheres cobertas de negro. Suas filhas buscarão nas lojas de roupas de moda em Santiago de Compostela roupas de cores e cortes que lembrem mais Madrid ou Chicago que as aldeias das avós. As avós se entendem em galego. As netas, em que línguas? E para que falas?

Ao cavalo, com amor

Estariam se vingando os deuses dos celtas através dos descendentes dos ancestrais dos primeiros cristãos na Galícia? Digo isto porque aqui em San Fiz de Brión, não muito longe da igreja de Santa Mínia, os homens, agora bem mais do que as mulheres, reúnem-se entre campos e a sombra de *carvallos* para celebrarem a vida através da pujança dos cavalos. E não é apenas por isso, pois os galegos redescobrem agora diferentes maneiras de celebrar com grandes acontecimentos a própria terra em que vivem, ela, nua, e os seus frutos - os das terras e dos mares - mariscos, queijos, porcos, vinhos, vacas e cavalos.

A contra face profana da grande *Romaxe* de Santa Mínia em Brión é a *Festa do Cavallo*. Dois dias de um fim de semana com muitas barracas de compra-e-venda de comidas e objetos que depois, em casa, estragam cedo ou logo são esquecidos. E também as sequências de arrojados jogos equestres, visitas a cavalos *do País*, música e, como sempre, momentos de comer e de

bailar. Tudo o que tem em uma festa religiosa, mas agora livre do peso do sagrado.

Alfredo, que trabalha no *Concello de Brión*, me faz as contas. O dinheiro empenhado na festa girou entre dois e três milhões de pesetas. Só ao conhecido conjunto musical de Milladoiro pagou-se cerca de um milhão de pesetas. Sabendo-se que em outras paragens de Espanha paga-se muito mais por menos tempo de Júlio Iglésias, pareceu-me ainda pouco pela hora de música e maravilha que encheu os ares das terras baixas da Amahía.

De outro lado, apenas as barracas vindas para vender, comida, bens ou diversões de festa venderam por volta de setecentas mil pesetas. E a rifa muito bem sucedida de um cavalo doado, ou do seu valor, orçado em cem mil pesetas, rendeu outras quase setecentas mil. O ganhador proferiu receber em dinheiro e não se sabe o que se fez do cavalo.

Os comerciantes locais ou de mais longe os que apareceram em pequenos quadradinhos no cartaz da festa - aportaram algo por volta de um milhão de pesetas. Em síntese, bem planejada uma festa assim não dá prejuízos. E pode quase dar pequenos lucros ao *Concello*. Mas não haverá de ser somente por isso que festas como a *do Caballo en Brión* tendem a se espalhar pelas rias e vilas do litoral e do interior.

Na verdade vejo acontecer aqui na Galícia o mesmo que acompanhei no Brasil nesses últimos trinta anos. Surgem e se multiplicam por toda a parte festas de diferentes âmbitos, sempre marcadas por diversos - e às vezes estranhos - símbolos de identidade. Algumas dessas festas celebram um “fruto da terra”, um produto da pecuária, da pesca, da agricultura ou de manufaturas artesanais e típicas. Elas concorrem agora com as festas cívicas nacionais, estaduais e municipais com que uma nação inteira ou um pequeno município celebram os seus “dias pátrios”. Concorrem também com as tradicionais festas religiosas. Festas em louvor a padroeiros que acabam sendo também celebrações de paróquias e mesmo de aldeias. Concorrem com festa em que o “produto” não é mais um ser da natureza transformada, mas um “ser da cultura” idealizada. Uma

feira como a de celebração de uma real ou imaginária tradição, como os “festivais de música celta”.

Este seria bem o momento em que, aparentemente opostos, os dois padrões de festividades públicas aproximam-se. Os padres – os *curas* e os *cregos* – que eu os ouvi várias vezes, e em vários tons, reclamam do púlpito que as festas patronais – a começar pela de Santiago – perdem aos poucos a sua face religiosa e/ou o seu teor de devoção, e ampliam as tentadoras ofertas de seu lado de comércio, jogo e diversão. Ora, as antigas feiras de *produtos do país*, por seu lado, tendem a passar de locais e momentos de pura e simples compra, venda e troca de bens. E secundariamente abrem-se a oferta de serviços, como em feiras-festas que incorporam e ampliam as barracas, os parques de diversões e os momentos de música e bailes das festas patronais.

Na direção do sagrado para o profano - ou da devoção para a diversão – assim como na direção do profano para o sagrado - ou da diversão para a devoção - creio que tanto a *Romaxe de Santa Minia* quanto a *Festa do Caballo*, tendem a acentuar duas tendências, cada uma a seu modo e segundo o seu estilo.

Uma vai em direção a uma reiteração do sagrado que subordine tudo o mais em seu nome, mas aberta a que haja na própria substância mais íntima de tudo o que ritualmente se festeja, uma sempre consentida abertura ao lúdico, ao profanamente prazeroso. Como se diz corriqueiramente no Brasil: “primeiro a devoção, depois a diversão”.

A outra vai, como no caso da “do cavalo”, em direção a uma sutil e crescente sacralização do profano. A tornar aquilo que se celebra, entre o cavalo, o queijo ou o *viño* algo que quase vale como algo senão teologicamente sagrado, pelo menos culturalmente consagrado. No mais, uma e outra, a do santo e a do cavalo convergem em propiciar o que mais importa: a recriação solenizada de tempos e de espaços devotados a afetuosas experiências de interação entre pessoas e pequenos grupos de pessoas. Experiências que talvez tragam para a festa o que bem depressa se perde no correr da vida cotidiana. O encontro de familiares fora do trabalho; o reencontro de parentes, sobretudo os “ausentes” -

que desde há séculos são uma presença constante na Galícia; os momentos festivos em que o comer-e-beber, o jogar e bailar que servem de anteparo ao simples estar-juntos para a arte do conversar e do conviver. E nisto os galegos são mestres incansáveis. Se os padres lamentam menos frequentadores nas missas e, sobretudo, menos homens nas mesas de comunhão, talvez seja porque o momento de comungar apenas esteja se deslocando de mesas do altar para as de casas, bares e barracas..

Com um pouco mais de atenção observo que nas pequenas festas patronais bem mais do que nas grandes festas galegas, tanto a missa ao ar livre ou sob o toldo de lona de um local improvisado, quanto a *comida* ou a *cea* também ao ar livre ou sob toldos de outras barracas, são o intervalo ou o acontecer de desejados e afetivos encontros e reencontros entre familiares, entre parentes, entre vizinhos e amigos. Podem e devem ser sempre os mesmos entre um ano e outro. E a festa os reúne para celebra justamente o “eterno retorno” da presença de outros que, senso quase sempre os mesmos quase parecem tornar eternas as pessoas. Até quando uma parte uma outra celebração as despede da festa e da vida.

Quando uma festividade amplia da aldeia e paróquia para fora o seu âmbito e se transforma em um evento do calendário festivo e turístico da Galícia, tanto a festa patronal quando a de produtos da terra tendem em comum a passarem do reencontro dos nossos no círculo da pequena comunidade de iguais-reconhecíveis ao encontro de todos em uma crescente multidão pouco a pouco “típica” e tipicamente impessoalizada.

Elas tendem, assim, a passarem da celebração “do que é nosso, entre nós e para nós mesmos”, à festividade aberta dada “por nós aos outros”. Tendem a transitar do ritual ao espetáculo, tanto em uma solene procissão devota de Semana Santa quanto em um desfile cívico. E basta então ver na *Festa do Caballo* quanto nas *Festas Patronais ao Señor Santiago* uma progressiva redução do número dos que praticam e vivem “isso que é nosso”, em direção a algo oferecido em nome do interesse daqueles que de perto ou de longe acorrem para assistirem ao que não conhecem, mas “ali... acontece”. E, de poucos anos

para cá as festas “típicas” são invadidas por turistas forâneos que ada vez mais participam e veem menos, e fotografam mais. Usuários pós-modernos das máquinas digitais que multiplicam o poder de gravar e guardar o que parece não caber mais entre a vida presente, o deleite dos sentidos e a inocência da memória.

No limite, chega-se ao tempo da pura e simples oferta-padrão daquilo que é ancestralmente reconhecido como próprio e típico “daqui”. Ocorre então uma virtual passagem do que é *próprio* - ancestralmente nosso, segundo os nossos termos e padrões, e vivido entre nós e para nós – em direção ao que é *típico*. ao que, ainda quando “feito por nós” e em nosso suposto nome, é dirigido a uma multidão de “outros” que acorrem para ver o espetáculo de como ainda pensamos ser. E depressa uma tendência universal transforma no limite aquilo que ainda é “propriamente típico” em um apenas simulacro. Em uma crescente mistificação de padrões de criação, e vivência e de oferta de produtos culturais de consumo e banalização de sentidos e de usos. Algo que torna qualquer coisa que um dia foi nossa, em um padrão passível de estar em qualquer lugar e valer por qualquer símbolo. Assim, o que parece haver sido um dia mais “autenticamente celta” pode ser comprado por trezentas pesetas em algumas lojas de “cem pesetas”. E o turista que jamais se atreveria a fazer o Caminho de Santiago sequer de Arzúa até à grande Catedral, pode em uma esquina de Compostela, a troco de menos de mil pesetas, vestir-se com um falso traje peregrino e se fazer fotografar.

Tomemos por um momento o exemplo da música e dos músicos de festas. Houve um tempo – e sobre ele tanto leio quanto ouço os velhos contarem de viva voz – em que o *gaiteiro*, com a gaita de foles às costas e um resto ainda autêntico de roupa antiga, andava de vila em vila, de paróquia em paróquia, de festa em festa. Eram esses e outros músicos acompanhantes os que animavam noite adentro os pequenos bailes locais que encerravam um dia de festa, ou toda uma festa de aldeia, em seu último dia. E ainda outro dia eu ouvia na casa do Promeiral uma música que falava de um *gaiteiro* velho e de sua gasta gaita, agora pendurada na parede... para nunca mais.

Eram esses músicos das antigas festas de que falam as mulheres da casa de Cambon, e mais Amélia, Carmen e outras pessoas com quem conversei vezes sem conta em Brión e Negreira, em A Baña e mesmo em Santiago. Existiram em algum tempo um gaitero essencial, um sanfoneiro ou um instrumentista equivalente, e mais alguém com uma caixa ou um par de *pandeiretas* na precursão. Bastava uma pequenina trindade sonora para encher um lugar de dança e alegria entre o julho e o outubro das aldeias.

Havia “naqueles tempos” algumas mulheres e grupos de mulheres que cantavam acompanhadas de seus velhos pandeiros. Menos afeitas às gaitas - objeto de arte dos homens - e mais às cordas e às caixas de sons, as suas herdeiras, modernas e urbanas, como as *Lleilia*, ainda tocam pandeiretas e cantam ritmos rápidos e mais as vozes altas e agudas, como se de uma aldeia cantassem para uma outra. Havia mesmo famílias, como a de Domingos Esparís, com vocações musicais dedicadas aos ofícios da igreja - que hoje reclamam um organista pelo menos razoável - e também músicos rústicos e exímios entre saraus de então, e as festas entre verão e primavera.

Ainda existem os últimos *gaiteros* solo. Ainda restam alguns últimos grupos notáveis de música galega tradicional. Mas eles são raros e vários deverão desaparecer em pouco tempo, a menos que um re-interesse por suas presenças em momentos de festas-espetáculos reavive a tradição dos velhos músicos - de que os *gaiteros* são o símbolo mais excelente - e dos antigos conjuntos de “muxica galega”. A meio caminho, entre os artistas populares e patrimoniais, sejam eles amadores ou profissionais, e os conjuntos musicais tipo “sessión Vermouth” e, no limite, grupos e bandas de músicas “pop”, de cujos palcos fogem os mais velhos e se reúnem os jovens, existe hoje na Galícia uma promissora proliferação de jovens artistas-solo, ou - o que é mais frequente - de grupos de jovens de música galega. Como estudantes de música, canto, dança e, eventualmente, de artesanato típico, frequentam os cursos oferecidos pelas escolas públicas e as casas de cultura dos *consellos* - de que Brión é um caso exemplar - as crianças e os adolescentes, ou mesmo alguns adultos que em nome de suas vocações podem

realizar escolhas variadas. Podem se integrar em um grupo coral local, em uma banda de músicas, em um conjunto *folk* de música galega. ou podem mesmo se arriscar a começar uma promissora carreira de artista solo.

São alguns desses pequenos grupos de crianças ou de jovens e, em casos mais raros, de adultos, os que se apresentam agora tocando, cantando (mais raro) e bailando “música típica galega” em diferentes festas patronais, culturais ou de produtos. Em várias manhãs das aldeias eu gostava de vê-los e de gravar as suas músicas, enquanto com passos rápidos eles caminhavam tocando as suas alegres *alboradas* com os seus instrumentos musicais.

Quando eles silenciam os seus toques, uma banda de músicas de adultos, não raro com também *mozos* e *rapazas*, pode ocupar o seu lugar. Em um coreto ou em um outro lugar a ela reservado a banda toca, bastante mais alto, os dobrados não muito diferentes dos que escutei também, no Brasil, no México e em outros lugares onde me foi dado estar presente em algumas festas típicas. E cabe a ela também a execução dos *pasos doble*; estes sim, bastante espanhóis.

Durante o dia ou, de preferência, entre o cair da tarde e a noite, grupos musicais mais modernos e com uma marcada influência latino-americana, ocupam-se das músicas para ouvir e/ou bailar das “sesións vermouth”. Em algumas festas e na dependência das escolhas da comissão disto encarregada algum grupo profissional de música galega, como *Lleilia* ou *Milladoiro*, poderá ocupar locais especialmente reservados para as suas apresentações. De resto, tal como se vê acontecer em algumas festas de cidades maiores, grandes caixas de som, altos palcos e guitarras elétricas poderão em pouco tempo ocupar com ruidosas e globalizadas “músicas pop” os lugares e os tempos dos pequenos e resistentes conjuntos de “música folk”.

Talvez, de um ponto de vista de sequências de eventos festivos e cerimoniais, uma *festa do caballo* aproxima-se - guardadas as diferenças e lembradas as semelhanças - de uma *romaxe*, como a de Santa Mínia, na medida em que as duas se opõem a uma pequena e tradicional festa paroquial, como Santa Eugénia em Ons ou San Fiz em Pedrouzos. Pois enquanto estas últimas

deslocam as pessoas e os gestos da igreja e do adro para dentro das casas, e aspiram ser um pequeno evento vicinal entre amigos e parentes, as outras duas tendem a serem alargadas e promovidas a grandes festas abertas. Festas de multidão em que o que há para ser feito e compartilhado é dirigido de preferência a um público visitante, anônimo e provisório.

A *Festa dos Vellos* que presenciei foi dedicada a pessoas reais, pessoas do lugar, “os nossos vellos queridos“, Assim, ela se situa a meio caminho entre festas dedicadas a um ser sagrado ou sacralizado, como a de Santa Mínia, a as festas-feiras de produtos, como a ‘do Queixo” ou a “dos Caballos”. Assim, ela começa com uma missa e só depois deságua, como as outras, nos jogos, prêmios e comilanças festivas e coletivas. Aproxima-se, portanto, da festa religiosa, embora não seja promovida por paróquia alguma, mas pelo Concello.

“Festa dos Caballos” dispensa qualquer cerimônia de teor religioso. Pois se o alvo da festa é o cavalo. Ora, como uma típica festa de feira de produto ela se realiza inteiramente entre dias de jogos costumeiros, momentos de competições equestres com prêmios e troféus, de músicas para ouvir e bailar, ao lado de brincadeiras, compras e comilanças.

Não é tanto este caráter solenemente profano em um lugar da Espanha onde quase tudo o que é público - mais nas aldeias do que nas vilas, mas nas vilas do que nas cidades - é de algum modo religioso, o que deve chamar a atenção. É, antes, a sua moderna vocação em submeter de uma vez o ritual comunitário vivido entre e para as pessoas de um lugar, a uma sequência de espetáculos oferecidos pelos do lugar e de fora a um público indiferenciado.

Breve volta à vaca

Quero me situar à margem de uma economia de vaca, enquanto um produto que se cria, consome e vende. Que ousar aqui uma breve semiologia da vaca, como um ser com quem se convive. Creio que de algum modo isto é o mesmo que passar de um ser vivo pensado enquanto mercadoria através dos símbolos de lógica de mercado, em nome de um ser vivo pensado enquanto uma coexistência. Enquanto uma presença natural chamado a uma íntima companhia

dos homens, através dos símbolos e das metáforas de uma lógica de partilhas da vida.

A mulher que sujeita três vacas atadas e cabrestos, enquanto elas pastam uma porção matinal de *erva* bem em frente à entrada da Fonteparedes, conversa comigo. Ela tem muita pena do estado atual das vacas, criadas em estábulos. E sempre que pode, gosta de trazê-las a pastarem no prado. Atenção ao verbo: “gostar”. Ele é ambíguo no caso. Pois não se sabe se ele tem prazer em fazer aquilo, quebrando assim a rotina do pasto-estábulo, ou se ele o fez porque lhe dá gosto dar momentos de um prazer de vida às suas vacas. As duas razões serão, creio, o seu motivo.



Atadas a cordas e por um momento livres do estábulos, três vacas pastam. A mulher sorri para quem fotografa.

Ao considerar o que aconteceu em Brión entre os seus primeiros filhos e os seus primeiros netos, ela desenha com simplicidade um paralelo atraente e temível. A *muller gandeira* lembra que as recentes inovações tecnológicas têm sido um bem indiscutível para as pessoas que ainda se dedicam às atividades agropastoris. Trabalha-se menos horas e com menos esforços duros e pesados do

corpo. O rendimento do trabalho em qualquer dos seus domínios é bastante maior, e a qualidade dos produtos da terra e do estábulo é bastante melhor. Entre jovens já no trabalho e os *vellos* ainda nele, vive-se uma vida aldeã e agrária muito mais confortável, segura e autônoma. Vive-se mais, come-se com muito maior fartura e os recursos de uma medicina desenvolvida e democratizada estendem a vida de pessoas. Estende-as com visível vitalidade a tal ponto que, como eu vejo acontecer à minha volta, não são raras as pessoas com mais de setenta anos - o que não é ainda o caso dela - espalhadas pelos campos da Galícia até quando a noite de mais um outono as alcança.

É bem verdade que, tal como sempre acontece, e por toda a parte - segundo a mulher ouve contar de parentes e *vecinos* que em algum tempo foram viver na Suíça, o que “mellora” cobra das avanços recentes da vida rural os seus tributos. Não vale a pena repetir aqui aquilo de que ela se lamenta, enquanto cuida para que as três vacas não comam a *erva* de prados alheios, já que seu terreno não tem mais do que uns cinco metros de largura. .

Ela lamenta que para os animais domésticos - fora os bichos da casa, como cães e gatos - os mesmos progressos iludem vantagens e aumentam desgraças. As vacas são presas em espaços mínimos dentro de estábulos sombrios e vivem bem menos agora do que as de antes. E vivem curtas vidas igualmente sombrias e infelizes, enquanto os humanos que vivem delas e de seu leite, vivem muito mais e vivem uma vida “moito” mais folgada. “Vivem as vacas uña vida triste”. Compartem cativas uma vida de comer uma boa alimentação e receber um bom trato Mas vivem presas e prestam apenas para gerarem crias e para produzirem baldes de leite. Vivem para parirem sem conhecer os prazeres de um touro e se submeterem a se deixarem ordenhar duas vezes ao dia.

O gado macho é aprisionado e engordado para morrer cedo. E ela me conta casos de casas próximas em que porcos e galinhas são também confinados em cubículos; celas de vidas curtas. Nada existe agora das cenas europeias que povoavam os livros de minha infância: doces e mansas fazendas e *fincas* com meninas balançando suas longas saias ao lado de um regato cristalino. Enquanto

à volta, ao final de uma estrada sombreada de árvores floridas, vacas, bois e ovelhas pastam mansamente, enquanto porcos e galinhas buscam ao redor do quintal de uma casa branca uma comida farta e colorida.

“Os animais são como nós”, eles sentem”, a mulher arremata, enquanto olha com doçura para as vacas cujos nomes, corpos e espíritos ele garante que conhece, quem sabe, melhor do que os dos netos? As pessoas ganharam e perderam quando uma socialização cultural da natureza impôs-se de vez ao campo, de tal maneira que a unidade de produção agropastoril que não adote os seus recursos não sobrevive mais de um ano para o outro. Perdeu-se em troca uma certa identidade de vida, tal como ela foi e aconteceu até algum tempo atrás, Tempo de que são testemunhas os adultos mais idosos e os velhos. Ganharam em troca uma *qualidade de vida*, que, vimos, substitui cavalos por motos, carros de bois e vacas por tratores, e coloca diante dos familiares não mais a rotina das chamas de uma lareira de pedras, mas uma variada programação de televisão colorida. E o que vale para os humanos vale, com bem menos vantagens, para os animais. Vacas não puxam mais carros, mas vêm menos sol, não conhecem as delícias do corpo de um touro e vivem menos, ainda que bem mais agasalhadas e bem nutridas.

Olho ao meu redor e penso que em poucos lugares do mundo, mesmo em tempos de uma pecuária às pressas modernizada, homens e animais convivem ainda tão intimamente como nas aldeias galegas. Mesmo nas *explotacións* mais modernas, como na Casa dos Cambon, os recantos de jardim (quando já algum) e as cercanias das casas cheiram a vacas, cheiram a alimentos de vacas e cheiram os dejetos aproveitáveis das vacas. De igual maneira, ao longe as vilas costeiras cheiram a restos de peixes e mariscos.

Até hoje em Santa Maria de Ons e nas aldeias das terras altas da Amahía, são raras as casas de unidades domésticas camponesas em que pelo menos um porco não seja criado, Em muitas casas de pedra galinhas e galos são ainda criados, presos como porcos e vacas, ou livres. Alguns gatos e um ou dois cães de bom tamanho completam a fauna da unidade doméstica. Durante algum tempo

a região da Amahía foi uma das principais produtoras de Chinchila. Pequenos seres de pelagem preciosa, criados para em poucos meses serem mortos e transformados em casacos. Durante alguns anos esta criação, incentivada pelo governo provincial, foi a base econômica de Brión. Sumiram elas como chegaram, e de suas graciosas figuras deixaram poucas lembranças. Em raras casas da região criam-se ainda hoje ovelhas. E volta e meia, há notícias de ataques devastadores de lobos sobre rebanhos.

Se as casas que vi nas pequenas (e silenciosas) aldeias da Inglaterra são cercadas de jardins, gramados (o orgulho inglês) e até mesmo pomares bem cuidados e criteriosamente limpos, onde o cuidado com as plantas de frutos e, sobretudo, de flores, parece ser inigualável, a casa rural galega ainda reserva os seus lugares debaixo da casa (raros hoje) para os animais, como nas *cortes* e nas vizinhanças íntimas dos quintais. E a mulher lamenta ainda hoje, mencionando caso por caso, o destino triste de cativo artificial e de morte prematura dos animais de criação da casa. E lembrando que a perda de uma vaca dói muito mais do que a de um porco, e a deste mais do que a das galinhas, o pensamento da mulher das três vacas oscila entre uma razão prática e a razão afetiva.

Ora, convivendo com as pessoas da unidade doméstica cotidiana e intimamente; repartindo com elas os espaços muito próximos de uma mesma casa que se estende dos cômodos de seu interior de pedra aos lugares de seu entorno - quando uma simples porta separa e aproxima os lugares de conviver, como a sala e a cozinha, dos lugares de moradia de animais e do trabalho com eles - os bichos da casa acabam semeando à sua volta os sinais repetidos de uma presença individualizada e afetivamente interativa. De tal modo que os animais da casa e da *finca* não são apenas *da* família. Em um sentido mais amplo, eles são *a* própria família naturalizada.

Assim, a relação prática e metafórica estabelecida entre as pessoas da casa e os seus animais é, ao mesmo tempo, a de uma aberta disjunção e a de uma franca conjunção. Algo que em termos gandeiros e aldeões poderia ser narrado assim. “Nós somos seres humanos e somos, como nas Escrituras Sagradas, os

filhos de Deus. E eles são os nossos animais. São uma criação de Deus destinada a nos servir e nutrir. E há várias citações bíblicas favoráveis a isto, do Gênesis a Paulo. Nós somos os seus donos; nós os possuímos, e eles são nossa propriedade; são possuídos por nós e existem à nossa disposição. Podemos dispor deles: comprá-los, vendê-los, trocá-los, matá-los, comê-los.

No entanto, todos os dias nós os servimos cuidadosamente... para que eles nos sirvam. Em certas situações de algum modo nós trabalhamos muito mais para eles do que eles para nós. Somos nós os que determinamos a sua utilidade e o destino de suas existências. Mas são eles e os seus ritmos naturais os que determinam a rotina de nossos dias e mesmo de nossas vidas. Enfim, cotidianamente os servimos enquanto vivos, para que eles nos sirvam enquanto vivos e depois de mortos”.

Na experiência dos ciclos largos da vida de gerações de pessoas e famílias *gandeiras* os animais e as pessoas conectam-se e interagem em uma relação de trocas de serviços e de afetos tão cotidianamente intensa quanto funcionalmente prática, impessoal, tanto quanto afetiva e pessoalizada. Cada vaca tem um nome, como cada filha o possui. E muito embora sem dúvida alguma um único filho vale agora mais do que todas as vacas de uma *finca*, algumas mães lamentavam para mim o não poderem dedicar aos seus filhos o tempo diário reservado ao trato de suas vacas. E hoje, mais do que há trinta anos, quando a atividade agrícola era mais intensa e diversificada, lembro que a mecanização modernizada da unidade de produção leiteira diminuiu em pouca coisa a rotina diária de trabalhos de homens e mulheres, assim como a própria relação interativa entre pessoas e animais. O *estábulo* retirou as vacas das *cortes* e, assim, da intimidade natural da casa. Mas levou-as para longe da liberdade ensolarada dos *prados*, e as reuniu em um mesmo lugar, cada uma em seu cubículo. Mas o *estábulo* propicia uma interação que, mesmo quando “em linha de montagem”, é talvez mais íntima do que antes.

Detalhei páginas atrás os termos em que o trato com o gado leiteiro, bem mais do que o cuidado dos vegetais da horta e dos *regadios*, cria horários e

impõe rotinas de atenções esmeradas para com os animais. Um conhecimento mais íntimo com as mulheres e os homens *gandeiros* dá a conhecer a medida em que as próprias outras relações cotidianas entre familiares e vizinhos são vividas através do trabalho na *finca*, ou nos intervalos dos afazeres com o *gando*. Mais de metade das minhas conversas com criadores-agricultores em Nos, e mesmo em Viceso e em Negreira, foram vividos em momentos de trabalho nos *prados*, nas *leiras*, nos *estábulos* e nos *alpendres*.

Não seria um exagero pensar que a estrutura cotidiana das teias e das redes da sociabilidade nas aldeias galegas gera espaços e estende tempos a partir de um duplo eixo essencial: as pessoas da unidade doméstica *versus* as pessoas da unidade familiar e o seu plantel de animais. Ali onde as vacas ocupam um lugar central. E tudo com uma diferença muito importante para quem vem de uma cultura em que os assuntos do gado são até hoje intensamente masculinos e não-familiares. No Brasil e na América Latina em geral, da realidade da vida à dos romances do “ciclo do gado” - entre fazendeiros, peões, gaúchos, vaqueiros, boiadeiros - o gado é pronunciado no masculino (o gado, o boi, o touro) e os seus praticantes humanos são sempre homens – de preferência a cavalo – reunidos em equipes machas e separados de suas famílias: vaqueiros, boiadeiros, peões, etc.

Aqui na Galícia o boi subordina-se à vaca e nas *fincas* leiteiras quase não há lugar para eles. São vendidos cedo e quase todos morrem com meses ou tenros anos de vida. O trabalho junto às vacas é sempre familiar e vai de avós a netos, não raro trabalhando juntos. Claro está que as vacas – seres relacionais não-humanos – não estão evidentemente incluídas nos círculos culturais da vida social cotidiana. No entanto, mais até do que os cães de trabalho ou de estima, elas são simbolicamente trazidas para habitam o próprio núcleo da vida cotidiana aldeã. A começar pelo fato de que as vacas leiteiras não são, como os cavalos, bois e vacas no Brasil, animais domesticados. Elas são de algum modo animais já na origem, domésticos.

E desta proximidade social e simbólica deriva uma outra esfera de uma simbologia do sentimento de relacionamentos que não me parece de pequena

importância. Pois, após os dados e fatos da história-e-memória dos componentes da vida dos seres humanos da casa e da família, o trato com as vacas e tudo o que deriva dele é um outro essencial marcador do tempo e dos tempos.

Vejamos. Entre todos os animais, os criados livres, os silvestres, os selvagens à volta dos *prados* e dos *montes* de Ons, são marcadores coletivos dos ciclos curtos dos dias, dos meses e, principalmente, das estações que regularmente – espera-se – repetem-se a cada ano. Há o tempo estival em que as cegonhas e os cucos chegam, e há o tempo em que eles partem. Há os meses em que alguns passarinhos acasalam, nidificam e geram nos ninhos os seus filhotes. Tudo isso tal como os *caballos* e as *castiñeiras* que geram filhos e frutos, e à diferença dos eucaliptos e dos *pinos*, sempre iguais o ano todo, com mínimas diferenças entre o verão e o inverno. Os animais silvestres e, especialmente, os pássaros próximos são um mercador coletivo do passar do tempo, a cada ano e entre as estações. Afora as fábulas infantis que as crianças escutam e aprendem, os animais silvestres possuem as suas vidas e são indicadores do passar da vida. Mas eles não possuem uma história.

Ora, dentre os animais domesticados alguns estabelecem interações e geram destinos algo mais naturalizados, isto é, realizados mais na direção dos bichos da natureza. Isso enquanto outros animais geram vidas e destinos socializados; isto é, realizados mais em uma direção de ciclos e símbolos dos tempos próprios dos seres humanos. Galos e galinhas, coelhos, bois e porcos estão no primeiro caso. Sendo criados para a produção de alimentos e bens de uso - galinhas e seus ovos, ovelhas e sua lã - ou para a morte em breve tempo e o consumo como alimento (todos os outros), esses bichos vivem nas *fincas* vidas pessoais e coletivas muito pouco relacionais, e possuem como animais um sentido de presença e de identidade pouco marcado. Nunca vi um porco doméstico com nome próprio. E nem coelhos, galos e galinhas. Cavalos e vacas recebem sempre um nome próprio. Carneiros e ovelhas, cabras e cabritos ocupam uma posição intermediária na simbologia cultural dos seres da natureza socializada. Criados em rebanhos maiores e longe das casas, tendem a ser

considerados seres entre o silvestre e o doméstico e, entre esses últimos, aproximam-se dos galos e galinhas. Criados em pequenos bandos e mais próximos das casas, aproximam-se das vacas. Tal como cães e gatos, eles podem receber carinhosos nomes próprios. E podem ser tratados não apenas com os cuidados apropriados e mais individualizados da espécie, mas também com os pequenos ritos que começam a aparecer nas relações entre os humanos e seus animais, quando eles próprios são humanizados. É quando, como as vacas, geram identidades e são reconhecidas uma a uma. Carmen e outras mulheres da Casa Cambón eram capazes de narrar para mim detalhes do corpo e da “personalidade” de cada vaca de seu pequeno rebanho. Menos do que um cachorro de estima familiar, as vacas vivem uma história junto à unidade familiar em que podem possuir uma página de controle diário em um programa de computador. E elas são também alguém de quem se sabe não apenas “quem é”, mas “de onde veio, como, quantas crias teve e quando morreu”.

E, sobretudo no viver e lembrar dos mais velhos ocorre algo que poderia parecer de pequeno valor social. Mas basta conviver um pouco mais o cotidiano das aldeias para compreender a sua importância. Em levas no passado, ou uma a uma nos dias de hoje, as pessoas de uma Casa se foram e continuam indo embora. Não mais agora para a América, um pouco menos para a Suíça e outros países do Norte, mas em pequenas caravanas crescentes em direção a Santiago, a A Coruña, a Pontevedra, a Vigo, ou mesmo às vilas de perto, assim como as grandes cidades das “outras Espanhas”. De forma diferente, mas não mais tanto como aconteceu no passado da Galícia, as *aldeas* e as suas casas vão ano a ano ficando mais vazias. Recordo que mesmo em Brión e suas cercanias existem algumas *aldeas desertas*. Vi como em tantas casas a alegria de uma família completa à volta da mesa é um rito de alguns apressados fins de semana, quando as *mozas* e os *rapazes* a elas retornam. Vejo como mesmo entre os aldeões “de feito” um número maior a cada ano de casas é constituído por jovens e adultos para quem a aldeia, não sendo mais o lugar do trabalho junto ao grupo doméstico, torna-se um local-dormitório para chegar, comer-e-dormir.

Restam no correr da vida de várias casas alguns adultos *maiores*, os *vellos* e os bichos. As relações afetivas de trocas que em uma velha casa com muitos filhos e vários “outros” envolviam atores humanos e familiares em uma pluri-afetiva polissemia de intertrocas de sentimentos e de serviços, agora deixa a algumas mulheres vestidas de negro e a algumas vacas cobertas de negro e branco, a maior parte de um dia inteiro a preencher com algo que as possa esquecer, em umas, a solidão e, nas outras, o cativoiro.

Dois casos de Amélia

Quando falei a Amélia que em alguns lugares da Galícia o governo da Autonomia estava indenizando os criadores e os agricultores sempre que algum animal selvagem, ou um bando deles, atacassem e destruíssem rebanhos ou plantações, ela respondeu que achava isto muito certo, mas não completamente bom. Que o governo indenize prejuízos em troca de não se matar indiscriminadamente os últimos lobos, ursos (vorazes inimigos de criadores de abelhas e produtores de mel, sobretudo ns montanhas dos Ancares) e javalis, está correto. Mas, ela completa: “Eu não quero, digamos, as dez mil pesetas que o Estado me pague pelo meu milho destruído pelos javalis. Eu quero o milho que eu plantei e que foi destruído”.

E ela me conta um caso para justificar sua lógica.

Para os lados de Ponte Maceira apareceu um homem rico querendo comprar terras e pagando bem por elas. Comprou muitas. Mas um agricultor de poucas terras resistiu. Não quis vendê-las por dinheiro algum. E foi isto o que ele disse ao homem rico: “eu non vendo as miñas terras porque ontem eu passei nas narizes das miñas vacas un mazo de notas e ellas non o comeron. As vacas querem a erva e non as notas dos seus contos”.

Palavras de Amélia.

E como esquecer os termos de uma placa escrita com letras precárias, em um placa de madeira ao lado de um banco onde alguns anos depois nos sentamos, Mariano, Pili, Mariinha (filha deles), Sabela (filha de Luciano e Rosa) e eu, em

um recanto turístico da Chapada Diamantina, na Bahia. Dizia a placa: “Quando a última árvore tiver caído, quando o último rio tiver secado e o último peixe for pescado vocês vão entender que dinheiro não se pode comer”.

Ritos de chegada, ritos de vida

Que o morto se vá. Que sua alma não venha. Não volte. Que ele tenha ido para o lugar onde todos sonham estar um dia. Um lugar sumamente bom, o céu, os céus”, não apenas porque ele é o local de uma eternidade sem fim na presença da “glória de Deus” - com todo o seu acompanhamento celestial de anjos entre corais de celestes músicas intermináveis - mas porque ele é o lugar da esperança do reencontro entres os entes queridos. Mais do que a Terra de Deus, o céu é o lugar onde *a miña nai*, morta faz tempo, me espera junto com os outros nossos “seres queridos”, para todo o sempre.

Mas, os mortos são sócios. Excluídos em corpo ativo da presença e de sociedade dos vivos, eles continuam existentes como pessoas legais da família, na Casa. Por antigos contratos testamentários o morto ainda em vida impõe aos vivos familiares a sequência dos ritos de memória, às vezes durante muito tempo, outras vezes por toda a vida, através dos quais eles se obrigam a permanecer vivos entre os gestos simbólicos da memória dos outros. Um bom filho é quem nunca esquece uma mãe e um pai, e os honra em não esquecê-los, e em tornar ativa e ritual uma presença imorredoura.

Nas aldeias tanto havia uma *compañia galega* que comprometia parentes e *vecinos* vivos em sistemas de ajuda mútua entre labores e trabalhos, quanto uma *confradia das almas*, que obrigava familiares, parentes e mesmo vizinhos vivos em nome de familiares, parentes e vizinhos mortos, trazidos cerimonialmente de volta à vida através de direitos e deveres contratuais envolvendo a pessoa de suas almas.

Ora, lembro-me agora de uma observação de Roberto Da Matta que bem poderia ser trazida a Santa Maria de Ons. E com razões de sobra, porque as relações canônicas e cerimonialmente contratuais que as realizam através de

rituais religiosos são ainda observados com ancestral rigor nas comunidades camponesas e aldeãs da Galícia. E mesmo nas cidades e, pelo que pude observar, até mesmo por pessoas – sobretudo os jovens – que se reconhecem não vivendo uma ativa “vida de igreja”.

Uma pessoa católica tem à sua disposição um conjunto sequencial de sacramentos eclesiásticos. Alguns devem acontecer na vida uma única vez: o batismo, o matrimônio, a crisma, a ordem - para os que se congregam como sacerdotes e são, para tanto, “ordenados”. E assim também os ritos de morte, concentrados na extrema-unção. Outros sacramentos podem e devem repetir-se várias vezes, entre um momento de incorporação cerimonial de uma pessoa aos direitos de acesso, como a ‘primeira comunhão’, e a cessação deles com a morte, como a “confissão dos pecados”.



Não só as pessoas envelhecem e se vão

Ora, ao longo da vida de uma pessoa, de uma família nuclear, de um grupo doméstico ampliado, de uma parentela, ou mesmo de um vecindário comunitário, alguns ritos de sacramentos são pessoais e, dentro ou fora de uma cerimônia canônica coletiva, são uma iniciativa e um gesto individuais. Exemplos: a confissão e a comunhão. Outros são francamente comunitários. Obrigam a

presença testemunhal de pessoas de dentro e de fora da família e comprometem testemunhas escolhidas para tanto: os padrinhos. Dentro todos os sacramentos, três são socialmente aqui bem mais importantes. Em diferentes etapas da vida de uma pessoa eles representam estratégias cerimoniais por meio das quais a comunidade religiosa consagra os três momentos em que, desde um ponto de vista social, uma mulher ou um homem se inscrevem em um público e essencial estado de relações com os outros e com grupos sociais e marcam, por isso mesmo, variações de identidade e de um lugar social reconhecido ou mesmo consagrado.

Em sua sequência, o primeiro desses três sacramentos religiosos de valor é o batismo. Por meio dele o indivíduo biologicamente existente torna-se uma pessoa culturalmente reconhecida através da imposição de um nome próprio - que na Espanha e na Galícia com frequência ainda é o nome de um “santo do dia”- e através do reconhecimento do seu lugar de direito na comunidade dos vivos e na comunidade dos crentes: a comunidade cristã participante da mesma fé e seguidora dos mesmos preceitos.

O segundo sacramento é o matrimônio. E ele acontece quando duas pessoas se unem por meio de um compromisso mútuo e contratual de valor religioso e social. Através do casamento, um homem e uma mulher – de preferência não parentes próximos e, com frequência na Galícia, não de uma mesma aldeia - alteram publicamente identidades e posições sociais e são oficialmente reconhecidos como um par com direitos-e-deveres devidos à constituição de uma nova família, podendo e devendo gerar outros sujeitos sociais: os filhos.

O terceiro e menos desejado sacramento, é a extrema-unção com a qual um ator social é “preparado para a morte”. Ou seja, é oficialmente liberado de princípios e preceitos “terrenos” e sociais, e também de identidades e de lugares sociais reservados aos humanos vivos. Pois quem a recebe prepara-se para vital e socialmente abandonar as diferentes instâncias da sociedade dos vivos.

Ora a permanência de um morto vicinal ou parental de diferentes maneiras, pessoais e/ou coletivas se fará ritualmente presente: de imediato, tempos depois

de sua “passagem”, ou mesmo muito tempo depois de seu “desenlace”. Pois a qualquer “finado” estende a parentes, amigos, vizinhos ou mesmo conhecidos os seus direitos a contar com os serviços preceituais da religião e da igreja católica, como a “Missa do Sétimo Dia”. Ou quando limitando a memória de sua presença ao círculo doméstico e íntimo, como nas visitas de familiares próximos ao túmulo de um morto inesquecido, Pois as pessoas morrem para serem sempre lembradas, até quando o passar das gerações trata de devolvê-las ao esquecimento.

Entre esses três solenes momentos rituais e sagrados – dois felizes, um pesaroso – a vida de uma pessoa é reconhecida como legitimamente “nascida” para a sociedade; é reconhecida como legitimamente apta a gerar outras vidas e criar uma outra família; é legitimamente reconhecida como retirada da sociedade dos atores vivos da sociedade. Entre eles e através de rituais que ora obrigam a presença de um *crego*, ora o dispensam, sabemos que entre o sagrado, o consagrado, o profano e mesmo o festivo, uma sequência de cerimônias geram, inscrevem e alteram nomes, identidades e posições sociais. E uma das queixas mais costumeiras entre os *vellos* é que os *xovens* não atribuem mais, como seria devido, a estes momentos de “dizer-se quem se é ou quem se passa a ser a partir de um dado momento”, a importância que se estendia no passado às pequenas e às grandes cerimônias com que em nome de uma pessoa se honrava um deus, ou, o que é quase a mesma coisa, em nome de um deus se honrava - ou se rememorava - uma pessoa.

Algo ao mesmo tempo quase invisível e espantoso acontece ao redor dessas aldeias cercadas agora à distância por projetos de condomínios que depressa ameaçam trocar os seus sonoros nomes por outros, galegos e espanhóis ainda, mas vindos de outros tempos e de outras lendas.

Os tempos das migrações forçadas de homens e de famílias se foram. Foram-se também os tempos da *fame*, e uma rústica prosperidade bastante mais igualitária do que em outros tempos parece ter vindo para ficar. E, claro, com ela chegam também os aparatos que conectam aldeias onde vivem apenas três casais

entre outras casas vazias e abandonadas, com “o mundo inteiro”. E não são apenas as novidades globalizadas desse “mundo todo” as que chegam até Santa Maria de Ons. No seu todo e entre os mais diversos fios que agora tecem, ao mesmo tempo, as mais diversas e entretecidas tramas da vida e de atribuição de sentido à vida, o que invade o pequeno e frágil mundo das aldeias são outras lógicas e outras sensibilidades. São outras imagens acompanhadas de breves e poderosas palavras. Um outro sentir o passar do tempo e uma obrigatória outra maneira de se ir, passo a passo, transitando de um modo de vida a um outro.

Nunca, sobretudo após a derrocada do franquismo e o retorno à democracia, se viveu em meio a tanta paz e prosperidade na Galícia. Para que se tenha uma idéia do eu digo aqui, trago um relato. Em todas as vezes em que convivi com o país dos galegos a única vez em que pude assistir conflitos de rua e escaramuças entre jovens e a polícia foi quando em algum mês de 1992 as autoridades municipais de Santigado resolveram reduzir em uma hora o momento obrigatório do fechamento dos bares da cidade. No dia seguinte os jornais noticiaram a pequena e heroica “batalha de Santiago”, quando o justo motivo de algumas pequenas lutas e até mesmo prisões toda bem temporárias - foi resolvido com uma concessão de parte a parte. Os jovens cederam em meia hora, e as autoridades municipais em outro tanto. E os bares da Rua do Franco e outras ruas adjacentes passaram a fechar apenas meia hora mais cedo na madrugada.

Por outro lado, um outro medo, não mais do “señor”, da *fame* ou dos poderes da ditadura, torna-se absolutamente presente. Um atentado a bomba em uma qualquer cidade da Espanha ou da Europa sacode a paz das aldeias. E quando eles faltam, sobram cenas e imagens de suprema violência nos filmes de todos os dias que os canais a cabo multiplicam e eternizam. Vive-se agora um crescendo de medos que vão da ação terrorista dos povos islâmicos ao Sul, ao aquecimento do planeta, de que as primeiras vítimas seriam os mariscos que fazem boa parte a riqueza e das delícias da Galícia.

Disso sabemos e bastam os incontáveis estudos sobre os temores e terrores dos tempos em que se vive, em Madrid, em Santiago ou em Salãno Pequeno.

Mas o que quero trazer até aqui é uma outra face. Há também uma apreciável quantidade de bons estudos de vocação etnográfica a respeito de crenças e cultos da morte na Espanha e na Galícia. Quase todos descrevem uma Galícia que quase não mais existe e de que os mais jovens achariam graça. Pois eles mesmos e os seus pais vivem um estranho paradoxo. A morte dos antigos, dos costumes e da crenças tradicionais é em tudo afastada de todos. São cada vez mais esquecidos.



O pequeno Campo Santo em Fonteparedes

Tornados opacos ou distantes e, redesenhados eles se tornam objeto de propaganda de turismo de pequena escala. Tal como os comoventes *cruceiros* de pedra que, espalhados entre caminhos e aldeias, apresentam de um lado um homem-deus crucificado e, do outro, a sua mãe em atroz sofrimento. Em outra direção os locais da morte são transferidos do cemitério-da-aldeia ou da paróquia para os distantes cemitérios-parque, onde os mortos podem ser deixados à distância e reclamam dos vivos bem menos momentos de visitas e cuidados. Os próprios ritos da morte – tão pesados e celebrados na Espanha – vão sendo aos poucos amenizados, tornando-se até mesmo um outro quase espetáculo para turistas. Pois mesmo na celebração da Semana Santa os homens cobertos de capuzes coloridos são bem mais atrativos do que a figura antes venerada do

“señor morto”.

De outra parte, distanciados da morte próxima, afastados da obrigação de preservarem na memória, na cor negra da roupa e nos gestos pessoais e coletivos de cultos em nome “dos que se foram”, as pessoas *maiores* e, mais ainda os *xovens*, convivem com uma ritualização bruta e performática de mortes em cadeia. E a presença da morte-do-outro ora lhes chega como ameaça, quando a figura de um terrorista de longas barbas e turbante parece ser mais poderoso do que todo o moderno aparato de proteção da vida e da propriedade; ora lhes vem através dos jogos eletrônicos interativos, ou de filmes em série, em que cavaleiros de capa e espada se matam e trucidam, não importa se no passado das cruzadas, entre lendas de povos e seres fictícios - como “o Senhor do Anéis” - ou se em uma distante outra galáxia, em um tempo muito no futuro, como em Guerra nas Estrelas.

O que me parece começar a acontecer como uma espécie de esperado e imprevisível efeito de todas estas perdas e ganhos da vida e da memória; de todos os esquecimentos-afastamentos dos dias de agora; e de todas as impositivas imagens-presenças da vida e da mídia, é uma progressiva quebra de um sentido previsível, circular, e quase ao estilo eterno retorno”, do passar do tempo e do sentido da vida. E é justo a crescente e confusa vigência de oposições convergentes entre vida-e-morte aquilo que sofre uma irreversível ruptura. Uma quebra de solenes e sagrados sentidos de tudo aquilo que entre diferentes modos e tempos, entre as sucessivas e sempre retornáveis estações do ano, existia entre nascer, crescer, gerar vida, envelhecer, ser cortado dela e morrer. ritmos que vão do trato com os vegetais até a vida de cada pessoa, e que bem mais assumida e ordenadamente demarcavam, entre o temor e a esperança, a ordem cotidiana, sazonal, cíclica e mesmo histórica e cósmica de todas as coisas. As da ordem do Mundo e as do correr da Vida.

Conscientes ou não, em muito poucos anos as pessoas das aldeias se veem sendo afastadas de uma ativa presença de ciclos completos de atividades ancestrais: semear o milho, vê-lo crescer, cuidar dele, cortá-lo coletiva e

festivamente, encilhá-lo para servir de alimento ao *gando*. Ver nascerem bezerras que serão vacas, e que compartilharão em seus recantos da *finca* uma parte da vida e do passar do tempo de cada pessoa e de toda uma unidade doméstica, como seres que antes de produzirem o leite geraram um nome e algum afeto. Criar o porco com esmero, sabendo que em um certo dia de novembro ele será morto de uma maneira quase sacrificial. E ver no fiar dos anos uma filha nascer; recobrir de afetos e de ritos os momentos da vida em que ela transita de bebê a criança, de criança a menina, de menina a moça, de moça a mulher, de mulher a mãe, de mãe a velha e a avó, de velha a algum que “um dia nos deixou e se foi”.

Enfim, não apenas saber à distância como quem assiste, mas física, social, ritual e simbolicamente conviver todos os dias, ao longo de toda uma vida, com tessituras de ciclos que continuamente se iniciam, passam e concluem. E de novo a cada dia ou a cada *verán* recomeçam e se entrelaçam com outros minutos, dias, semanas e tempos enfim que misturam o milho com a vaca, o trigo com o porco, os animais com os humanos, os humanos com um deus que um dia também teria vindo à Terra e teria “vivido como nós”. E um dia “morreu para nos salvar”. E então celebrar entre os pequenos rituais da casa e as grandes festas patronais de Santiago acontecimentos que entre “Natais e Paixões” vão de uma planta a um cavalo, de um cavalo a uma santa e dela a um deus.

uma aldeia das almas

Como será ali - na realidade de onde está, e não em um filme ou em um álbum de fotografias - uma aldeia agora inteiramente abandonada de pessoas humanas e entregue a alguns animais dos *montes* que a elas com direitos de ancestral propriedade? E, afinal, em um mundo onde torna-se cada vez tão mais difícil conseguir um lugar qualquer para se viver e residir com dignidade, a não ser por razões de cataclismo natural, que motivos existirão para que um lugar de vida, edificado entre a casa, a praça e a igreja, seja aos poucos tornado vazio e deixado aos lobos e aos morcegos? Um lugar onde estão ainda, uma a uma, as casas de pedras, os muros com seus líquens, os poços de água sem água, as árvores de outros tempos, alguns sinais um dia gravados na pedra, com a

esperança de que com este gesto algo efêmero tudo por ali vença o tempo e pelo menos por alguns séculos almeje ser quase eterno.

Se as aldeias de pedras da Galícia, ademais de serem um símbolo mais cristalino do que o próprio Caminho de Santiago - que é uma invenção francesa - por que algumas delas abrigam não mais do que um *casal de vellos*, uma *vella viúva* única, resistente e ativa; um cão esquecido, fiel à casa e aos donos, um gato arisco, uma colmeia de abelhas, um bando de corvos?



No entanto, há muitos anos atrás...

Em Fonte Paredes, em uma conversa ao acaso no Bar do Russo falaram-me de duas aldeias próximas sem moradores, sem pessoas, gatos, vacas, porcos, galinhas, ovelhas, cães e pombos. Duas antigas povoações de várias famílias do passado. E aldeias agora inteiramente abandonadas. Deram-me os seus nomes: Lóbio e Pontevedra.

Do outro lado da estrada asfaltada que passa por Treze, à direita de uma casa margeando a rodovia deriva um pequeno caminho de terra que se torce entre montes e desce rumo ao Tambre. Adiante há um desvio, e um dos lados dele desce um pouco mais e vai a lugar habitado nenhum. Vai à aldeia de Pontevedra.

Como cenário galego, o lugar não poderia ser mais típico e, portanto, mais cativantemente poético. Pontevedra é - ou era - uma dessas *aldeas* de encosta abaixo, entre bosques, *prados* e terrenos de cultivo ainda em uso. No fundo, longe, corre em silêncio o Tambre. Do outro lado, depois de outra encosta

íngreme, está Salaño Grande. Atravessando o rio, entre uma aldeia e a outra não há dois quilômetros.

O lugar da aldeia fica entre velhas árvores, e menti ao excluir vacas e ovelhas dali, porque algumas às vezes vêm a lugares onde há capim bom, desde os pastos vizinhos, ou trazidas por pecuaristas de outras aldeias, com terras em Pontevedra. O cenário natural não difere em quase nada do de outras aldeias da região, a não ser por tudo ser bem mais íngreme do que nas povoações de perto. Conteí apenas quatro casas, uma delas em franca ruína; às outras à espera dela.

Um pouco adiante, separada das casas por pequenos campos abandonados, mais ainda limpos de *silvas* e de *toxos*, sobrou uma capela nem tão arruinada e nem não tão pequena. Ao seu lado e à sua volta os restos de um lugar de encontros e, por certo, de *vellas festas de aldea*. Um antigo adro, imagino, e ao contrário da capela de pedras, inteiramente arruinado. Dentro não há nada na igrejinha, a não ser alguns bancos de madeira onde as almas se assentam aos domingos, vestidas de branco.

Em tudo o que aos poucos neste clima “atlântico super-úmido” se arruína, os sinais de desordem começam pelos telhados caídos pela metade, ou por inteiro. É por estes destroços de madeiras e de telhas que as casas começam a morrer. Na casa mais corroída pelo abandono, as portas e as janelas estavam aos pedaços ou se dissolveram por completo. As paredes empilhavam pedras que resistiam, e aos poucos as mais baixas se cobriam, como os muros das corredeiras dos montes, de musgos escuros.

Mas nesta estranha terra do Norte da Espanha, onde é mais fácil abandonar aos montes e ao tempo as igrexas e as casas do que os terrenos de plantio ou de pastagem chama a atenção o contraste entre o abandono de algumas construções em direção oposta aos cuidados cotidianos dados a pastos e aos campos de lavouras. Quando comentei esta diferença com um homem velho em Negreira, ele me respondeu: *pedras hai moitas e pedras non se comem*.



Quem como eu gostaria tanto de errar por caminhos esquecidos em busca de casas de aldeias invadidas pela selva que um dia se abriu para receber pedras, casa e aldeias e que talvez em algum tempo vindouro virá de novo ocupar o que bem mais antes era dela?

Procurei palavras. Procurei alguma última inscrição deixada na capela, no portal de uma casa, numa pedra que algum dia foi um marco. Nada encontrei. Procurei vestígios de folhas de papel. Quem sabe o destino me faria encontrar ali algum último diário esquecido? Dificilmente eu o encontraria nas aldeias habitadas da região, a não ser os que escrevem e depois destroem ou esquecem as *rapazas*. Nada. Eis uma aldeia de casas de pedras que havendo perdido todas as suas pessoas, perdeu também as suas palavras.

Lembrei a frase de não sei que poema de Eric Maria Rilke que coloquei como epígrafe de *Crônicas de Ons*: “somente onde estás existe um lugar”. E, então, como chamar “aldeia” e dar a ela ainda um nome: “Pontevedra”, quando os netos dos filhos dos homens que construíram aquelas casas em ruínas já partiram, foram embora e não voltaram mais?

Mas o terreno de uma das casas em ruínas foi cuidado recentemente, e brotaram na terra escura algumas hortaliças sob parreirais antigos e uvas maduras. Pareciam também cuidadas de há pouco algumas macieiras e pereiras vizinhas a um *hórreo* grande e belo o bastante para não merecer o destino de sua

lenta agonia solitária, com as duas portas abertas aos pedaços. Adiante e ao redor, antes de os terrenos da aldeia abandonada serem íngremes o bastante para só abrigarem as árvores dos *montes* até as margens do Tambre, vi *prados* e *praderas* bem tratados, algumas leiras de milho e um irrepreensível pequeno cultivo de couves.



Algumas casas em ruínas guardam a misteriosa beleza que as dos novos condomínios nascem sem possuir.

Essa foi a primeira vez em que eu me vi frente a frente com um antigo e deserto lugar de ancestral moradia de pessoas e de animais. Um lugar um dia aceso entre lareiras, fogões, luzes de lampiões, e depois de lâmpadas elétricas. E mais as fogueiras que em todo o mundo os *xovens* gostam de acender nas noites frias. E até mesmo lugares perdidos onde pude com os olhos fechados imaginar sorrisos de *nenos* e rumores de *vellos*. E festas anuais ao padroeiro, dias festivos de batizados e noites de velório. E aquele era um lugar de onde um dia todos foram embora levando das casas tudo o que não fosse de pedra, ou não servisse mais aos serviços das mãos e nem se prestasse ainda aos ofícios da memória.

Um lugar de onde uma a uma as poucas famílias fecharam pela última vez as duas portas e um portão da casa, e nunca mais voltaram. E deixaram as terras ao redor aos cuidados de alguns homens que retornam de quando em vez, para o espanto das almas e dos corvos, quando vêm lavrar a terra ou colher dela algum fruto amadurecido entre o silêncio e a solidão.

Ouvi comentários de que na Galícia e no Bierzo, do outro lado dos Ancares, existem aldeias inteiras e maiores, e mais abandonadas ainda. Porque em Pontevedra restaram ao menos terrenos próximos a aldeias vivas e ativas. E porque ainda vale a pena vir cultivar a terra nessas paragens onde cada palmo da terra precioso é ainda aproveitado.



Aqui durante muitos anos uma família se reuniu ao redor do fogo, e assou filloas no lume aceso com palhas.

Mesmo não sendo um tempo de frio e de bichos silvestres migrados para o Sul, saí de Pontevedra carregado de seu silêncio. Depois que os corvos que me receberam com estardalhaço, perderam o interesse pelo estranho invasor e foram embora. E caminhei pela aldeia ouvindo apenas o som de meus passos.

Lembrei-me dos quantos livros com imagens de minha infância e da adolescência. Seus cenários eram quase sempre europeus como este, e quase sempre misteriosos, sobretudo na passagem entre os contos de fadas e as narrativas mais adultas entre heróis e mistérios. Volta e meia aparecia numa delas um castelo vazio, uma aldeia desabitada, uma estranha cidade sem ninguém. Depois cresci imaginando que uma vez edificada uma povoação de bichos e pessoas, por menor que seja ela nunca mais deixaria de existir, povoada de gente, de bichos e de festas.

No entanto, a ruína espreita a arquitetura e por todo o planeta as cidades grandes e pequenas e também as mínimas aldeias um dia desaparecem; desmoronam no tempo e são tragadas pela areia e o esquecimento. E o lugar onde existiram de novo se povoa de outras pedras, casas, gentes, casas de oração, línguas, poesias e preces. Como terá sido Troia antes de desaparecer sob a terra? Os arqueólogos se empenham em trazer do fundo os seus restos de argila e pedra. E eles nos desvendam estratos de porções do Planeta onde vidas de pessoas, cozinhas e casas, quintais, praças de mercados, prédios de ritos e/ou de poderes se sucedem ao longo das eras. E uma língua ocupa o mesmo lugar em que antes outras foram faladas. E os deuses e as pessoas desaparecem soterrados para que outros - provisórios também - venham habitar o andar de cima do mesmo lugar.

As mesmas pedras que um dia foram reunidas para edificarem os primeiros *castros* primitivos e pagãos da Galícia serviram depois para a construção de sucessões de casas e de muros dos cristãos. Quem virá séculos adiante? E algumas pedras hoje enfeitam - reunindo o testemunho do passado com a mais moderna ousadia arquitetônica - algum canto de sala destinado aos aparatos eletrônicos de um casal de professores da Universidade de Santiago.

E me consola pensar que ao longo dos milênios sempre terá havido em cada era, em cada contar do calendário do tempo, em cada cultura e em cada história de uma civilização sempre algumas ancestrais comunidades habitantes de alguma arcaica e eterna mínima aldeia. Como em Pontevedra.

E agora, que seres reais ou que senhores das lendas da Galícia voltariam a viver em aldeias como esta, de que silencioso e pensativo fui saindo devagar, antes do cair da tarde?



Para onde?

No trem Talgo depois de Medina del Campo

A Galícia ficou para trás.

Passamos neste suave trem faz tempo por Puebla de Sanábria. Pelo nublado do tempo por aqui imagino que entre Santiago e o Fisterra estará chovendo. Choverá em Santa Maria de Ons?

Agora devo confessar para mim mesmo que já não sei como continuar este caderno de anotações e confidências “de campo”. Havia decretado que deixaria de escrevê-lo quando saísse da Amahia. Ao enviar em caixas pelo correio, junto com fitas gravadas e os muitos livros e mais as folhas de xerox alguns outros cadernos de capa azul escura iguais a este, não sei porque resolvi deixar aqui e levar comigo para Madri e para o nosso “Encuentro” em Trujillo este quase último caderno, escrito pela metade, com anotações sobre algumas festas patronais.

Luciano atrasou quase uma hora na madrugada fria, por causa de um engano no despertador. Foi ele quem me levou por caminhos entre Brión e Santiago de Compostela. E ele lembrava um dito popular antigo que associava Santa Luzia - por volta de 12 de Dezembro - com a noite mais comprida do ano. A mesma que no Brasil se acredita que seja a de São João, em junho.

Durante a minha longa viagem de trem cortando boa parte da Espanha – por certo a última por um longo tempo – eu me deixei dividir entre os devaneios que retornam quando olho algumas paisagens pela janela, e o relembrar outras paisagens tão recentes que devem estar ainda vivas do lado de trás de meus olhos. E divido imagens vistas e lembradas com a releitura de uma agenda vinda do Brasil. Nela eu fui registrando ao longo do ano alguns acontecimentos de minhas viagens, desde Assis e de outras Itálias, até agora e aqui, entre a Galícia e *otras Españas*.

E agora relembro que o primeiro dia escrito foi 9 de Dezembro de 1991, em Roma. E o último registro de um dia eu acabo de fazê-lo, no sacolejo macio do trem, justo um ano depois.

E tudo o que eu vivo tem um peso um bem maior do que o dos outros dias todos, desde os últimos momentos *en Galiza*, dedicados a arrumar casas e objetos em Santiago, na nossa morada no apartamento da *Rua do Home Santo* número 33, próximo à pequena capela de *Nosa Señora da Quinta Angustia*, e também a sempre querida casinha sobre a *escola dos nenos no Promeiral*, até este exato momento, quando me vejo afinal sozinho, desde quando abracei Luciano e embarquei no trem que corta meia Espanha.

E eu desvio a todo momento os olhos deste “caderno de campo” cuja letra, mesmo sendo a minha, eu mal decifro, para olhar a paisagem de uma Espanha amarela e quase árida, tão diferente dos suaves verdes e das águas escuras da Galícia. E as cenas que vejo no passar de um pensar evocam as imagens que vi e do que vivi. Uma pedra lembra outras. Uma casa rememora aldeias. Uma aldeia lembra pessoas amigas. Um bosque de *pinos* evoca um outro, entre *carvallos, faias, olmos e castiñeiros*. Uma curva de estrada lembra as de *vellas correoiras*. E algumas nuvens no céu azul escurecem as cores do céu da memória.



Um olhar ainda, antes de ir embora. Uma aldeia. Qual?

Dez meses depois vivo a tão costumeira e sempre estranha sensação de “missão cumprida”, E qual será mesmo o sentimento que quer “dizer isto”? Uma euforia, talvez. Mas só se for silenciosa, como eu mesmo me sinto agora, em

silêncio, e não porque esteja sozinho. Pois viajo sem festas interiores e com desejos de rituais iguais a aqueles em que um gesto das mãos já consegue dizer tanto.

Luciano, o amigo desde os primeiros momentos entre as aldeias, até quando no momento de ir embora me deixou na ponta do “casco histórico” de Santiago e retornou a Brión, insistiu em ficar comigo até à hora do trem. Mas já era tempo de voltar. Hoje é um dia de semana e ele deveria voltar a tempo do turno do trabalho da tarde. Então nos abraçamos e nos trocamos essas palavras meio vazias de sentido e tão cheias de afeto, que as pessoas se dizem nessas horas, à falta de encontrar outras. Eu vestia a *cazadora* que ele me deu, em troca da *carpa* que deixei com ele.

Antes de viajar almoçamos no bar quase em frente do prédio de *Xeografía e História*, na *Praza da Universidade*. E tudo foi uma salada de merluza e uma tortilha espanhola, comidas entre *viño da casa* e alguns *trozos de pan*.

Mas antes, ainda de manhã estivemos com Luciana, a filha. E nos despedimos com palavras de lembranças entre quase lágrimas de silêncios e de afeto. Palavras que um pai diz a uma filha nessas vésperas de despedidas, mesmo quando não é preciso dizer nada. Silêncios que falam em momentos assim o que as palavras esquecem. Ajudado por Luciano eu havia subido os três *pisos* de sua casa, na *Rua do Preguntório* número 16. E levava comigo o pequeno fogão de duas bocas que Luciano e Rosa deram para Luciana e Juan Carlos esquentarem as primeiras comidas de vida que iam começar a compartilhar.

Quando íamos para a *estación de trenes* de Santiago Marina nos acompanhou. Mas, na plataforma ela foi sensível o bastante para deixar pai e filha sozinhos. Contínhamos os gestos do viver entre os dois uma tristeza que era grande, e não era muita. André e Maria Alice haviam voltado para o Brasil. Eu estava começando a retornar, depois de alguns dias ainda em Madrid e em Trujillo. Na hora de despedir e antes de entrar em trem Talgo nós nos abraçamos contendo prantos. Eu queria voltar pra casa, depois de tudo.

Uma das providências que fiz antes de viajar foi despachar pelo correio a décima primeira caixa de vinte quilos com o endereço de nossa casa no Brasil. Lá iam algumas roupas, muitos livros e cadernos. E também os envelopes do “Tino Matrtinez” que guardavam as mais de quatrocentas fotos com que preservei em preto-e-branco cenários, cenas, gestos e pessoas de Santa Maria de Nos. E de um círculo de *aldeas, villas* e cidades, de Pontevedra, Foz e Ponferrada (já no Bierzo) foram os limites.

Nos últimos dias em Ons aproveitei algumas horas antes e depois de comermos para as classificar, e para reescrever quem era quem, o que era o que, e onde, nas fotografias que de que eu já tinha cópias ampliadas. Fizemos isto juntos: Manolo Cajuso, Luciano, Rosa e Sabela, que, menina ainda, às vezes se revelava uma ser uma promissora “auxiliar de campo”.



*Rosa no quintal da casa entre parreiras em
Ons de Abaixo*

Não era mais hora de alunos e professores presentes na Universidade quando fui ao Departamento de História II devolver a velha e utilíssima máquina mecânica de escrever que Isaura Varela e Pilar Cagiao me haviam emprestado. Durante todos os meses de Galícia, tudo o que não escrevi a mão, com canetas de tinta líquida cujas cores aos poucos se apagam nas páginas, eu escrevi com aquela arcaica máquina que hoje, imagino, será uma peça de museu na *Facultade de Xeografía e Historia*.

Como gesto de entrega e despedida, apertei a mão de um único funcionário que encontrei na secretaria, Não sei se ele, algo espantado, imaginou o que estava acontecendo. Pensei dizer algumas palavras, mas em meu precário galego elas poderiam soar mais estranhas ainda. E então eu me despedi em silêncio.

Na casa do *Promeiral* José “Moncho” Ramón ajudou-me a levar duas mochilas carregadas e uma máquina de escrever “eletrônica” que comprei de última hora e que, na verdade, me serviria bem menos do que a velha Olivetti 46 do Departamento de Historia II. Deixei como lembrança, uma para ele e outra para Paco, as duas garrafas de *orujo* legítimo que o Pai e Isabel e de Ana me deu de presente dias antes, quando pela última vez visitei a família em Torres de Altamira.

Choveu mais do que não-choveu na última semana em Ons. Afinal, já era dezembro. E o tanto que fazer na hora de ir embora, misturado com o frio molhado dos dias curtos do começo do inverno conspiraram contra o meu desejo de refazer por uma última vez - não seria a última vez - pelo menos os meus caminhos de estradas e de *corredoiras* mais queridos. Mas nos poucos por onde andei ainda, eu caminhei devagar como quem afinal, livre dos deveres da pesquisa, pode re-ouvir com bem maior alento e atenção o piar dos pássaros e o cantar das fadas. De longe eu revia algumas *aldeas*, e meio com vergonha de que alguém de longe me visse, eu acenava como quem se despede. Como quem à distância agradece e abençoa.

Afortunadamente houve tempo para nós dois, Luciana e eu, participarmos da *cea* de aniversário de Sabela e de Xosé Ramon; ela no dia certo, ele, um pouco

depois. A ideia de entregarmos alguns dias antes o *piso* da Rua do Home Santo, e passarmos os últimos quatro dias juntos em Ons, em casa de Rosa e Luciano, nos veio num repente. Não poderia ter havido uma outra ideia melhor.

Porque será que eu dormi tanto e tão pesado na última noite em Ons, enquanto nas costas de *A Coruña*, um Navio chamado Mar Egeu ardia em chamas e manchava com um óleo negro quase cem quilômetros do mar no litoral da Galícia?

Longe daquilo, entre montes e brumas de dezembro, saí por Salaño Grande em direção a Forxan; contornei Viceso e retornei pelo monte que dá a volta em A Igrexa e termina perto de Ombre. Fiz ali uma das últimas séries de fotos.



Maria Alice volta e meia vinha de Santiago e passava comigo alguns dias em nossa casinha do Promeiral. Agora ela caminha por uma corredeira coberta das folhas de outono.

No outro dia assisti aos ritos domésticos e sangrentos da morte de um porco nas casas de Ruso e de Ventura. Preferia não haver ido, pois não queria misturar aquelas cenas com as dos acenos de adeus. Muito melhor foi ter encontrado Amélia tecendo de palha trançada o *sombreiro galego* que depois deu *de regalo* para Luciana.

Na noite de Sábado levei Luciana aos Cambon. Colhemos *erva* juntos por uma última vez. Eles nos convidaram para ficar e comer, com o carinho de tantas outras vezes, e nós almoçamos lá uma *empanadilla* junto com frango e arroz.

Quando na véspera de ir embora eu voltei lá para me despedir de todos, Carmen e Maruja choraram. Maruja me abraçou forte e demorado, e disse entre lágrimas, quando eu falei que voltaria um dia, breve: *Quando voltares eu non estarei mais aqui!* Voltei quatro anos depois e ela estava. Manolo Cambon, triste por outros motivos, deixou para nos abraçar por instantes a tela da televisão, onde assistia, sem poder fazer nada, o Zaragoza ganhar por 2x1 de um time da Alemanha, e mesmo assim ser desclassificado da Eurocopa.

Domingo chovia forte e não fui a *Treze* abraçar Roma e seus pais: Carmen e Benigno. Mande-i-lhe uma carta depois. Ele nunca irá saber o quanto aprendi de nossas conversas *entre prado e pradera, entre a casa e o bar*.

Luciano comprou e me “regalou” uma boina galega, quando soube que iria comprar uma para levar comigo. Dei a ele em troca um pesado gorro azul de lã que ganhara de amigos na Itália, e mais a botina mineira que me foi uma fiel companhia na Galícia.

Com Xosé Moncho - um amigo anfitrião como poucos, dos gregos aos galegos - deixei uma outra *parca* que também havia ganhado em Assis, já usada de dois ou três donos antes. Todos os bons objetos de usos corriqueiros da vida deveriam circular assim entre as pessoas que se querem.

Deixei com Sabela a minha já gasta pequena mochila de pesquisa, com canetas, lápis, borrachas e alguns papéis em branco. Depois da ceia, a última em Ons de Abaixo, ela me leu mais dois contos que com sete anos escrevera para mim. Vendo tantas coisas sendo trocadas entre os outros, o pequeno Rafael protestava: *quero cousa*, ele dizia e repetia lacrimoso. E foram aqueles os afetuosos exercícios de trocas de dons e contradons com que nos dizemos e silenciamos os ritos da despedida. E eles não pararam por aí.

Uma semana antes fui à *EXB de Viceso* falar sobre o Brasil e a América Latina a estudantes de 11 a 15 anos. Ao sair ganhei da diretora um álbum a cores com imagens da Galícia. Quando no dia seguinte Mari Carmen me deu uma carona de Brión a Santiago, ardilosa ou inocentemente elogiei um pequenino par de “zocos” dependurados no espelho retrovisor do carro. Ao nos despedirmos ela

os retirou de lá e disse que eu o levasse ao Brasil. Quis dizer que não, mas ela insistiu. Se eu havia gostado deles, eles já eram meus.

Fui a Negreira abraçar Mita e os outros de *Extensión Agrária*. Para a filha dela deixei uma dessas pequeninas pedras lapidada de água marinha, baratas no Brasil e que aqui valem tanto, apenas porque vem de tão longe. Mitta ficou ainda com duas fitas de música brasileira que eu gostava de ouvir quando o Brasil parecia longe demais. Ele me presenteou com um belo chaveiro de Santiago, e mais um conjunto de *cartelas de Castela*. Como não encontrou em casa a fita cassete que me havia prometido, foi a Santiago e no dia seguinte veio a Ons de Abaixo com uma fita nova de Amâncio Prada cantando poemas de Rosalia de Castro. Deixei com Xosé Amâncio uma pequena série de livros e duas fitas de música valenciana que havia ganhado quando fui participar de um Congresso de Educadores em Valencia. Ele deu em troca um novo livro seu.

As *irmãs das Torres de Altamira* deram-me um livro-álbum sobre o Caminho de Santiago. Certa vez, ao passar pela *Libreria Folhas Novas*, Ana me viu folheando o livro com olhos de um grande desejo.

Luciano me *regalou* os dois volumes de *A Espanha Mágica*, de Fernando Sanches Drago, que ele tirou de sua estante de livros. Xosé Ramón e eu trocamos mais dádivas. Ele deixou que eu trouxesse o seu exemplar de *O bosque nas quatro estações*, e eu deixei com ele o *La mia vita per la veritá*, de Gandhi, que havia trazido da Itália. Deixei também com ele, para a biblioteca da escola, o exemplar de *Don Quixote de la Mancha* que viajara comigo à Europa e que, como em outras duas vezes antes, não consegui ler até o fim.

Quando estávamos na nossa casa do Promeiral, eu entreguei a “Ana de la Torre” e de *Folhas Novas* uma lista de livros para ela os separar, a fim de que eu os comprasse depois. José “Moncho” riscou o nome de um deles: *Os Galegos*. Foi até a sua estante, tirou o livro de lá e meu entregou. Sabia que eu o havia lido em partes, e que ele me seria útil no Brasil. Disse que não era um empréstimo e que eu o levasse de vez. Um dia ele viria revê-lo na biblioteca da Rosa dos Ventos.

Agora o trem faz uma grande curva e mesmo a região espanhola vizinha à Galícia vai ficando ao longe. O sacolejo do Talgo a cada curva impõe com maiores poderes um indesejado sono. Luto contra ele e não durmo. Trago uma Espanha dentro de mim e vejo outra pela janela. e elas me parecem bem mais vivas e desejadas do que as que poderiam me aparecer até mesmo no melhor dos sonhos.



Alguns rumos sugerem serem para sempre.

A Aldeia

Poemas de O Caminho da Estrela

Ons

Desnecessário procurar o que se diz do nome Ons, ou de sua variante: Oms. Palavras de um único sopro que, segundo alguns querem dizer muito em outras línguas e, segundo outros, nada. Um som, como um balido, um sopro de vento, um sinal do arfar de Deus quando coloca sob a terra uma semente a mais. Os dicionários são omissos. Sugerem apenas lugares sem desvelar o mistério oculto na palavra. Seu som conjurava quem? Pensam que porque sabem da história, conhecem os segredos das origens. Eles se contradizem, mudam com os tempos. Às vezes apenas se enganam, às vezes mentem. Melhor assim.



Mortos

Apenas fomos antes. Os que haviam partido ao tempo das primeiras neves vieram chamar alguns da geração dos que inventaram em galego a palavra *aldeia* para nomear o lugar onde viviam em casas de pedras e em janeiro acendiam lareiras contra os ventos do inverno. Fomos como eles. Eram filhos de mulheres de um tempo anterior, quando por aqui eram outras as palavras e os gestos de amor entre macho e fêmea. Quando em lugar dos cruzeiros de agora que os nossos aprenderam a erguer sobre mastros de cantaria na encruzilhada dos caminhos, havia nas pedras dos montes sinais gravados em baixo-relevo: círculos, espirais, estrelas. No tempo devido eles vieram chamar alguns dentre os mais velhos. Vieram chamar. Foi tudo. Os que temeram o chamado não ouviram e fingiam dormir. Mas nós nos pusemos de pé, calçamos sandálias e fomos. É isto a morte? Fomos. Antecipadamente arrebatados a um longo sono em uma morada, creiam, de uma estranha luz! Tudo foi no meio da noite e em algumas casas os outros souberam apenas quando veio o sol. Na casa da madrugada, como quem afinal adormece por um longo sono sem medo dos sonhos. Como quem atende ao chamado de outros, desconhecidos e amados, estávamos em paz. Fomos por um ícone de claridade, enquanto antes de dormir em minha casa a mulher estendia sob o ferro de brasas a roupa escura. Depois soubemos que entre prantos algumas velhas diziam orações. E nós, do outro lado dos caminhos da aldeia, sem podermos dizer a elas que atendíamos a um chamado. Havíamos sido escolhidos e íamos como quem deseja. Saímos de casa em viagem, enquanto os parentes e os vizinhos levavam vestidas em roupas de festa, as nossas cascas. Os que partiram antes, ao tempo dos primeiros bois e do milho, apareceram entre faias e olmos. Se eles brilhavam de luz, não percebemos. Vimos os seus rostos e eram como os nossos. Tinham apenas o ar de quem agora vive além dos calendários. Nada. Apenas fomos indo pelos mesmos campos de sempre com os corpos um pouco mais leves. Éramos três e quando ao acaso nos tocamos com os dedos, éramos entre o trigo e a garça. Mais adiante andamos sem molhar os pés por essas mesmas correioiras encharcadas de chuva. Fomos, repito, e só mais à frente os caminhos familiares foram se apagando. Quando viramos uma curva na estrada um sol de um outro diferente rosto nos

acolheu. E foi só então que uma claridade inesperada nos envolveu de sua rara luz. E aos poucos entrevimos que algo dela vinha de nós. Foi assim. E assim chegamos a esse lugar caminhando com os próprios pés. Como quem num momento, entre um gole de água e um outro fosse arrebatado a uma mansão de luz. Mas como quem chega a ela tal como o inesperado que num domingo viajou a pé para rever um irmão em alguma aldeia longe. Agora, passado o tempo do silêncio, como em um sonho eu vos conto, para que enfim saibais e...

*Marie Luise Kaschowitz, in **Vida Eterna?** de Hans Kung, pg. 202⁵*



⁵ Nomes de pessoas e de obras escritas apenas lembram um alguém e algo cuja leitura inspirou um momento do que escrevi.

Ventos

Primeiro vieram as eras em que uma palavra dita entre dois ficava suspensa no ar por uma noite inteira. Vinham os sinais do dia, os ventos, os clarões do trabalho sobre a terra em que o sol da manhã se refletia nos pássaros, no ladrar dos cães, no marulho das águas movendo moinhos, no alarido das crianças a caminho da escola e no cair de dois ou três frutos maduros no chão. Vinham, e o que era dito perdurava como um recado, um poema, um indicar do rumo por onde se vai. Ficava ali suspenso no ar, como um canto, como um grito. Dizem que quando um dos homens daqueles tempos morria, aos sete dias o seu corpo desaparecia de sob a terra. Acostumaram-se a crer que nela eles se consumiam sem deixar vestígio algum, e os sumos em que se transformavam nutriam as raízes das árvores. Nunca se soube, no entanto, mas assim se cria. E algumas árvores daqui se diz que têm mil e mais anos e parecem eternas. Um deles um dia quis ensinar aos daqui os artifícios de silenciar o vento. E os ventos vinham do mar e no aço dos cumes das ilhas do Norte afiavam os dedos antes de passarem gelados por essas terras de montes altos. Os nossos antigos corriam a esses altos com altares. Iam primeiro os homens e, depois, as mulheres sem filhos ainda. Iam armados e contra os ventos brandiam foices e facas e instrumentos de lidar com o feno. Gritavam palavras aprendidas, fórmulas de exorcismos de que a raça dos nossos não lembra nada, a não ser um nome de mulher *Águeda*, e o costume de riscar com bastões no chão três círculos, como se um aprisionasse o outro. E costumavam sacrificar cordeiros sobre aras de pedras e atirar pelos e o sangue aos ares. Mas alguns ventos passavam e derrubavam casas e arrasavam montes. Foi quando veio de longe um outro. Ao verem os nossos em desespero, em tempos quando os ventos semeavam os horrores, levou-nos ao lugar mais alto e disse aos homens: *tentai daqui todos juntos; vede se conseguis parar os ventos!* E sabendo que não eram capazes, de tanto, como de fato não foram, e vendo as lágrimas nos olhos dos mais velhos, ele disse isto: *um gigante competia com um menino. Atirou aos céus uma pedra tão alto que ela demorou três dias para voltar. O menino abriu as mãos e soltou um passarinho. Ele voou embora e não voltou nunca mais. Não podeis deter o vento, homens daqui. Mas estais de pé! Podeis resistir e podeis permanecer. Ele passa e estais aqui. Com essas mesmas armas que levantais impotentes contra o vento, sabereis reconstruir*

cada coisa que com o seu sopro ele deita na terra. Eis como a cada vez podereis vencer o vento! Desde então os homens daqui ensinaram uns aos outros a não armar mais as armadilhas inúteis de linho e pedra contra os ventos. Mas a cada vez repomos juntos de pé a desordem de sua passagem. Reerguemos muros e hórreos.

Reparamos janelas e lareiras. Replantamos hortas, ervais e campos de trigo. Enterramos os mortos entre cantos. Cortamos as partes das árvores caídas e com a sua madeira fazemos sapatos, carros de bois e instrumentos de trabalho. Aprendem os ventos? Não sabemos. Mas de era em era eles nos voltam mais mansos, sem as fúrias dos primeiros tempos. Alguns, suaves como a brisa que mal balança no varal as roupas, nos ajudam a espalhar sementes pelo campo.



Outros

Tereis mesmo ido embora, oh rostos? Oh nomes? Tereis mesmo silenciosamente partido e agora viveis para além da existência e do encantamento? Tereis viajado embora? Em que rumo? Então nos viemos – nós, os últimos de nossa raça – às ocultas a este lugar de pedras e lobos e é em vão? E cada vez quando é a lua nova acendemos fogos e, escondidos à sombra de um carvalho convocamos os bons espíritos e acendemos folhas de loureiros e não nos escutais. E tiramos do lugar dos fundos da casa roupas brancas de raro uso nestas terras, e vestimos túnicas de lã e calçamos sandálias de couro cru para vir até estes altos honrar como os antigos a vossa presença na torrente da vida, para onde quer que tenhais ido estareis mortos? Distantes ou aqui? E aqui estamos sob o poder da noite e apenas o silêncio – o não dizer palavra alguma – nos protege dos ardis do mal. E agora a lua de junho veio e brilha o corpo nu sobre a copa da árvore sagrada. Isso vedes? Árvores que foram, supomos, a morada de castanhas, de aves e de vosso espírito. E não estais mais aqui? Como? Se elas crescem e dão, cada uma a seu tempo, a flor, o fruto? Vede, rostos amados: à beira do Tambre continuam a crescer os salgueiros, os abetos, os olmos, as faias, os freixos, os carvalhos e as castanheiras. Mas como segue sendo se não estais mais aqui? Se não presidis como antes o curso da seiva, a cor das águas? Quem, dizei-nos? Quem, oh seres de nosso rosto, está presente e oculto aqui para ordenar a lenta arquitetura da vida? Que outras mãos? Que outros gestos de algum semeador do oitavo dia substituem os vossos, quando da terra que uma tarde pisastes antes de nós, sai a primeira rama do trigo? Quem em vosso lugar ordena à uva que madure e depois protege do vinagre o vinho nos tonéis? Quando a cabra pare a sua cria e pia o cuco no cair da tarde, quem? De onde vem agora, se haveis partido daqui, estabelece a previsível ordem da matéria da vida entre as estações de cada ano e refaz o ciclo de seus ritos? Quem? Se o ar de vossa presença e o vigor de vossas almas já parece não estar mais aqui entre nós? Quem? Haveis escolhido a fuga e o esquecimento quando chegaram por aqui esses outros? Haveis polido em que as arestas de vossa antiga força primária, como as águas do Sar afiam as pedras de suas margens? Vede! Haveis perdido – oh nomes que não sabemos esquecer – a corrente de fogo que antes nada represava? Rios da luz das águas da

espera e do longo voo? Sereis agora o pequeno lago de sombra cinza onde as fêmeas dos bosques vão beber água com os pés atolados na lama? Vós que em outras eras haveis sido, entre a Amahía e o Xallas, o vendaval e a tempestade, sereis agora a brisa de março? Um desses ventos domados em quem as moças de Luaña secam as suas saias? Sereis agora pequenas ondas de movimento que mal esvoaçam os cabelos de quem colhe centeio? Haveis – oh rostos incontáveis – vos entregado ao ócio e ao outono? Ah, não! Vós, os nossos, antes lembrados até nas canções de quando a avó envolvia a neta nascida duas luas atrás em peles de ovelha e cantarolava para que ela adormecesse segura de que, se estais no canto, estais no mundo. Ah, não! Pois em nós, seres de nosso rosto, em nossa memória e em nosso coração nunca silenciado, em nós que aqui estamos e como vós em vida nos chamamos, José, João, Pedro, Manuel e Santiago, nomes dados por outros depois de vós, entre a água, o sal e o óleo, em nós que até aqui viemos e viremos outras vezes, estais vivos como sempre e viveis. E viemos aqui - ah rostos de nossos outros – para vos lembrar os nomes e vos dizer isto.

Angel Crespo – nunca idos



Mínia

Morri como mil. Mas a mim me deram este nome Mínia. Por isso as outras, moças na morte como eu, foram virgens e, algumas, mártires. Eu sou santa de uma história que não se conhece, mas em que se crê. Não me lembro de milagres e minha mãe cuidava de mim como as outras. Agora durmo sobre sete almofadas dentro de uma urna de cristal, não muito longe daqui. A casa de minha igreja os homens teimam concluir em Brión, entre a grande de catedral e o mar do fim do mundo. Mas dizem os que me trouxeram das terras de areias, que quando acabarem meu templo acabará também o meu mito e não haverá mais nas noites de setembro o acender de velas longas com que me pedem filhos e frutos. Por isso, até hoje fiquei assim: metade pedra e metade sombra, deitada dentro de um lar de vidros, com a cabeça apoiada sobre sete almofadas de seda. Eu, Mínia. Elas chegam diante de mim com longas matilhas na cabeça e longas velas de cera na mão direita. Me espiam ternas o corpo de morta. Ouço como um ruído de pequenas ondas chegando à praia as suas vozes. Entendo serem preces e não sei se dirigidas a mim, que desaprendi de orar, ou se a um Deus que não precisa de seus rogos entre suspiros para saber o que destinar a uma gente que ora pede a saúde da filha, ora a prosperidade das vacas. Mulheres como um dia eu fui, e que precisam vir aqui ver o meu rosto para descobrirem os seus. E sei que elas saem depois em silêncio, contritas e certas de que a vela e a voz acesas diante de mim fazem o milagre que esperam. E saem fora a ouvir as gaitas, a tomar vinho branco e a comer polvos. Quem delas erguerá a taça e dirá às outras, a Deus e a mim: *à Mínia, mulher como nós?*



Torres

Pelo menos uma vez na vida saberemos como dar a voz às pedras? Melhor do que os frágeis papéis onde os homens armados de madeiras pensam escrever para a eternidade, aprenderemos a deixar a estes blocos talhados por canteiros o dizer a todos sob esta sombra da tarde de um outono, aqui, no alto deste monte, qual é o segredo oculto atrás dos ícones? Pois os que aqui viveram gastaram dias e noites de suas vidas empilhando granitos e gravando nelas alguns sinais com a vocação do infinito. Desenhos, letras que depois dos séculos tornaram-se apagados, irreconhecíveis. Alguns emblemas com símbolos que já não mais se podem ler, e que talvez mesmo antes não dissessem coisa alguma, além de um nome ou um rosto hoje esquecidos. Pois aqui, irmãos da noite, como em vossas terras e em toda a parte, a história das eras é sempre igual: aos senhores os altos; aos servos os baixios, beiras de pântanos, os lugares longe das muralhas e das torres. Por isso aqui em Altamira, no lugar mais alteado entre os montes, morada de ventos, ergueram os senhores de seu tempo uma fortaleza e um oratório. Casas de guerras, templos e castelos. Há eras em que os homens confiam mais em pedras do que nos deuses. Lugares entre o ferro e a seda no alto de onde suas barbas longas espreitavam com as sentinelas o inimigo ou o dia do juízo final. Arabescos de areia. Aqui, onde corpos ansiosos e esguios de mulheres que adoravam árvores, curvadas ao sul, aguardavam bordando linhos a volta de seus homens, sujos, sanguinários, mas vivos. Altas torres de pedra, hoje ruínas. Pois há vezes, raras e nobres vezes, em que os camponeses antes arredios e humilhados, dizem às avessas as preces que aprenderam e se armam de enxadas e foices afiadas. Armam-se de outras canções e com elas e as mãos que plantavam o trigo derrubam dos altos ermos, como aqui em Altamira, os senhores dos altos do mundo.



Irmãos

O que importam os nomes! A nós nos chamamos *Hermandiños*. Quando eu feri com a picareta um primeiro lugar dentre duas pedras da torre, fiz isto com as forças todas dos dois braços. Deus esteja! Minhas mãos de madeira e lagrimas fizeram aquilo. Se havia ódio não lembro agora, sessenta anos depois. Mas em meu arfar de moço galego havia o furor da fome. De longe, lembro que um dos nossos, mais vestido de vermelho do que os outros, gritou esta frase: *se a outros os profetas do deserto puderam dizer 'que não fique pedra sobre pedra' porque não a nós? Os senhores fugiram. Quebremos a sua memória!* E assim foi. Aos gritos, entre blasfêmias e preces ferimos aquilo como quem veio dos infernos destruir a Cidade de Deus. E quando Ele vier me julgar saberei olhar o seu rosto de velho e de luz e direi isto: *eram só duas torres de pedras no meio de uns montes da Amahía. Algumas garças passaram e eram brancas. Vimos aquilo como um anúncio. Subimos até lá levando as armas do trabalho e não cruces de madeira. E com dois dias e duas noites de nossa fúria derrubamos chão abaixo as pedras que o trabalho dos avós de nossos pais levantaram ali. Eles ergueram; os senhores habitaram; nós destruímos. Eis a história. Fomos os Hermandiños: as fúrias.* Depois de tudo, foi como sempre. Os que montavam os cavalos nestas terras de peregrinos abençoaram fogos e arcabuzes e vieram contra nós, homens do trigo, do centeio e pão de milho. Foram então os tempos do abutre e da noite. Alguns dos nossos morreram aparando lanças com foices. A outros prenderam com ferros em escuras covas: os silêncios. A alguns, como eu mesmo, marcaram com fogo e disseram: *sois Caim!* De nada eles não sabem, mas a alma do Anjo do Oitavo Dia os vigia de perto. Dia virá! A muitos arrancaram o coração e os deram aos cães. Restamos poucos. Restei eu que escrevo isto para que saibais o que houve, antes de lerdes os livros desenhados por eles, com letras de sangue e ouro. Uma manhã de maio – e era uma manhã bem clara – vi que o emissário de Deus me veio. E eu gritei: *ainda não!* E disse com os olhos nos seus: *se houve culpa, que uma luz vinda de ti me fira de morte. Não temi antes, não tremo agora!* Ele era apenas um pouco mais velho do que eu e sei que me ouviu. E não disse nada e não houve nada, sapei. E também isto eu escrevo. Porque nós subimos o monte e fizemos estes castelos de pedra ruírem, eu não

me lembro mais. Os nomes se apagam e os gestos. Fomos as fúrias, digo de novo! Que os corvos e os cucos expliquem por nós. Agora acabo; findo aqui. Um dia adiante haveremos de ser meia página em alguns livros de escola. Mas saíam que até o final dos tempos o sinal de nossos feitos ficou por aí. Aqui, por toda a parte. Para sempre, até quando?



Pássaros

Antes, quando não havia o relógio, éramos o anúncio das horas, os senhores do tempo. Desde a madrugada cantávamos e o sol surgia. Dizíamos aos campos e aos homens, com a canção e o silêncio, os intervalos do dia e o fluir de seus momentos. Com a direção do vôo desvelávamos aos camponeses os ciclos do ano. Eles nos ouviam atentos para acordar, para lavrar a terra, para comer, para amar e adormecer. Vendo em nosso vôo a vestimenta das eras da vida, sabiam quando semear e quando colher. Sabiam quando acasalar e quando morrer. A Primavera aprendeu com o nosso retorno do Sul a voltar também. Não era o Inverno quem nos fazia aos bandos viajarmos às águas do Sul. Era através dele que os ventos do Norte, errantes como nós, aprendiam a trazer dos céus a neve branca. Entre nós, os pássaros e os homens do campo de um tempo anterior havia esse acordo. Nós sabíamos do velejar dos instantes e eles traduziam o saber de nossos cantos em palavras de sua tribo. Juntos criamos a poesia. Dissemos a eles, como entre amigos que o passar dos anos não faz esquecer: *para nós o Sul nos basta. Mas é por amor a vocês que enquanto houver em alguns dias de setembro uma manhã acolhedora do sol, aqui estaremos de novo, uma outra vez. Aqui, de volta.*



Gaitas

Foi quando os nossos antigos acreditavam em magos que cultuavam árvores. Viam em tudo um sinal e quando em novembro os patos selvagens voavam para o sul, eles abriam também para lá as portas das primeiras casas de pedra. Vestiam-se de branco, os homens mais velhos, os mais sábios. E a um deles atribuíram a gaita de foles que antes não existia e que aprendemos a tocar com mãos limpas, pois elas aprisionavam o vento e faziam sair dele sons que acalmavam as tempestades e ajudavam a madurar nos montes as castanhas. E desde quando aprendemos a armar de panos e madeiras as gaitas, descobrimos que éramos também os irmãos do vento. Os que primeiro dominaram esta arte perigosa, aos olhos de alguns, foram com o tempo ficando mudos. Não falavam mais os nossos gaiteiros mais sonoros. Mas com o tempo até as crianças sabiam decifrar em seus toques a beleza e a profecia. Alguns jejuavam em abril. De dois ou três ficaram notícias aos pedaços: eram magos: conjuravam os poderes, sopravam as gaitas que mulher alguma poderia tocar sequer com a sombra do corpo e davam nomes às estrelas. Faziam prodígios, mas na hora da ceia comiam como nós,

Com as mãos, nacos de carne de javali. Por algum tempo corria a notícia de que quando morriam, aos sete dias os seus corpos sumiam na terra. Nos acostumamos a crer que se consumiam por inteiro nela sem deixar vestígios, e o sumo de seus corpos iam nutrir as raízes das árvores que adoravam. Nunca se soube, mas mil anos depois, algumas árvores que emprestam a madeira e o aroma para o fabrico das gaitas, ainda são entre nós nomeadas com as sílabas de seus nomes.



Trigo

Agora, como é setembro, quero dizer estas palavras. Antes, quando era então, os velhos da aldeia acorriam com as mulheres e os filhos aos meus campos. Era a idade da terra em que o trigo era livre nas leiras das lavouras e copiava do sol o tom do ouro. Esses ruídos de máquinas não se ouvia em parte alguma, e o mugido dos bois atrelados aos carros eram como um navio ao partir de um porto em maio. Alguns de nós, os mais jovens, quase sempre, gostavam de se imaginar os mestres do tempo e da matéria, apenas porque havíamos conseguido trocar por ferro e aço a ponta de madeira dos velhos arados. E era quando, mesmo sendo pobres, trabalhávamos cantando. Por isso eram mais doces os pães que as mulheres assavam nos fornos de lenha. E quando com as suas mãos suaves e sem calo algum o padre que vinha até estas aldeias e elevava em direção à cúpula de nossa pequena igreja um pequeno círculo de pão branco, feito de trigo, anunciando que aquilo era o corpo de um deus, os outros abaixavam ao chão os olhos. Eu não, humilde e crente, mas sabedor de nós, eu queria olhar de frente aquilo e dizer aos meus e aos céus, como uma prece, como uma bênção: *arei, semeei, cuidei e colhi; que agora Ele me olhe face a face!*



Sar

Esta é uma história desconhecida e aconteceu faz muito tempo no calendário dos homens. Quando o Galileu parou em minhas margens, disse: *me dá um nome; livra-me do mal*. Respondi: *ainda não é o tempo*. Ele me ouviu sem falar. Eu disse: *busca um outro rio, mais ao norte, bem mais a leste, e maior do que eu. Ali vive um homem coberto de peles e fadigas. Come com ele mel e gafanhotos. Depois diz a ele o que disse a mim e a resposta virá das águas e não dele*. Como sempre foi, se os rios não guiam os homens, eles se perdem e chamam esta perda de destino. Despedi o Galileu com estas palavras de meus murmúrios entre águas e pedras. Quando ele ia já longe e caminhando a leste se afastava de meu leito, gritei ainda: *prepara-te! Depois virão as palavras de que um deus se alimenta, alguns gestos com saliva e barro, e o sofrimento*. Foi quando ele se virou e gritou de longe, e eu quase não ouvi: *e virão o dia e a noite. Espera, aguarda! E haverá de vir de lá uma barca de pedra*.



Meiga

Ando às voltas com a cegueira. Fecho os olhos e vejo. Há noites de outono entre a Minguante e a Nova em que essa camada de carne suave tem dores de pedra. São as minhas dores, prisioneiras do espanto e do espelho. Não há nada a fazer, agora, quando os homens que talham cruzeiros nas estradas dizem que os sortilégios são enganoso. Ao norte daqui algumas mulheres foram queimadas por isso. Tento ver seus rostos na beira dos lagos. Mas não. Melhor que fiquem coladas aqui, em algum lugar dentro de mim. Algumas outras, mulheres de aldeia ou seres que sobraram de nossas raças antigas, antes de tudo isso acontecer, acaso sabiam sobre o inexistente, procurando aos tateios com a pele enrugada das mãos, já que para alguns entes da noite elas enxergam melhor do que os olhos. Assim os meus, que já me escapam de se livrarem de mim. Já busquei tanto! Tinha poderes e podia curar doenças com algumas palavras e o toque de meus dedos. Agora não, e procuro abrigos. Alguém que não me tema e abra a porta e diga: *vem comigo*. Creio, mas não sei mais como repetir preces. Penso em Deus em silêncio e se ele não existe, que venha aqui me dizer. E antes, mesmo os que vinham aqui trêmulos, primeiro me ouviam. Depois fugiam sem olhar para trás e alguns gostariam de acender o fogo embaixo de minhas carnes. Às vezes é nem esperar. Seria bom fechar os olhos ao cair da noite e abri-los no meio de uma tempestade. E não ver nada ao ouvir o tambor dos trovões. Mas desde quando por aqui mudaram o rosto e os nomes dos deuses, chove magro, regrado. Do que roça o meu corpo envelhecido, aprendi a separar o sopro do vento do arfar do Espírito. Sei que raro, mas sempre, ele passa, e é bom. Depois, nem isso. Algumas mulheres de roupas negras cruzam leiras por aqui e gritam do lado de fora: *deus passa, é só ouvir!* E eu que só, aqui, agora vejo através. Fecho os olhos que abertos já não distinguem o dia da noite e espio o insondável. Depois calo, pois de quem eu fui já se descrê em demasia. Na minha morada de madeiras e palhas, do que já houve restaram algumas letras coladas no chão. Quem anda pela casa como eu descalça, sente e lembra. Cega das cores é pelo tateio da pele que me chega o sabor e o saber. Meu corpo que homem algum tocou por suas delícias. Nunca fomos muitas e hoje a conta de quem somos cabe nos dedos das mãos de um menino. Um dia a última de nós gritará ao vento o nome de todas. E será como nada. Se formos adiante algumas

histórias que as avós contam aos netos, já será bastante. Ao tempo em que havia por aqui crenças no fogo e na terra eu gritava de minha porta um nome, e ele vinha. Agora durmo em branco. Fomos... é isso. Um copo de água dado no oco das mãos de alguém já seria tanto. Mas, quem?

Márcia Nogueira – carta pessoal



Jazigo

Aos mortos daqui damos lugares eternos ao lado direito da igreja da aldeia. Assim, que de onde dormem nossos pais vejam as torres que fizemos, vejam os ninhos dos pássaros e as vejam maçãs pendentes dos galhos das árvores que os seus pais plantaram. Que vejam isto antes de olharem a face de Deus. Que ao tempo das colheitas sintam uma outra vez o doce odor do milho cortado com nossas foices, levado aos silos para o gado dos invernos. Que ouçam de longe, como se à noite, o que cantamos quando nossos pés e prensas amassam as uvas de cor clara. Que saibam da eternidade aqui, ao ouvirem de onde estão os risos dos netos de seus netos.



Outono

Ensinei à primavera a ciência das cores. Ela dedicou-se ao efêmero: a flor. Eu, ao eterno: o morrer. Por isso ela se colore com cores diluídas em água pura e, eu, com o fogo. Se vocês não me acreditam, observem com destemor o que acontece. Todos os anos chega o meu tempo e os calores vermelhos de agosto fogem para o sul. Quando é isso, eu roubo do sol os mesmos raios e com eles incendeio, silencioso e sem calores, os campos do Norte. Novembro é o tempo de meu reino e com o sal da terra e o ar das estrelas governo o mundo e povôo de castanhas o chão da Galícia. É quando eu lembro aos efêmeros tons do verde que chegou o tempo de abandonarem as árvores e deixarem que eu revele nelas o interior de seu tesouro. Pois, depois do verde trago a estes campos todas as variações do ouro e do sangue de que são feitos os homens e a terra. E de suas cores retomo a tonalidade de tudo. Devolvo à terra tudo que ela ama e, juntos, frutificamos a sua substância oculta dos olhos de quem colhe a fruta. Assim fazemos até quando do alto dos montes janeiro venha e dissolva em brancos o meu labor de artista. Sou o tempo das graças e apenas poucas canções de algumas velhas celebram meus feitos. Vocês que se vestem de cores claras em maio, venham dar à vida graças comigo, e festejaremos a vida ao redor dos frutos e de seus óleos. Vejam: quando eu houver pintado de ocre o corpo das florestas e deixar ao inverno o trabalho de congelar galhos secos, já os frutos das eras haverão de ferver à volta das lareiras. Quando vier o tempo em que os pássaros partem, eu serei no lugar deles o canto do silêncio. Assim faço quando fermento nos escuros da terra o que há de sagrado na alma de Deus.



Tardes

Isso me alegra mais que tudo: as horas dos voos dos ouros da tarde. Uma fada em Lugo estende a colcha da noite e antes de adormecer diz às estrelas: *venham cantar as cantigas da noite!* Então é a hora desses jogos sem data entre a luz e a sombra. O restinho do sol dobrando os montes e já o rebanho e o pastor das nuvens guardando no estojo as cores que vão do cinza claro ao escuro, e dele ao azul quase negro do resto que sobra do rosto do fogo. Alguns pássaros dão os últimos sinais do dia: piam ainda, mas agora é um canto que fêmea alguma atende. São pássaros que conhecem que a noite não chega sem essas canções de cucos, de pastores e de marinheiros. Outros buscam nas silvas, nos galhos das árvores dos montes o lugar do sono e do aconchego. Há também os que preferem os campanários e ali dividem com o sono dos sinos, um silêncio que Deus prefere às ladainhas. É o momento, e quando eles calam as corujas sabem que chegou a hora, e a noite é quando nos campos da Galícia já não se desvela mais a diferença entre uma ovelha e o cão pastor. Mas antes de tudo parecer uma só cor todas as outras clareiam a tela do horizonte. Aquarela efêmera e por um instante, próxima do triste. Depois é quando no céu acima as estrelas lavam os cabelos antes de iluminarem o chão de nossas aldeias. E quando não há mais luz alguma, então é quando tudo brilha. Pois houve um tempo em que a noite era um grande fogo aceso.



Presença

Um grão de chuva. Acaso alguém, uma única pessoa dessas que dizem no meio da novena: *Deus me fala*, parou entre um caminho e outro, de volta à casa uma única vez. Parou ali, como se o mundo inteiro existisse devagar e sem tormentas estivesse começando agora? Alguém desses que esperam anjos na porta de casa acaso parou um dia assim para ouvir vindo do chão o ruído da voz do mundo? Alguém lembrou de viver isto uma única vez? Pois isto é Deus. Não fosse por ser Deus, em nome de quem uma mínima, uma única gota da primeira chuva de novembro viria dos céus fazer aqui esse murmúrio único? E quem existe em uma folha seca de olmo caída na estreita calçada do ombro de quem volta do campo e passa, e vai embora sem saber que foi por um segundo o lugar de um milagre? E ela tomba de seu galho no ombro de quem passa e fica ali, tremente, por um momento antes de voar ao chão. Há milagres? Eis um. E há horas que é como o sentar no chão da terra e ouvir a alma. Há outonos assim e o silêncio, sua morada, ele vem então. Como o findar do vôo quando uma ave branca chega ao ninho e pousa. Como quando um anjo silenciosamente imita o seu gesto e, na mesma árvore, guarda as asas e senta o corpo ali, ao lado da ave: seu igual, seu outro. Banhado de luz, pois é um anjo, mas igual ao pássaro, uma outra ave, e somente isto. Alguém que a seguir, entrando na casa de um pobre entrasse sem bater e apenas dissesse: *vim*. E sem perguntas ganharia um lugar ao redor da lareira. E depois de comer, como uma prece, como uma benção, diria antes de ir embora: *nessa sopa de cebolas só faltou mais uma pitada de sal*. E sorriria ao vento, a uma criança e a um pássaro, sabendo que, ele sim, quando canta, profetiza. Então, à volta da lareira acesa de ramos e galhos de um choupo reinaria um grande silêncio. E ele iria embora como veio, sem dizer sequer o nome. E, no entanto, entre todos, o corpo das mulheres, esse suave tecido do desejo, seria como se pudesse ouvir o canto da gota de chuva quando cai. E ouvir a sombra da tarde e o seu lamento, que somente às aves e às mulheres os anjos revelam.



Festas

Música feliz a dessas gaitas e pandeiros. Ah, suave música estridente que espanta os cucos e atrai os elfos e suas brandas almas. Músicas que arrancam de couros e de madeiras nas mãos e vozes agudas dessas moças e desses rapazes vestidos de panos antigos, quando eles fazem soar entre as pedras dos caminhos da aldeia, aos pares, em quadras, em grupos de cinco a sete, os anúncios ao sol, e aos homens da manhã da festa. E os arautos alegres são quando dizem entre sons de gaita e cantos, as palavras que recordem aos vivos que estão vivos e tudo passa. E aos mortos que lembrem de quem foram quando eram os que se deixaram ir daqui, e aqui permanecem e não precisam mais dormir. Assim cantam os que batem com as mãos em couros de ovelhas esticados ao fogo. Que toda a alegria é isto e não é preciso mais coisa alguma do que uma festa que reúna sob os carvalhos os velhos do lugar e dure pelo menos o tempo de uma manhã de sábado até a hora das altas estrelas no domingo.



Gaitas

É preciso todo o desvelo de um cuidado esmerado de mínimo gesto. Cuida de teus dedos e de tudo o que eles façam se vierem a percorrer a madeira perfurada destas gaitas de fole sob o bailar de teu desejo. Um pequeno gesto errado sobre este teclado de sopros pode alterar o curso das estrelas. Quando me tomes e me invadas do ar dos ventos da Galícia, lembra-te disto. Pois alguns ao me soprarem a esmo e sem ritos, pois não conheciam os segredos do corpo que eu oculto quando sô, conjuraram os malefícios do lado escuro da noite. Somos gaitas de povos sem palavra escrita. Misturamos a pele dos carneiros à madeira de olmos e mais o mel. As mãos do artesão que nos fabricam, por três dias antes e depois não tocam o corpo das mulheres. A aura que viria deles seria em demasia. Os que nos sabem fazer às vezes sonham grandes eras. Então profetizam o passado e comem com os espíritos dos rios, sopa e pão. Depois vem o vento e sussurra aos escolhidos: *toca!* Nossos ecos aos ouvidos de aves e camponeses voam longe, e os sons que saem de nós são a mão com que os ventos alisam o rosto das montanhas. Houve um tempo em que os amantes que se uniam pela primeira vez enquanto ao longe uma de nós soava, depois de cem anos, ainda ardentes, amorosos, avançavam de mãos dadas contra a morte. E quando vieram os do Caminho de Santiago, alguns soavam ao longo dele nossos ares, nossas músicas. Então porque dentro dos templos soam os órgãos e calaram as nossas músicas, para que Deus, inebriado, não apressasse o final dos tempos. Quando nos ouvires, não penses em nada, pois isto compete às ciências e elas de nada conhecem a música. Supõe sonhos: devaneia. Viaja como se meu canto fosse um barco. As velas de cor laranja abertas ao vento. Supõe sonhos de sentimento antes da palavra. A crença esquecida da oração e acolhida no silêncio, como quando a esposa diz a palavra “sim”. Ouve. Supõe haver sido sombra. O rosto de um anjo quando dorme e esquece enquanto ouve ser eterno. Um anjo. E alegre do sonho que a minha música de madeira e ar embala, sonha não acordar. Depois, esquece o que houve antes e guarda-nos, em silêncio, em estojos de couro e prata. Afinal, somos, tu e nós, feitas das mesmas matérias do mundo: madeira, vento, terra, água, pele e mel.

Angel Crespo – donde posa las manos.

Gadanha

Esses de mãos rudes, com as palmas marcadas como a geografia de um deserto e as juntas dos dedos feridas de calos, fizeram de ti um símbolo da morte. E és, entanto, uma tão aguda invenção da colheita da vida. Acaso não é luz a chama azul e laranja onde a mariposa toca o desejo da asa e morre? É no teu aço afiado em pedras duras que a seiva da planta vê o seu rosto. Gadanha. Um gesto e foi-se. Um breve passar e pronto. Depois, que as mãos de mulheres de negro ajuntem em linhas ao longo dos verdes esses feixes de afeto. Os corpos que te tomam nas mãos para os ofícios da poda trabalham e, entanto, bailam. De um lado para outro balança para um lado e o outro o dorso de quem ceifa com teus aços aos sons de Pã, e corta rente ao chão as flores da erva. E quem te teme, por causa de algumas más imagens, teme também o vinho, a vida e a profecia. Pois antes de teu passar por esses campos de alfafa veio o tempo da sementeira e do cuidado. Por isso a aurora, a chuva e o arco-íris. Por isso o mês de maio e o odor do feno. Pois aqui estiveram, entre cantos esquecidos hoje, os que atrelavam no dorso dos bois um arado anterior à missa e à ladainha e escreviam nos chãos da primavera esses poemas. Depois, os que te tomavam entre as duas mãos esperavam em vigília o passar da noite, de olhos presos na cera da vela dos calendários. E bem antes do ofício de colher eles sonhavam esses ritos sagrados de fúria e sacrifício. Agora, se em nada mais de tudo o que há, nisto crês, chega rente o ouvido ao fio da terra e escuta. Não ouvirás aqui mais do que um suave canto-chão de monges, como se de muito longe. Lembra-te deles quando repartires nas cortes sob a casa de pedras o comer das vacas. Pensa neles quando na ordenha ouvires cair nos baldes o fio do leite branco de que se faz a vida e o queijo. Pensa neles, quando em casa, depois das preces, colocares sal e pão na sopa.



Madeiras

Quando eu era um menino comecei a aprender esses ofícios. Primeiro, ao fazer o meu criar, errava três vezes em cada quatro. E o meu mestre de artes vinha e me dizia assim: *este é um ofício que entra pelo corpo!* Ele me falava olhando a madeira e não eu. Eu era então uma criança e queria ser perfeito sem precisar aprender. Levei tempo para saber que o saber chega como a cereja amadurece. E o mestre vinha e me via suado de labor e ódio entre as minhas mãos imperfeitas. E me dizia: *Primeiro se aprende o que já se sabe. É quando se deseja que as matérias do mundo sejam como nós. É quando se anda pelo caminho da ciência. Depois chega o tempo em que se aprende o que não se sabe. É quando se começa a percorrer a senda da sabedoria e se descobre que a madeira é a mestra das mãos. É ela a sábia e quem trabalha o seu lenho, o aprendiz. Ouve. Escuta! E quando houver entre tuas mãos e ele um silêncio anterior à prece, ela te dirá por onde ir. Pois ela é quem diz ao artista o que criar quando se faz de um tronco de carvalho a figura de uma mulher ou um santo.* Hoje sonho ser cobre ou água, muitas vezes. E acordo no meio da noite e digo a deus: *se existes, transforma-te em madeira.* Quando os magos me falam de iluminação, lembro esses sonhos. Deus é uma forja onde tudo é sempre o mesmo e um outro. *É o ofício quem entra pelo corpo,* o meu mestre de artes me dizia. Muito depois eu vim a saber o que era isto.

E entalhei no corpo estes calos da polpa da palma das mãos e dos dedos. Quando ele morreu e chegou a minha vez de ser velho. Nunca viajei. Aprendi a ser dócil aos meus gestos de ermitão e agora sei: a madeira é quem me faz. E foi assim que aprendi a crer no deus dos monges que antes e depois de orar trabalham com a terra, a pedra, o barro e o tronco caído das árvores do campo. Os que apenas estudam e dizem preces apoiadas em mãos finas enquanto pronunciam palavras estranhas sobre uma taça de ouro lavrada para o vinho, não conhecem o passar de Deus. Falam do que creem sem saber, sem sentir. Pois a face de Deus tem corpos e a cada dia são mãos como as minhas que talham com amor o perfil de seu rosto. E se algo é eterno, há de vir de mãos gastas com ternura gastas na madeira, como as minhas.

Trasgos

Deixem que seja assim: uma noite de sexta-feira, num dia treze, no inverno, quando for a Lua Cheia. Pois a mim me haviam falado em sortilégios do mal e suas cavernas, em lugares até onde somente chegam os que servem à escuridão. Saí para conhecer o mal. Andei muito e entre os mistérios da vida nada há que eu não conheça. Mas a pura matéria do mal, ela em parte alguma nunca não existe. Suas frágeis forças são só as da ausência saber do bem. O olhar de frente de uma criança detém o poder dos sortilégios de Satã, porque a criança vive do sabor da vida e os anjos do mal morrem à mingua quando nos esquecemos de lembrar deles. Os que imaginam servir ao mal servem ao vazio.



Bordados

Vejam e toquem com os dedos. Percorram com a ponta deles a trilha da linha de uma cor: sinais da soma do saber com a arte. A mulher que bordou este pano cansou e foi dormir sem decifrar a alma do que fez. Mas o que ela não soube lembrar eu vim aqui dizer agora: *foi com estes fios bordados que outra vez vencemos a escuridão!*



Benigno

Sou dos antigos. Vejam o cinza de minha boina negra! De tanto voltar a cabeça para os céus e buscar nos pássaros os sinais da colheita, os meus olhos foram ficando assim: azues e mortos. Hoje enxergo com a ponta dos dedos, e se não tropeço nas pedras da correioira entre a casa e o campo, é porque meus pés aprenderam a ler o chão. Quando eu lembro, enquanto com os outros bebo em pequenas taças brancas de louça o vinho da tarde, que envelheci e presto para pouca coisa, quero que eles entendam o que vim dizer. Não consigo mais atrelar duas vacas no carro e o meu carro de vacas é o último da aldeia. E pergunto a eles para o que servem os dias da vida de um homem velho como eu, quando o corpo começa a esquecer os ofícios que transformam a água das chuvas de janeiro em leite e vinho?



Linho

Já quase não há mais nessas paragens, dessas que tomavam de dentro das águas os fios de linho e faziam deles toalhas de cor alva onde uma hóstia era sagrada só de estar ali. Seus antigos cantos de *malla* ressoam no meio da noite entre as vozes do vento dos meses sem erre. Suas vozes vindas de alguns segredos dos ofícios das artes galegas algumas filhas esquecem e poucas não. Como sou a mais velha daqui, de vez em quando as moças me procuram. Querem ouvir velhas lendas. Querem conhecer mistérios conhecidos para serem silenciados. Pensam em druidas, em seres de antes. Sonham os ofícios pelos quais em tempos depois de Santiago alguns corpos foram queimados bem mais ao sul daqui. Falam cifrado, sussurram conjuros e sonham decifrar o que imaginam exista enterrado sob os cruzeiros no cruzamento de estradas. Então, vez ou outra, ao tempo em que eu tinha ainda uma sobra de força nos pés calçados com tamancos, eu as guiava a um velho moinho e, depois, a uma última esquecida oficina, não longe daqui. E mostrava aquelas ruínas e lhes dizia, tal como segredava antes de mim um homem sábio, de tão velho: *se vocês querem conhecer os segredos da vida, observem o que sobrou aqui. Olhem e toquem com os dedos esses últimos artefatos das artes do linho. Aprendam os seus nomes. Assim se fazia ao tempo em que havia magos e meigas, e este era o poder deles. Ensinar a quem vinha aprender como semear na lua acertada as sementes e esperar sem pressa o tempo do ardor dos frutos. Tomar da planta a alma dos fios e mergulhar nas águas a sua trama. Bater muitas vezes sobre pedras, cantando conjuros. Fiar os fios e submetê-los a essas tramas, como quem gera um filho. Fazer de fios um pano branco de tão alvo. Bordá-los em ponto-de-cruz. Esses eram os totens. Este o poder das mãos. E eram noites de fio e lendas contadas ao redor dos fogos, quando em dezembro. Foi assim. Ou vocês pensam que era esfregando lâmpadas ou invocando os trasgos que as mulheres daqui vigiavam a vida, domavam os medos e lidavam com as mortes?*



Sol

Ao sol este poder ao seu tempo. Pois quando é o verão de junho ele chega cedo, e antes de reger a ordem do universo, como um rosto de luz é visto desde as nossas janelas sobre os montes e as nuvens, é ele quem seca a roupa dos varais. Que aos errantes – esses que estendem o dedo e o nariz e marcam a direção do destino deixando o Sul às costas e adiante do peito o Norte, e para onde nasce o sol o lado Leste e o Poente onde ele se deita a cada tarde – o sol sirva para estabelecer a vocação do destino. A nós, os que semeamos uva, trigo, centeio e milho, que nos ele venha para secar o feno, abençoar o vinho e alvejar as roupas. Assim, antes de completar a cada manhã a obra de um deus, que ele ponha termo nos varais ao trabalho das mulheres. Por isso é fecundo o sol e nós o olhamos com devoção, a cada dia das quatro estações. Assim costumamos fazer, embora fora algumas quadra de canções de roda entre crianças e velhas, ele não mereça mais do que duas festas ao ano, uma em julho e outra em dezembro: os seus solstícios. Por isso ele é bom e bendito, e quando falta nos céus de nuvens por sete dias, acordamos com labaredas os seus filhos: os fogos que fazemos nos porões das casas, para sermos também criadores da luz e do poder do estrondo. Ele é a ordem das coisas do alto, enquanto não excede o seu anelo e não apressa a cor da palha nas folhas do milho, e nem seca o chão o fluir dos riachos e nem na torre das igrejas os ovos das cegonhas. Com as sombras que deixa enquanto viaja medimos as horas do trabalho, as da comida e as do silêncio. A cada sutil indicação de sua ausência no tronco dos carvalhos, aprendemos os tempos de todos os ofícios. E quando são por aqui os dias de sonhos, chamamos as mulheres da aldeia a que consultem o musgo das pedras e a direção da queda das folhas secas.



Muros

Saberiam os homens celtas que esses muros, aqui retos, acolá entre curvas como um regato ao largo do caminho à sombra das faias e dos carvalhos, haveria de ser um dia a casa das salamandras? Ao reunirem em maio e ao empilharem em agosto estas pedras plainas e com uma suspeita vocação de eternidade, qual dos mestres de ofício saberia imaginar o que acontece agora com o que fizeram dizendo aos espíritos das árvores: *que seja eterno!* Agora eles são um abandono de escombros e a sua maior serventia é serem jardins de musgos que tornam a sua aspereza um pequeno arco-íris de cores tristes. Servem ao ligeiro pouso de algumas folhas do outono e de moradia a alguns pequenos bichos esquivos que, tal como os homens, costumam dormir dentro de casas. Um dia – faz muito tempo – eles serviram para demarcar os limites das posses e demarcar entre vizinhos os frutos da guerra e do trabalho. Serviam a afastar dos pastos a fúria dos lobos e, mais tarde separaram o bem dos mal, servindo a imagens de fé e de medo. Algumas estrelas saberiam encontrar a sua exata posição no céu noite olhando do alto a ordeira posição dessas linhas desenhadas por mão humana. Agora, cobertas de musgo e matos, esquecidas entre as silvas e os espinhos, muros de outros tempos que já não demarcam coisa alguma são como restos alinhados de pedras sem rumo. Mas ao não dividirem coisa alguma e ao servirem de lar a alguns bichos de mato e de chão a alguma raízes, talvez, velhos muros esquecidos dos donos, que talvez isto seja, afinal, a liberdade.



Pinheiro

Feri a ponta do dedo no arame da noite. Depois me tornei todo isto: farpas e alguns frutos duros que os esquilos roem no meio da noite, quando os homens dormem e não há perigo. Eles oram nos ocos de meu corpo e por isso entre nós, altaneiros nos montes e essas peregrinas presas das raposas existe um amor infinito. Vocês duvidam? Pois saiam da frente das lareiras e do vinho tinto nos escuros de janeiro e venham até aqui! Dos segredos da noite, quando tudo é frio e escuro e uma claridade silenciosa emerge da aura dos campos, as pessoas que dormem entre janelas cerradas não conhecem coisa alguma. E assim ignoram, entre seus sonhos de adolescentes, três quartos dos mistérios do mundo. O outro lado da vã ciência e da arte vive no saber dos seres que fincam na noite os dedos e a boca na terra e arrancam dali os sucos de que os homens vivem.



Vinhos

Faz lá fora o frio dos tristes. Mas aqui, nós nos encerramos entre paredes de pedra e juntos tomarmos juntos ao redor do fogo este vinho escuro. Um dia ele fermentou evangelhos nos porões de nossas casas, e agora é por ele que dizemos aos outros: *vem, senta aqui!* Ele, vinho das uvas de maio é por quem andamos sob as luas crescentes perguntando a Pã pelo açúcar da mãe-terra. Assim, navegantes, aqui nos congregamos com na nau de Ulisses rumo a Ítaca. Como em um templo grego dedicado ao ardor da vida. E bebemos entre brindes ruidosos em copos largos de barro e sonhos esta espessura das águas entre a lágrima e o sangue. Não porque seja bom. E é bom. Mas é porque sorver dele aqui, quando juntos como agora, nos salva do esquecimento. Sozinhos e infelizes bebem os que querem esquecer. Nós, congregados ao aperto dos corpos, celebramos ao beber e bebemos para recordar. E como levamos a sério algumas lições da morte, em nome dos que amamos sempre e que se foram, bebemos o vinho enquanto estamos vivos. Quando a noite chegar - e isso nos lembrará alguém de nós ao olhar o tempo perto da janela - será a hora da sementeira. Quando chegarem à aldeia os escuros ventos vindos do mar aberto e o amargor do sal, as suas mãos de vidro não nos haverão de gelar o rosto. Ergueremos à vida os copos. Haja vida! E apenas quem estiver aqui e ousar dizer conosco essa palavra poderosa de magia: *agora*, estará a salvo. Fora as mulheres a quem bastam o chá, os chalés e as lareiras. Eis a palavra entre todas a mais terrível. E é preciso pronunciá-la cercado de outros, à volta da mesa, entre ritos muito antigos. Pois só de dizê-la como num conjuro, como numa prece, o tempo presente pode conjurar os tempos e permanecer sempre. Como o vinho perfeito guardado em boa garrafa e numa adega longe do furor do passar dos dias. Eis o grande perigo que imaginamos vencer aqui, entre vozes e vinhos: estabelecer como por um engano a eternidade antes do tempo. E, assim, perder para sempre o direito ao efêmero, em nome de quem enquanto bebemos entre nós o vinho tinto, sabemos que somos a um só tempo os filhos e o destino.



Corredeira

Os netos dos filhos dos avós que abriram aos quatro ventos nos montes estes fios de caminhos de linho no tear das serras, agora trafegam por eles. Primeiro foram os tempos rigorosos. Era quando as pedras precisavam ser arrancadas da terra com mãos e madeiras duras. Não existiam ainda estes ferros movidos a fogo e nem havia dessas lavras fáceis, avistadas de longe. De vez em quando nas aldeias havia fome e era preciso acender grandes fogos à volta de círculos e conjurar com preces e fumaças de ervas alguns males vindos do Norte. Foram os tempos de uma grande escuridão de uma noite então indomável. E era quando andar por esses ermos exigia uma coragem desconhecida dos cruzados. Os primeiros camponeses de quem herdamos as ferramentas e a cor da pele, atravessavam estas finas teias de trilhas abertas antes do trigo e do incenso. Antes da doma completa do cavalo e do fogo e do domínio sobre os males da fúria dos ventos. Eram tempos em que terão passado por aqui povos de longe, de cujas falas murmuradas com a língua entre os dentes nos ficaram catorze palavras. Deles herdamos este estranho nome: *corredeira*.



Chaviello

Os riachos dos montes movem águas. Eu movo moinhos. Por três séculos o meu passar de lágrimas límpidas, saídas frescas da raiz da terra, moveu a mó da vida. E que entre o gesto religioso do moinheiro e o cantar rouco da esposa em misturasse as minhas águas ao girar da roda e seguisse monte abaixo misturando águas e farinhas, isso era a minha alegria. Em busca do Tambre e de outros rios de perto, em terras baixas da Galícia os riachos das pequenas serras do sul ecoam o ruído de seu cascalhar entre pedras polidas. E as pedras choram no passar do rio o não poderem, como as folhas caídas no outono, viajar com o corpo da alma até o mar. Eu, o Chaviello, pequeno riacho, sei misturar o marulho de meus sons de águas breves ao canto das rodas dos moinhos de pedra que os homens ergueram aos dois lados de minha trilha. Atravesso aqui ligeiro e único e faço girar rodas e destinos. Há um pouco de meu cantar nos pães que as crianças comem nas aldeias. E o sabor do correr das sementes que eu carrego monte abaixo tempera o riso das moças de longas saias. Em manhãs de raro sol algumas vêm lavar em mim as mãos cobertas da poeira branca do pequeno milagre de que as avós depois assam nos fornos a matéria da vida. Os outros são regatos de peixes. Eu, de pão.



Amélia

Derramo no chão sobre um pano que a mãe de minha avó teceu estas favas de feijão branco e antes que anoiteça separo, curvada como agora, as pedras e os grãos. Coberta com o chapéu de palhas que eu mesma teci, vestida de muitos tons de negro, coleciono com a ponta dos dedos essas favas brancas que depois os meus comem entre a jornada da manhã e a da tarde. Algumas vezes digo enquanto faço isto alguma prece. Mas quase nunca, não. Sei que se há um deus ele está mais atento às falas dos gestos do que ao vazio das palavras.



Lareira

Algumas casas ainda guardam, como o altar e o sacrário, essas tessituras da sabedoria das pedras. E elas são o sinal de que algo do que os homens fazem pode sonhar ser eterno. Quando pois alguém de longe perguntar a vocês: *o que os leva a crer no eterno?* Respondam: *essas lareiras de pedra que restaram em algumas casas da aldeia.*



Ofícios

Foi o tempo. Falavam então do esquecimento e de sortilégios e magias. Falam ainda. Pensavam entre murmúrios nos exercícios com que os filhos dos faunos exerciam poder sobre o fogo e a lágrima. Foi antes, tempos antes. Teciam crenças sobre como dirigir com o espírito o percurso errante das nuvens e o das águas abaixo do corpo escuro da terra, entre os sete metais da alquimia. Vinham até minha casa, separada da aldeia em algumas noites e perguntavam com receio entre os olhos a respeito de tais assuntos. Depois se assentavam como crianças ao redor do avô e esperavam o silêncio. Antes de falar eu aquecia o fogo e tomávamos chás de folhas amargas. Bebiam devagar e esperavam em vão o verem sair de minhas mãos o véu do mistério. Como entre maio e sempre eu não tivesse nada a lhes responder, deixava apenas que viessem e repetissem a vinda, como a missa, como a messe, até estarem com os pés aquecidos na brasa do desejo. Então, quando foi ontem pela noite eu afinal lhes falei assim: *O que viestes querer conhecer? Quereis saber da magia? Quereis conhecer senão os segredos de sua dupla alma? Quereis entrever ao menos um sorrato instantâneo da evidência de seu poder submisso a um gesto de duas mãos? Podereis suportar um entreabrir que seja do olhar fugaz de seu clarão?* E o mais velho deles disse em nome de todos: *Sim! Mostra-nos isto, onde esteja!* E eu respondi: *Pois ide! Voltai pelo mesmo caminho ao local de onde viestes. Sai depressa daqui e retornai às aldeias de pedras e de lamas do inverno de onde saístes. E andai por ali. Devagar, como um alguém que havendo chegado sabe que não foi a lugar algum. Vagai ali. Pela primeira vez caminhai como viajantes, peregrinos, sem a pressa dos moços ou dos que imaginam que há sempre um milagre um pouco adiante. Olhai como se pela primeira vez cada coisa, entre a espera e o silêncio. Vede cada pequena minúcia do mundo como quem veio de longe e não chegou ainda. Olhai à volta como filhos da dúvida e do assombro. Caminhai a sós, sem ninguém ao lado, os passos do susto e da demora. Fazei assim até quando uma imensa sede vos leve fonte. Bebei então como quem se salva de um naufrágio. O que quereis conhecer vos rodeia, vive à vossa volta, e nunca vistes. Vede agora! Observai os ritmos do variar da vida, atentos ao florir de um lírio como quem espera a volta de um Messias. Esquecidos do tempo*

procurai os sinais do milagre no que restou deixados em marcas nas madeiras: alguns desenhos antigos, como letras, como riscos, gestos de rostos talhados na pedra. Um ou três arranhões imprevisíveis talhados com as unhas na carne do ferro. Ah! Lembrai como ele ressoa e chia quando se esfria enquanto avermelha as águas que o transformam em arado ou faca. Depois, ide sem pressa ver os que, como vós, levantam o sol da manhã com os sons dos seus ofícios. E o que tiverdes aprendido a ver, se souberdes perguntar, isto será a vossa resposta. Ide ver como os homens de boinas pretas cospem nas palmas das duas mãos, e armados de arados e de puas completam na terra a obra de um deus. E, como ele outrora, fazem isto em silêncio, pois lhes pesa o que criam. E é como se dissessem: 'o que Deus fez em sete dias eternos nos seguimos fazendo nos outros infinitos tempos de sempre. Podeis ouvir e ver. Podeis tocar na obra da terra e nos ofícios dos homens. Isso é tudo e mais não há! E, ao me ouvirem dizer isto, alguns se foram e não voltaram mais. E outros não, e me olhavam com frases de desencanto. A estes eu disse ainda: quanto à obra dos magos e dos feiticeiros, desses que conjuram poderes em línguas sem gramáticas, dissei-me: o que restou de suas obras em que uma mulher de aldeia possa reconhecer a alma de seu povo e a seiva de seus dias? Onde está aquilo de que se diz que eles fazem, aquilo de que se possa anunciar, como o homem da terra.: em abril haverá flores; em julho, o grão. Nada! Eles são o brilho de um relâmpago condenado e fundam a ordem de lugar nenhum. São mais efêmeros do que a floração da alfafa e menos prodigiosos do que esses panos brancos que as velhas tecem com fios de linho para cobrir os pães. Caminhai para longe dos magos entre passos de espanto e de quimera. O imprevisto sempre chega um dia, e mesmo o que não abre os olhos, vê. Quereis crer no poder do mistério? Acreditai num prato quente de grelos com batatas. E eles se foram. E alguns observaram pela primeira vez as janelas das casas onde moravam e o suave labor dos canteiros á volta delas. Passaram dedos calosos ao redor dos sulcos de algumas pedras alisadas ali com as mãos de muitos meses. Encostaram os rostos de barba rala na aspereza do tronco de alguns carvalhos, e depois tocaram, como quem diz a prece, a perfeição dos encaixes da madeira de uma mesa. Dois ou três passaram meia manhã observando a difícil ciência das fechaduras. Outros roçaram várias vezes o rosto em peças de couro, essa tão frágil folha da vida. Pediram às mulheres que abrissem arcas e se envolveram de panos de veludo.

Outros foram aprender a fazer com a cera das abelhas, as velas da noite. E, quando ela veio, congregados ao redor do fogão de lenha de pinheiros deram-se as mãos e oraram juntos diante do sacrário das panelas. No oco do barro beberam vinho com quem comunga. E quando na sala da casa viram a filha tecendo uma colcha de fios de cores, um deles lembrou-se de dizer: *venham ver o lugar onde Deus aprende a armar o arco-íris!*



Albanil

Ergamos o hórreo! Ele dizia aos de Salaño Grande, como quem convoca os vizinhos para a vindima depois da tempestade. Como quem descobre, depois, que sozinho não consegue abrir ao redor da mesa a garrafa de vinho. Três tempestades furiosas e mais o vento que as trouxe do meio do mar derrubaram o hórreo cheio das espigas secas do milho de novembro. E debaixo das chuvas ele ficou e ali estava, tombado no chão como um corpo morto e, no entanto, inteiro. Suas pedras e madeiras. E alguns meses depois de tudo as ervas do campo vieram mansamente a ele, para saberem se já era chegada a hora de começar a cobrir com a espessura do verde a sua carapaça de arte e doçura agora aos pedaços. Pois eis que tudo: a pequenina arquitetura das pedras talhadas e mais o ponteiro e a cruz e mais as madeiras de um velho carvalho dos montes, tudo o vento havia desordenado. E foi como à sua volta o mundo inteiro perdesse a sua ordem porque em algum lugar do norte da península um velho hórreo estava em desalinho, caído sobre o chão do pasto das ovelhas e do crescer do centeio. Como uma igreja destruída, como um raro jogo de armar de um menino, empurrado para o caos pelo gesto de dois dedos travessos, depois de empilhado com tanto empenho e zelo. *Mas se um sopro enganador da chuva de novembro fez isto em cinco segundos, em seis horas de uma manhã de sábado começaremos a reerguer do chão de novo o hórreo, pedra por pedra, pau por pau.* Isto dizia aos de Salaño Grande Juan, o albanil. E batia nas portas e aos vizinhos dizia: *você vem?* Alguns foram. Hoje na ponta da cruz de ferro reerguida alguns pássaros migrantes pousam antes de voarem em bando ao sul. Sabe-se que nos seus cantos eles relembram o que houve em Salaño Grande.



Terras

Injustas essas pessoas que com palavrinhas de açúcar e com os gestos mimados entre sedas de ternuras falam sobre flores, a minha criação mais difícil e a mais efêmera. Alguns lavram os talos e dizem que limpam da terra os seus detritos. Esses delicados! Sou mãe da vida, eles sabem, contam aos outros, mas depois esquecem. E se lavam de minhas cores quando chegam nos tanques das casas. Também tenho odores, cheiros que não são para o nariz dos que aparecem aqui com polainas e arminhos. E os cantores da vida e essas aparências de arco-íris postas nas palhetas das flores do campo são para os ardis das abelhas e dos passarinhos. Que eles venham entre os seus vôos e o pólen preso em suas patas se misture e fertilize a alma do fruto. Os que buscam o odor das flores pouco sabem que o meu odor mais vivo e verdadeiro é o de mim mesma molhada das águas de outubro quatro dias antes da Lua Cheia.

Também eu tenho cores e o que faço é dispor como mãe e feiticeira as minhas flores e depois, do lado de dentro da casca de meus frutos tingir de laranja, vermelho e verde a carne vegetal da vida. Sou quase branca, sou irmã da neve na beira de riachos de areias e águas de cristal. Mas sou escura como a primeira noite do mundo no fundo dos bosques ermos onde aprendi a ser fértil como a água. Sou vermelha aqui e ali, irmã do sangue dos que chegam e colhem de minhas árvores a sombra, a flor e o fruto. E sei também ser, quando é preciso, de uma cor igual à morte, ou igual ao mel.



Tambre

Águas de memória! Depois de dobrar a nona curva a caminho da geografia de um rio maior do que eu a caminho do mar, os rios de outras terras costumam esquecer o chão de onde vieram. Eu, nunca. Viajei demasiado até aqui e das minhas origens de nada esqueço. Vejam. Agora mesmo estou para chegar com minhas águas à barragem que por um momento acalma o meu ardor errante e aprisiona a ilusão de que eu me tornei um lago. Não esqueço nada. Reconheço de minhas margens o rosto verde e Havana refletindo a figura debruçada de cada árvore, de cada ave, de cada alma de nuvem. Gosto de recordar, meses depois de um dia primeiro, o passar ligeiro de um bando de patos em viagem às águas mais quentes das paragens da África. As cegonhas que por momentos me atravessam aos voos na viagem de ida e, meses depois, no longo tempo do retorno, do alto me espiam. E saibam que eu nunca mais esqueço a filigrana de seus voos. Os rios do acaso viajam entre serras e terras de planura uma efêmera e fácil geografia. Eu movo as águas escritas de minha inapagada história.



Carvaleira

Então? Você reparou bem, amigo, ao chegar aqui, esta castanheira alta, a maior de todas ao redor? E essas macieiras de jardim, enredadas de pequenas flores brancas em agosto e que em outubro dependuram pencas de seus frutos vermelhos e amarelos até quase os galhos encostarem o rosto no chão? E as figueiras? Você viu encostados em algum velho muro de pedras entre as correioiras estreitas das aldeias os seus pequeninos duros frutos ainda verdes? Ainda há pêros e pêras ao longo da trilha depois da lavadeira de Oms de Abaixo, rumo ao bosque por onde navega aos saltos o riacho Chaviello. O que estejam hoje descuidados do labor dos homens não quer dizer que não cubram o chão de frutos à volta de suas copas. Você terá esbarrado em silvas ao longo dos caminhos se acaso chegou até aqui vindo dos montes. Fosse o tempo das amoras e você poderia vir, como a criança de conto de fadas, catando amoras, comendo e manchando de vermelho os lados da boca. Viu como alguns frutos pendem ainda dos galhos e aos poucos apodrecem, enquanto outros, tombados adiante, misturam-se às folhas do outono e ao tecido da terra escura? Pois assim é. Houve um tempo das ovelhas e os jovens daqui eram pastores como em lendas. E a alegria era a posse de um cão de tom cinza. Tempos de vacas mansas, cor da terra vermelha. Nossas terras eram os montes e eles eram cheios da vida quando os pássaros cantavam para os meninos responderem com assobios. Alguns, como eu ainda, teimam em viver. E aprenda que envelhece neles, como em mim, uma canção que nem mais as pedras das estradas sabem decifrar. É quando diante desta Carvalheira eu anoiteço contando casas vazias como estrelas do céu, com medo de que um dia não saiba mais como relembrar.



Chapéus de palha

São tão diversas e são sempre as mesmas as tribos da Terra. E é nos chapéus que algumas mulheres colocam na cabeça - haja ou não sol naquele dia – o lugar onde está, como nas bandeiras dos dias de paz, o que melhor diz de quem somos. No mercado em Tanger as mulheres de um distante povo berbere, desses que atravessam desertos e areias para virem vender tâmaras e ler nas mãos a sorte, sobre as cabeças, cujos rostos ao contrário das crentes em Alá, dispensam véus e outros disfarces, se escondem do sol com amplos chapéus de palha de grossos fios entretecidos de lãs escuras de camelo, e também com barbantes de linha tingida e grossa, amarrados na direção dos quatro pontos cardeais entre a aba e a copa. Os seus maridos discrepam dos árabes também seguidores do Profeta, porque se cobrem com trajes curtos em que um guerreiro da Escócia se sentiria a vontade, mas sem pregas e tingidos de um vivo vermelho quase carmesim. Vendem água fresca nas ruas e nos mercados e dependuram na roupa as taças de que se servem os passantes. Os chapéus de palha das mulheres chamam de longe a atenção, nesta terra onde é de panos que elas se cobrem do ardor do céu e dos olhos de fogo dos homens. Em Tanger os chapéus quase parecem uma pequena festa tropical, e lembram a quem tenha estado em desertos do norte do México, os chapéus de palha de alguns povos de índios Zapotecas. Recordam, ainda, embora sem tantas cores, os chapéus que as mulheres da Galícia colocam sobre lenços na cabeça. De palha também e sempre com uma única fita preta. Lá, onde ao contrário de Tanger e do Norte do México, só há desertos nos livros das escolas e o sol apenas uma vez ou outra vence o chapéu cor de cinzas com que as nuvens cobrem o rosto e o corpo verde e feminino da Galícia.



Oliveiras

Os de hoje não sabem fazer mais, dizia entre tragos de um cigarro, como quem não duvida do que fala, um velho que se anuncia: gente daquele tempo. Um homem no trem e ter Tua e Mirandela, quando os trilhos percorriam terras ao longo da beira de um riacho. Então com os dedos já encurvados como a lâmina de uma foice, ele apontava ao vizinho de banco e a todos os outros poucos viajantes do vagão os morros de um lado e do outro da estrada de trilhos de bitola estreita e do riozinho de águas claras, saltitando como em festa em busca do rio Douro. Saindo a prumo da beira das pedras do córrego os morros também de pedra e pouca terra escura escalam altos íngremes e fogem do trem até distâncias de seus longes ermos. Alguns estão plantados de oliveiras como se Cristo por ali pregasse, falando em peixes e pães sem fermento. Ora, para reunir e manter junta a terra suficiente a cada pé de olivas e evitar que com as chuvas de julho os torrões escorram monte abaixo, os homens do passado edificaram difíceis terraças de lascas de pedra áspera, empilhadas como se cada uma fosse um pequeno forte à espera do inimigo. Em alguns morros as oliveiras são muitas, mas nunca conformam bosques, de tal sorte que mesmo entre tantas, cada árvore se sente solitária cada uma em sua porção de terra, cada uma em sua única terraça igual a todas. O velho no trem aponta os montes e pergunta a si mesmo e a todos se os homens de agora, moços esguios e mestres de máquinas, seriam capazes de uma tal proeza. E ele mesmo responde que não, e olha trigueiro os olhos dos mais moços. A velha de brincos de ouro entre rugas e cabelos de prata concorda e sentencia: *agora estão aí as máquinas e elas deitam a perder tudo*. E depois fecha os olhos, e sonha com uma cozinha quente, o fogão aceso e sobre a mesa, pão, sardinhas, vinho e azeite.



Rosalia

Falo das origens. Sonhei um sonho que me sonhava. Eu ainda nem era e me foi dado vir vindo até aqui. O escuro custava a ir embora e era o inverno de outro ano. De outro tempo. E eu via o que entre essas casa daqui havia e era inverno. E sem saber como, eu procurava fazer o trabalho das mulheres. Que elas tivessem e eu não ainda as roupas de mulher, tingidas da cor de um negro que dá ao corpo do volume da noite, pareceu-me o meu pesar. Mas o tempo de prantear não era ainda. Que estivessem elas com esses lenços também do mesmo negro e os chapéus de palha, pareceu de repente o meu pecado. Foi com os olhos no chão que andei pela casa entre elas. E porque será que quando a chuva veio, ela molhou os seus linhos, suas lãs, e as minhas não? Ouvi que algumas falavam às outras de seus homens mortos. Falavam de outros, distantes, errantes em outras terras, do outro lado do mar. Terras de sonoros nomes além de nossa geografia. Quem não tem a quem chorar é órfão. Eu tinha. Foi eu dizer isso e pela primeira vez elas me olharam e algumas sorriram. Uma delas disse: *aguarda, espera...* E elas faziam os seus labores e era só por eles que a tarde tardava em ir embora. Eu apertava o ubre das vacas e saiam palavras. Dava nos campos, como elas, com a gadanha nos feixes de trigo, e reunia molhos de frases. Na outra casa em que me abriram a porta eu entrei e acendi o fogo da lareira. Acendi o verbo, um verso, não sei... um canto.

Quando foi um sino em Bastavales – e eram sete horas – cobri com as mãos o rosto. Quando abri havia este poema. Assim foram as origens. Quando no sonho de quem fui voltei aos ares de onde vim, ousei dizer a quem distribui as almas entre os destinos: *há um lugar onde corre um pequeno rio sobre claras pedras. Uma árvore de corpo retorcido. Um mugir de vacas, uma fonte de pedras e algumas mulheres, como em Cafarnaum. Ali eu quero estar.* E ele disse uma palavra: *vai!* A morte veio cedo, mas não tanto. Eu a esperava como quem no porto aguarda um pai que partiu há tempos, nunca escreveu e agora volta. Deitada na cama pedi que abrissem a janela. Que desde Padrón eu visse o mar. Não vi. Mas foi quando de novo o sino de Bastavales tocou as sete horas. Fechei os olhos e então o escuro era toda a luz.



*Foz/Santa Maria de Ons/Santiago de Compostela/Paris
1992/1997/2006
Eldorado/Campinas/Caldas
1997/2006/2007
Caldas, Rosa dos Ventos
dezembro de 2016/janeiro de 2017*

Adendo sobre estes poemas

Estes longos poemas foram na origem um conjunto de escritos com um outro nome: ***Cantos de Ons***.

Foram escritos a mão em um caderno de capa dura, azul e negra. e ainda na Galícia foram depois para um outro, com este novo nome: ***A terra do fim do Mundo***, durante os dias 22, 23 e 24 de dezembro de 2003. Foram depois completados na noite de Natal, sob chuva, no Rio de Janeiro, onde nasci em abril de 1940.

No caderno original estavam escritos esses nomes: ***As lendas de Ons, As fábulas de Ons***. E estava escrito também isto: Eldorado, *24 de maio de 1997*. Entretanto, o então primeiro poema: *O deus sonhado* (inspirado em Angel Crespo) está datado assim: *Foz, janeiro de 1997*. Eu estava então em Foz, no litoral da Galícia. Havia no horizonte ao Norte uma grande tempestade boreal, e eu havia ido passar lá sozinho o Ano Novo de 1996 para 1997. Como eu me lembro de haver retornado a Santiago e a Santa Maria de Ons no dia 3 de janeiro, aqueles terão sido os primeiros dias da escrita dos poemas.

Assim sendo, quero crer agora que os poemas que trouxe para este livro foram iniciados em Foz, na Galícia, diante do oceano E já no Brasil, foram entre 1996 e 1997 revistos em Eldorado, no vale do rio Ribeira, em São Paulo.

Terá sido quando comecei a reunir alguns escritos trazidos da Galícia com outros, escritos antes ou depois de minha segunda estada lá, em 1996. Alguns escritos vinham de apanhados e fragmentos de poemas e lendas a que dei nomes provisórios como ***Lendas***, ou ***Os Cantos de Ons***. Alguns escritos a mão e outros datilografados.

Viando comigo entre terras e tempos, os poemas aqui transcritos começaram a ser concluídos em Paris, em casa de minha filha, Luciana. Depois de tudo e de tanto, o livro foi afinal finalizado entre minha casa no bairro do Cambuí, em Campinas, e sítio da Rosa dos Ventos, no Vale da Pedra Branca, na cidade de Caldas, no Sul de Minas.

Remetido à Galícia, o conjunto de poemas já com o seu nome definitivo: ***O Caminho da Estrela***, foi vertido para o galego por Luciano Peña Andrade. Em galego o livro tomou este nome: ***A Senda da Estrela*** e foi publicado pela Editorial Toxosoltos. Em Português ***O Caminho da Estrela*** foi publicado em Goiânia pela Editora da Universidade Católica de Goiás.

Trouxe do livro original para as páginas finais de ***Com o sol do outono sobre os ombros***, alguns poemas que foram na íntegra inspirados pelas pessoas, cenas e cenários das aldeias galegas. E, sobretudo as da região da Amahia, entre os rios

Barcala, Xallas e Tambre.

E mais do em todas, os poemas são a palavra do que vivi, vi e partilhei entre as aldeias de Santa Maria de Ons.



O que foi lido e folheado durante e depois da pesquisa

BOSI, Ecléa

Rosalía de Castro – poesía

1987, editora Brasiliense, São Paulo

BORGES, Julio Hernandez

Três millóns de galegos

Série Galícia

1980, Universidade de Santiago, Santiago de Compostela

BRAVO, Hipólito de Sá

Creencias del costumbrismo religioso em Galícia

1991, Servicio de Publicaciones de la Excma Diputación de Pontevedra, Pontevedra

CARDESIN, José Maria

Tierra, trabajo y reproducción social en la aldea galega (s. XVIII-XX) – muerte de unos, vida de otros

1990, Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, Bilbao

CASTRO, Basilio Losada e GÓMEZ, Xesus González (orgs.)

Antoloxía poética Leliadoura (1985-1997)

2005, Sotelo Blanco Edicións, Santiago de Compostela,

COMISIÓN GALEGA DO QUINTO CENTENÁRIO

Revista da Comisión Galega do Quinto Centenário – nº. 2.

1989, Grafico Galaico, A Coruña

CONSELLO DA CULTURA GALEGA – Comisión de Antropoloxía

Nacemento, casamento e morte em Galícia – respostas à enquisa do Ateneo de Madrid (1901-1902)

1990, Consello da cultura galega, A Coruña

DE JUANA, Jesus e CASTRO, Xavier

Vª. Xornadas de historia de Galícia

Galícia y América: el papel de la emigración

1990, Deputación OURENSE, Quintela, Ourense

EXCMA. DIPUTACIÓN PROVINCIAL DE LA CORUÑA/PUBLICACIONES

III Jornadas agrárias galegas – a pequena agricultura

1987, Editorial Diputación Provincial, La Coruña

FRAGUAS Y FRAGUAS, Antônio
La Galicia insólita – tradiciones galegas
 2001, Edicios do Castro, Sada, A Coruña

LIÑARES GIRAUT, Xosé Amâncio
O val do Barcala

LIÑARES GIRAUT, Xosé Amâncio (org)
Negreira – capital barcalesa
 1990, (sem indicação de editora), Negreira

LISON TOLOSANA, Carmelo
Antropología cultural de Galicia
 1990, Editora AKAL Universitária, Madrid

LISON TOLOSANA, Carmelo
Brujería, estrutura social y simbolismo em Galicia
 1987, Ediciones Akal, Madrid

PATIER, E. diez
 INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGACIONES AGRÁRIAS
 série; economía y sociología agrárias
Galicia rural y el año 2000 – um análisis tipo Delphi
 1979, nº 6, INIA, Madrid

PEREZ, Clodio Gonzáles
Brión – historia, economía, cultura, arte
 1998, Editorial Toxosoltos, Noia

RIVAS, Manuel
Galicia – el bonsai atlântico
 1989, El País/Aguilar, Madrid

TOJO, José Fariña
Los asentamientos rurales em Galicia
 1980, Instituto de Estudios de Administración Local, Madrid

(sem indicação de autor)
Revisión das normas subsidiárias de Brión; Fase: Información Urbanística e Avance de Planejamento, tomo 1
 1983, Consultoria Galega, Memória, Santiago de Compostela



Escritos da Sequência Galega

Aldeas – escritos e imaxes da Galícia Tradicional – Santa Maria de Ons – Brión

2003, Editorial Toxosoltos, Noia

O Caminho da Estrela

2009, Editora da Universidade Católica de Goiás, Goiânia

A Senda da Estrela

2009, Editorial Toxosoltos, Noia

Crônicas de Ons

1992/2016-17

Com o Sol do Outono sobre os Ombros

1992/2016-17

O Corpo Coberto de Cores - imagens, sons e memórias de festas de cidades e de aldeias da Galícia

1992/2017

O Caminho do Fim do Mundo

1992/2017

Uma estrela, um Caminho, um Peregrino

1992/2017

Breviário do Norte

1996/2017

Vida Peregrina - trilhas derivas travessias

1992/2018

Aldeias da Amahia – rostos gestos

1992/2017

Festa Galega

1992/2017

Diário de Galícia

1992/2017

O Sexto Sol

1992

A dupla data de quase todos os livros refere-se ao ano em que de algum modo começaram a ser redigidos a mão durante o primeiro ano em que vivi na Galícia, e os anos ou o ano da redação final.





*Este livro resulta de uma longa pesquisa de campo
entre aldeias da Galícia, no ano de 1992.
Nunca foi impresso e publicado e creio que nunca será.*

*Nesta versão eletrônica
este livro pode ser
acessado, lido e utilizado
de forma livre, solidária e gratuita.*

*Outros escritos meus
podem ser de igual maneira acessados em*

*www.apartilhadavida.com.br
www.sitiodarosadosventos.com.br*

LIVRO LIVRE